



EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

«E VÓS, QUEM DIZEIS QUE EU SOU?»



RIMINI, ABRIL DE 2026

«E vós, quem dizeis que eu sou?»

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



Rimini, abril de 2026

NOTA DE LEITURA

Os Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação em Itália, em 2026, realizaram-se em dois turnos: o primeiro (10-12 de abril) para os inscritos da região da Lombardia, o segundo (17-19 de abril) para os inscritos oriundos de outras regiões. Os conteúdos da saudação introdutória de Davide Prosperi, da introdução e das duas meditações do padre Emmanuele Silanos são substancialmente iguais; pelo contrário, os temas que surgiram nas duas assembleias são diferentes, e por isso os respetivos textos estão ambos reunidos no presente livrinho, com uma intervenção editorial mínima, para eliminar as repetições. Todas as homilias das Missas dos dois turnos foram reunidas no final do livrinho.

Na capa: Andrej Rublëv, *Salvador*, têmpera de ovo sobre madeira, 1400-1420, da Catedral da Dormição de Zvenigorod, Moscovo, Galeria Estatal Tretyakov.

«Por ocasião dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema “E vós, quem dizeis que eu sou?”, o Santo Padre Leão XIV envia os seus cordiais cumprimentos, desejando que os dias de oração e de reflexão suscitem o desejo de regressar à raiz do espanto: o encontro com uma pessoa viva. Num mundo que tantas vezes reduz o cristianismo a uma ética ou a uma emoção passageira, sois chamados, com efeito, a reconhecer que Jesus é o centro do cosmos e da história, mas sobretudo que é o sentido presente do vosso dia, do vosso estudo, do vosso trabalho e das vossas comunidades. Com estes votos, o Sumo Pontífice assegura a sua oração e concede de bom grado a bênção apostólica.»

Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade,
1 de abril de 2026

Sexta-feira, noite

Johannes Brahms

Sonata em lá maior para piano e violino, Op. 100

Piano, Gyorgy Sebok – Violino, Arthur Grumiaux

“Spirto Gentil” n. 15, (Philips) Universal

■ SAUDAÇÃO INTRODUTÓRIA

Davide Prosperi

Lemos nos *Atos dos Apóstolos*: «Quando chegou o dia de Pentecostes, encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar. De repente, ressoou, vindo do céu, um som comparável ao de forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde eles se encontravam. Viram então aparecer umas línguas, à maneira de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo».¹

Comenta *don* Giussani, num livro sobre a fê destinado às crianças: «O Espírito Santo é fonte de inteligência, de caridade e de amor, ou seja, faz-nos perceber com entusiasmo as coisas boas e faz nascer a paixão de vivê-las e comunicá-las aos outros. Por isso o Senhor usou como símbolo do seu Espírito o fogo, e assim, no Pentecostes, os apóstolos perceberam o verdadeiro valor da vida, que é Jesus, e sentiram-se invadidos pelo ardor de o dar a conhecer a todo o mundo. Como um fogo atizado a um tronco apanhado num caminho se comunica a toda a outra lenha e aquece a casa toda».²

Invoquemos então com coração simples, como crianças, o Espírito Santo, para que nos dê a conversão de coração para podermos viver estes dias com inteligência e apaixonada disponibilidade, voltando o olhar para Cristo sem opor resistência.

Descei, Espírito Santo

¹ Cf. At 2,1-4.

² L. Giussani, «LO SPIRITO SANTO 20. Il fuoco segno di carità», em Id., *La fede e le sue immagini*, Jaca Book, Milão 1984.

É bonito encontrarmo-nos de novo aqui reunidos. Agradeço ao padre Emmanuele Silanos, que se disponibilizou para pregar os Exercícios este ano, aceitando o não pequeno sacrifício de os pregar duas vezes. Serão 71 os países, no total, a acompanhar estes Exercícios, alguns em direto, outros em diferido. Em Espanha e nos Estados Unidos serão pregados *in loco* pelo padre Javier Prades, que preparou estes Exercícios juntamente com o Emmanuele. Agradeço-lhe também a disponibilidade para este serviço. Estará connosco Sua Excelência, Dom Ivan Maffei, arcebispo de Perugia-Città della Pieve: é uma presença para nós muito importante, dado o seu papel de Conselheiro Espiritual da Fraternidade.

Passo à leitura do telegrama do Santo Padre Leão XIV:

«Por ocasião dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema “E vós, quem dizeis que eu sou?”, o Santo Padre Leão XIV envia os seus cordiais cumprimentos, desejando que os dias de oração e de reflexão suscitem o desejo de regressar à raiz do espanto: o encontro com uma pessoa viva. Num mundo que tantas vezes reduz o cristianismo a uma ética ou a uma emoção passageira, sois chamados, com efeito, a reconhecer que Jesus é o centro do cosmos e da história, mas sobretudo que é o sentido presente do vosso dia, do vosso estudo, do vosso trabalho e das vossas comunidades. Com estes votos, o Sumo Pontífice assegura a sua oração e concede de bom grado a bênção apostólica. Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade».

É uma alegria que o Papa nos tenha feito chegar a sua saudação. São tempos dramáticos, os tempos que atravessamos, nos quais a voz do Bispo de Roma constitui um farol de luz para o qual somos todos chamados a olhar, porque nos permite atravessar quaisquer trevas. Por isso, no site *clonline*, estamos a publicar as suas intervenções; unimo-nos à Vigília de oração convocada pelo Santo Padre, oferecendo a Santa Missa pela paz, em unidade com toda a Igreja.

Foi-me entregue esta carta de Sua Excelência, Dom Jules Boutros, bispo siro-católico do patriarcado de Antioquia, com sede em Beirute; é um amigo nosso, a quem perguntámos como é que a comunidade cristã do Líbano está a enfrentar este momento tão duro:

«Nós, cristãos do Líbano, somos como uma semente aparentemente sufocada pela terra que a cobre por todos os lados: desde as guerras que se repetem infinitamente até à explosão do porto de Beirute, passando

pela crise financeira... mas, no meio de tudo isto, a graça de Cristo Ressuscitado faz-nos sempre reencontrar o caminho para o alto, para a luz, para dar fruto e vida. É a nossa fé que nos mantém de pé e nos permite não nos rendermos à desilusão e à indiferença habituadas à ausência de paz. Por isso, encontramos hoje todo o sul do Líbano esvaziado dos seus habitantes, exceto as poucas aldeias cristãs que se recusaram a abandonar a sua terra. É a nossa fé que nos leva a abrir os nossos mosteiros para acolher os deslocados cristãos e muçulmanos. É a nossa fé na dignidade do homem “Imago Dei” e na fraternidade universal que nos leva a condenar todas as guerras. O nosso medo, desilusão, ansiedade e fé levam-nos hoje a correr para despertar Cristo, que parece adormecido na nossa barca, e a suplicar-lhe que realize aquilo que nós não conseguimos fazer: o milagre da paz».

Para dar início a este gesto, queria recapitular convosco algumas das coisas que vivemos nestes meses, a partir da Jornada de Início de Ano: *«Cristo, novo princípio de conhecimento e de ação»*.³ Depois passarei a palavra ao padre Emmanuele, para nos introduzir nos conteúdos destes dias.

1. O movimento: um acontecimento de vida

Vivemos um período rico em coisas que aconteceram, que nos surpreenderam e até contestaram a nossa forma habitual de pensar. Em janeiro, tivemos a primeira audiência privada com o Santo Padre, que nos confortou e confirmou, mas que também nos convidou a uma decisão mais importante no caminho que estamos a percorrer. Como prova disso, recebemos hoje a mensagem que acabei de ler. Num momento em que certamente não lhe faltam compromissos e preocupações, devido à situação de conflitos e de violência no mundo, não quis que nos faltassem as suas palavras: isso leva-nos a dizer que nos tem no coração, como um verdadeiro pai. Como se não bastasse, aceitou o nosso convite para participar este ano no Meeting de Rimini no primeiro bloco de visitas pastorais: um facto excecional, e não apenas para nós. No mesmo dia, tivemos o feliz anúncio da data de encerramento da fase diocesana da causa de beatificação e canonização do nosso *don* Giussani, no próximo dia 14 de maio. E depois, houve a recente abertura da causa de beati-

³ Cf. D. Prosperi, *«Cristo, novo princípio de conhecimento e de ação»*, por: clonline.org

ficção de Marco Gallo, um rapaz da *GS* de quem falámos também na *Tracce* do mês passado, e o posterior avanço da causa relativa a Enzo Piccinino. Estamos, portanto, numa fase em que os dons que recebemos são muitos e verdadeiramente grandes.

Na *Tracce* e no site *clonline*, lemos continuamente tantos testemunhos de uma vida que floresce e refloresce em tantos lugares do mundo. A alguns deles, eu assisti pessoalmente: estou a pensar no grupo da *GS* que nasceu em torno do Aaron, um professor nosso numa escola do Kansas, que, com os seus jovens, veio ao New York Encounter para apresentar uma exposição sobre o livro de don Giussani *Il tempo e el tempio*.⁴ Estes estudantes juntaram dinheiro ao longo do ano para poderem viajar de avião e, durante o voo, conheceram um comissário de bordo que ficou impressionado com a forma como eles estavam juntos, a tal ponto que também quis participar no evento, para perceber qual era a origem daquela diferença que tinha visto naqueles jovens. Além disso, alguns deles nem sequer seguiam o caminho da *GS*, mas – envolvidos pelos seus colegas – vieram, ainda assim, apresentar uma exposição que conta a sua experiência do encontro com don Giussani.

Outro exemplo é o fermento gerado pela iniciativa dos jovens da *GS* que, juntamente com os seus professores, levaram para as escolas italianas a exposição *Profecias pela paz*, que em agosto será exposta no Festival dos jovens de Assis, na presença do Papa. E depois, há o renovado entusiasmo dos jovens do CLU, que desemboca numa presença pública capaz de um juízo sobre o que acontece na universidade e no mundo. Não posso deixar de referir também a presença comunitária de adultos nos diferentes ambientes de vida: os nossos amigos cubanos, com quem nos escrevemos nos dias difíceis das graves restrições (que ainda não acabaram), demonstraram uma fé sólida e uma caridade recíproca madura, viril, sem fazer contas, sem pretender nada, mas vivendo aquilo que lhes é dado viver; de uma forma que lembra a dos primeiros cristãos no seio das suas comunidades. Penso depois nos amigos chilenos, uma comunidade madura e viva; uma deles, a Paula, escreve agora canções para a nossa companhia, como acontecia no início do movi-

⁴ Do livro *Il tempo e il tempio. Dio e l'uomo* (BUR, Milão 2015) foi recentemente publicada a tradução em língua inglesa: L. Giussani, *Time and the Temple. God and Man*, Slant Books, Seattle 2026. Sobre a exposição no New York Encounter: V. Frigerio, «“Caro don Giussani...”. Un filo lungo duemila anni», *clonline*, 25 de março de 2026.

mento: é um sinal de novidade que acontece, de um início que continua a acontecer.⁵ Em março, assistimos à inauguração do Centro de Estudos Luigi Giussani, em Roma, que irá seguramente favorecer uma difusão cada vez maior do seu pensamento e do seu ensinamento também a nível académico.

Detenho-me aqui, mas poderia continuar por muito tempo. Quantos dons, quantos sinais para onde olhar para afastar a névoa da alma que às vezes desanima os nossos dias!

2. Uma viragem da nossa história

Este é um momento muito importante para nós, aliás, fundamental. Neste último troço de caminho da nossa história, a Igreja acompanha-nos, conduz-nos a uma mais profunda e perspicaz tomada de consciência do que é um carisma; e, mais em especial, do que é o *nosso* carisma, para que serve, o que significa viver a responsabilidade por ele; e, não menos importante, o que significa ser um movimento na Igreja. Nestes aspetos, reconhecemos a necessidade e a urgência, para nós, de um aprofundamento da nossa experiência e do nosso envolvimento pessoal nessa experiência.

A aprovação das alterações aos Estatutos da Fraternidade renovou e relançou a vocação atribuída pelo Espírito a cada um de nós: através do encontro com o movimento, fomos chamados a ser amantes de Cristo e agentes da Sua presença no mundo. Já tivemos, nos últimos meses, muitas ocasiões para sublinhar a importância dos Estatutos, por isso não quero alongar-me sobre isso; quero simplesmente indicar o ponto que me parece resumir o cerne da questão.

Vou tentar dizê-lo com as palavras de Giussani na síntese dos Exercícios Espirituais de 1982, os primeiros depois do reconhecimento da Fraternidade (encontram-nas agora também no livro *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, que voltámos a publicar numa nova edição revista e ampliada): «Aquilo que queremos, a obra que temos de realizar – a obra faz parte do objetivo da Fraternidade [...] – é o movimento. A obra que queremos realizar é que esta experiência de fé e de humanidade se difunda o máximo possível, se

⁵ Cf. M. Rigamonti, «Come è nata “Nuestra Señora de la Esquina”», *clonline*, 20 de abril de 2026.

aprofunde e se difunda o máximo possível. Ora, aquilo que nós esperamos da Fraternidade é que ela crie, eduque, amadureça as muitas pessoas que colaboram na difusão desta experiência, ou seja, que edificam o movimento. Porque o movimento não é edificado pela organização, mas pela vida das pessoas. A organização é um instrumento, como o leito de um rio: o rio não é o seu leito, mas a água que por lá passa. Neste sentido, a instituição da Fraternidade é verdadeiramente um apelo à pureza total no compromisso com o movimento».⁶ Não há nada que nos interesse mais na vida do que o facto de que Cristo seja conhecido e reconhecido: e nós vivemos esta paixão pela Sua glória no mundo – tal como somos, com todos os nossos defeitos, os nossos tropeções e os nossos problemas – através da edificação do movimento, como diz *don* Giussani. Com efeito, o título do livro (que reúne as primeiras intervenções dirigidas por Giussani à Fraternidade, percorrendo cronologicamente a história através da qual se chegou ao nascimento dos grupos de Fraternidade; é por isso que tantas das perguntas que nos chegam sempre sobre este tema encontram resposta neste que é um dos livros de Giussani menos lidos, apesar de ser uma mina!) indica precisamente que é esta edificação do movimento a «obra» a que a Fraternidade é chamada.

Por isso, na síntese da Assembleia de Responsáveis de Itália de janeiro passado, tendo ainda fresco o diálogo com o Santo Padre, quise-mos partilhar com todos uma provocação radical à liberdade de cada um: para uma adesão mais decidida ao carisma, para uma mais consciente e mais apaixonada pertença ao movimento, para que cada um de nós tome consciência por si da urgência de voltar a dizer hoje, conscientemente, aquele «sim»: «Sim, estou aqui».⁷ Uma provocação que se revelou importante para muitos, excedendo bem as intenções iniciais, fazendo também surgir tantas perguntas – sempre úteis, na medida em que são perguntas – sobre o que significa pertencer ao movimento de CL hoje e sobre qual é a sua proposta que chega agora até nós.

Do confronto destes meses, surgiram especialmente duas questões.

A primeira (podemos resumi-la assim) tem a ver com o nexó entre a liberdade pessoal e a proposta do movimento. Todos nós, julgo eu,

⁶ L. Giussani, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, Editrice Nuovo Mondo, Milão 2026, pp. 88-89.

⁷ Cf. D. Prosperi, «A nossa responsabilidade», *por:clonline.org*, p. 2.

podemos afirmar que o encontro com o movimento potenciou a nossa personalidade e exaltou a nossa liberdade, precisamente porque foi o encontro com uma presença cheia de significado e de proposta para a vida. Aquilo que nos fez crescer, que nos deu gosto e energia, e continua a dar, que gerou um desejo novo de nos darmos a nós mesmos, foi uma proposta de vida à altura das expectativas do nosso coração. Esta proposta é feita, claro, de conteúdos e de ensinamentos, mas não apenas de palavras, como também de amizade e de partilha das experiências da vida, de gestos educativos fundamentais e de referências indicadas, de juízos dados, de coisas que aconteceram e de exemplos ocasionalmente valorizados. O movimento como proposta de vida, como «companhia guiada para o destino»,⁸ é tudo isto: não “uma linha” de pensamento ou de ação para a qual devemos olhar de forma passiva, mas uma proposta de vida, completa, a que temos de aderir de forma consciente. Foi a esta companhia guiada que nós dissemos e dizemos sim, porque reconhecemos o movimento como o caminho para a maturidade da nossa fé e para a plenitude da nossa vida.

A isto liga-se a segunda questão que surgiu nestes meses: o nexo entre a liberdade pessoal e a unidade do movimento. Se esta companhia é «um só corpo», como Giussani afirma em *Uma revolução de si*,⁹ se nos tornámos «um» em Cristo Jesus, esta unidade sacramental que nasce do Batismo tenderá a expressar-se como tentativa de enfrentarmos juntos todos os problemas. Caso contrário, a novidade que pertence à ontologia permanece inerte, inoperante, não se traduz na vida real. Nós, pelo contrário, desejamos esta tradução “visível”, para gritar ao mundo que Cristo está presente, está vivo; para que o fogo do Espírito – como dizíamos há pouco – aqueça a casa toda. É o que estamos a redescobrir através da retoma das intervenções de Giussani depois da crise da *Gioventù Studentesca* de 68, no momento em que estava a surgir Comunhão e Libertação, depois do abandono de muitos.¹⁰ E é isso que Gius-

⁸ Cf. L. Giussani, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, op. cit., pp. 28, 55, 70 e 104.

⁹ Cf. L. Giussani, *Uma revolução de si. A vida como comunhão (1968-1970)*, Aletheia, Lisboa 2025, pp. 242-245.

¹⁰ Refere-se ao livro de L. Giussani, *Uma revolução de si. A vida como comunhão (1968-1970)*, op. cit., e Id., *Un volto nella storia. Il compito della Chiesa nel mondo (1969-1970)*, Rizzoli, Milão 2025. Sobre as vicissitudes do movimento no 68, veja-se A. Savorana, *Luigi Giussani, A sua vida*, Tenacitas, Coimbra 2014, pp. 401 ss.

sani volta a dizer nos primeiros Exercícios Espirituais da Fraternidade: «No início do movimento, nos primeiros anos, não se construiu sobre os valores que Cristo nos tinha trazido, mas construiu-se sobre Cristo, ingenuamente, se quiserem, mas o tema do coração, o motivo persuasivo, era o facto de Cristo e, por isso, o facto do Seu corpo no mundo, da Igreja. No início construía-se, tentava-se construir, sobre uma coisa que estava a acontecer, não sobre os valores recebidos e, portanto, sobre a nossa inevitável interpretação destes: tentava-se construir sobre uma coisa que estava a acontecer e que nos tinha revestido. Por mais ingénua e obviamente desproporcional que esta posição fosse, era uma posição pura».¹¹

Se estamos aqui, é porque reconhecemos que nada é capaz de provocar, acender, valorizar, empenhar a nossa liberdade, como a proposta educativa forte e clara que encontrámos no movimento. Por isso, uma atitude da nossa parte que seleccionasse, que nos tornasse árbitros da proposta de acordo com a nossa medida, seria uma redução e não uma afirmação da nossa liberdade. Se o movimento nos revelou a forma mais persuasiva e pedagógica de viver Cristo e a Igreja, segui-lo com tudo de nós é liberdade: é isto a liberdade! Mas dou-me conta de que reconhecer isto implica uma conceção de liberdade que já não podemos continuar a dar por adquirida.

3. Uma decisão para a existência

Teremos a oportunidade, nestes dias, de aprofundar ambas as questões agora levantadas nas lições e, eventualmente, na Assembleia. Queria concluir então sublinhando que, para que isso possa realmente acontecer (e não seja, em vez disso, a nossa medida a dominar), é necessário que nos ajudemos reciprocamente a colocarmo-nos diante de Cristo, d'Aquele que está entre nós, com simplicidade de coração, com pobreza de espírito, com a disponibilidade de filhos, como Ele mesmo nos indicou: «Aprendei de mim, que sou manso e humilde do coração».¹² Devemos, todos olhar para Ele, que deu a Sua vida por nós: a nossa liberdade cumpre-se olhando para Ele, ouvindo-O, acolhendo-O.

¹¹ L. Giussani, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, op. cit., pp. 78-79.

¹² Mt 11,29.

Por isso, no início, invocámos o Espírito Santo. Por isso nos convidamos ao silêncio nestes dias (como depois nos recordará o padre Emmanuele): para que nenhuma outra voz se sobreponha à Sua voz. Não nos devemos assustar se não percebermos logo tudo. Sobretudo, não fiquemos presos a nós mesmos e às nossas reações – se estamos ou não imediatamente de acordo com o que nos é dito –, mas deixemos que seja outra voz a dominar que não a nossa: fixemos o nosso olhar em Cristo. Olhemos para o rosto de Cristo, para as suas feições, não aquilo que nós criamos, mas aquilo que nos é dado, permitindo-lhe penetrar nas nossas armaduras com a beleza do seu rosto de Ressuscitado. Os dias que nos esperam ajudar-nos-ão assim a responder não só às questões que surgiram, mas, acima de tudo, à grande pergunta que Jesus dirigiu aos seus discípulos e que escolhemos como título e tema destes Exercícios: «*E vós [ou seja, nós] quem dizeis que eu sou?*».

Não existe nenhuma pergunta mais importante do que esta, como nota Kierkegaard: «Que o cristianismo te foi anunciado significa que *tu* *deves* tomar posição diante de Cristo. Ele, ou o facto de que Ele existe ou existiu, é a decisão de toda [toda!] a existência».¹³

A nossa companhia existe apenas para nos acompanharmos e sustentarmos nesta decisão, pela qual Giussani gastou toda a sua existência e à qual dedicou, especialmente, o texto sobre o qual estamos a trabalhar na Escola de Comunidade deste ano, *Na origem da pretensão cristã*. Escreve no Prefácio: «Tenho especial interesse por este livro, porque exprime as razões de uma fé consciente e adulta».¹⁴ Para oferecer a todos um percurso orgânico e unitário e favorecer assim o trabalho pessoal de cada um durante o ano, optámos por harmonizar os Exercícios com o trabalho de Escola de Comunidade: desta maneira, será também mais simples retomar o seu conteúdo nos próximos meses.

Agradeço mais uma vez ao Lele (como tantos lhe chamam) por ter aceitado pregar estes Exercícios; passo-lhe a palavra. Bons Exercícios!

¹³ S. Kierkegaard citado em L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Tenacitas, Coimbra 2012, p. 46.

¹⁴ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 12.

■ INTRODUÇÃO
Emmanuele Silanos

«Quem dizem os homens que eu sou?»

Obrigado, Davide, boa noite a todos.

«Ao chegar à Cesareia de Filipe, Jesus perguntou aos seus discípulos: “Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?”. Eles responderam: “Uns dizem que é João Batista; outros, que é Elias; e outros, que é Jeremias ou algum dos profetas”».¹⁵

Esta passagem do Evangelho faz-me lembrar a primeira vez que falei nos salões desta Feira. Foi em 2008, e o Meeting de Rimini tinha pedido à Fraternidade de São Carlos Borromeu para indicar um missionário para dar o seu testemunho por ocasião de um ciclo de encontros com diferentes personalidades da Igreja e do movimento: não sei porquê, mas os meus superiores tinham indicado o meu nome, visto que estava em Taiwan há pouco mais de um ano e meio e a minha experiência de missão era ainda muito incipiente. Para este encontro, moderado pelo Alberto Savorana, tinham sido convidados outros dois conferencistas: o Felice Siciliano, de Nápoles, que contava as atividades que promovia com outros amigos da comunidade no *rione Sanità*, e depois a convidada de honra, a Madre Elvira Petrozzi (1937-2023), fundadora da Comunidade Cenáculo, que muitos de vocês certamente conhecem, e que foi uma das personalidades mais relevantes de Igreja italiana do século XX, um mulher vulcânica e tocada pelo Espírito Santo, grande testemunho de fé e de caridade.

Nas semanas que antecederam o encontro, eu, jovem padre há pouco tempo em missão no Extremo Oriente, perguntava-me como iria contar ao povo do Meeting os meus primeiros meses passados na periferia de Taiwan, bem consciente de que a minha experiência não poderia de forma alguma ser comparável às obras de caridade das duas outras testemunhas. E foi assim que me identifiquei com a passagem do Evangelho que acabei de ler. Era julho, um mês tórrido em Taiwan, e eu estava

¹⁵ Mt 16,13-14.

no meu quarto, no primeiro andar da nossa casa, adjacente à pequena igreja paroquial dedicada a São Francisco Xavier, que nos tinha sido confiada três anos antes e cujo pároco era então o padre Paolo Costa, de Imola. Lá fora, ouvia-se o barulho habitual vindo do pitoresco e cheio de gente mercadinho onde a nossa igrejainha está ainda hoje metida: um grande vaivém de pessoas que vendem, compram, gritam entre as bancas onde se encontra de tudo, e depois os muitos sons, cores, cheiros a que levamos algum tempo a habituarmo-nos, mas que nos deixam sempre fascinados e espantados da primeira vez que os temos à frente. E imaginava que, enquanto eu, cheio de calor, estava a preparar a minha intervenção para o Meeting, alguém tocava à campainha da nossa porta. Estando sozinho em casa e vencendo um pouco da minha inércia, um tanto apático, descia as escadas e, preguiçosamente, abria a porta de casa encontrando-me diante de Jesus. Depois dum primeiro e natural segundo de surpresa, perguntava-Lhe: «Senhor, o que fazes aqui? Entra, por favor, não fiques aí ao sol». E Ele respondia-me: «Olá Lele, não te preocupes, não quero entrar... estava a passar por aqui e perguntava-me: esta gente, as pessoas do mercado, que todos os dias passam, para a frente e para trás, nesta vossa ruazinha, ou aquelas que encontram na universidade onde ensinam italiano ou estudam chinês, ou ainda as pessoas que encontram todos os dias no autocarro ou no metro para ir para o centro em Taipei, em suma, toda esta gente... quem diz que eu sou?».

Eu não poderia ter dado a resposta dos apóstolos, relatada nos Evangelhos: «Alguns dizem que és João Batista, outros Elias, outros dizem que és Jeremias, ou algum outro profeta» – que são todas respostas erradas, mas que fazem algum sentido, se pensarmos em Jesus e no povo de Israel ao qual pertencia; mas em Taiwan só 1% da população é católica e quase ninguém conhece a história de Israel ou tem ligação com a sua cultura –, pelo que teria de olhá-lo nos olhos, resignado e magoado, e dizer-lhe: «Senhor, lamento, mas esta gente não faz a mais pálida ideia de quem Tu és». No entanto, era precisamente para isso que eu estava ali! E a consciência do afastamento daquela gente de Jesus e da sua história, no fundo, tornava ainda mais “urgente” a minha presença ali, a nossa presença naquela terra, e tornava ainda mais premente o desejo de dar a nossa vida por aquelas pessoas, para que pudessem conhecer e amar Cristo ali, para onde, precisamente por esta razão, eu tinha pedido aos meus superiores para ser enviado, dando seguimento a um desejo

nascido em mim muitos anos antes, quando era um estudante universitário, depois de ter visto um filme chinês.¹⁶

«Quem dizem as pessoas que eu sou?» Ali, em Taiwan, a maior parte das pessoas que eu encontrava não fazia a mais pálida ideia de quem Ele era.

As reduções da figura de Cristo

Porém, há uma coisa que talvez seja ainda mais triste do que não fazer a mais pálida ideia de quem é Jesus. Há uma posição ainda mais miserável: e é aquela de quem fez a sua própria ideia de quem é Jesus e reduz a Sua pessoa, a Sua identidade àquela ideia.

Na história do pensamento ocidental, há duas reduções que resumem e, de alguma maneira, contêm todas as outras. Por um lado, há a tendência de relegar a figura de Cristo à esfera espiritual, sem que a experiência de fé gerada pelo encontro com Ele tenha qualquer contacto com a vida real. A outra posição é a de considerar Jesus como um mero modelo, um exemplo a imitar.

a) Podemos definir a primeira posição como “gnóstica”: Jean Guitton, no seu famoso texto *O Cristo dilacerado*, escrevia que qualquer heresia é, no fundo, uma declinação da gnose, que propõe uma visão dualista do homem e da realidade.¹⁷

O pressuposto desta posição filosófica é um desprezo pelo corpo e pela matéria, considerados como estando em contraste com o lado autêntico do homem e da realidade, o lado espiritual. No decurso dos séculos, esta assumiu variadas formas, que se concretizaram também em verdadeiras heresias, mas pode facilmente dizer-se que ela representa o fio-condutor que liga a maior parte das expressões filosóficas e políticas do mundo ocidental, incluindo o liberalismo de matriz anglo-saxónica, que revelou, no último século, uma posição cada vez mais contrária aos fundamentos da nossa fé.

Um dos expoentes máximos do pensamento americano vivo, Michael Sandel, foi convidado da última edição do New York Encounter. Respondendo às perguntas do Prof. Paolo Carozza, Sandel sublinhou

¹⁶ *Viver!* (Huo zhe, China 1994), realização de Zhang Yimou.

¹⁷ Cf. J. Guitton, *Il Cristo dilacerato*, Cantagalli, Siena 2002.

que um dos graves erros da visão do mundo liberal é a proibição substancial de invadir a vida pública e social com as nossas convicções éticas ou religiosas. Esta separação nítida entre público e privado é uma das consequências ou, se quisermos, uma das manifestações do dualismo que fundamenta aquela autonomia da ciência e da técnica que é uma característica típica da modernidade.¹⁸

Don Giussani, no seu texto *O sentido de Deus e o homem moderno*, desenvolve de forma aprofundada como é que esta suposta autonomia da técnica é a consequência da pretensão do homem de se colocar no lugar de Deus, reivindicando para si um «domínio sem fim, indiscutível»¹⁹ sobre a realidade e sobre o seu destino. Sendo a razão humana o critério único para ajuizar o que é bem e o que é mal, e afirmando que tudo aquilo que é possível realizar com os meios da ciência é lícito, o homem arroga-se o direito de manipular a matéria a seu bel-prazer, incluindo o corpo e a vida humanos. E isto exatamente em virtude daquela superioridade do “espírito” que se encontra na base do dualismo gnóstico, de que nos falou o Papa Francisco; e também fala dele a *Placuit Deo*: «Pretende-se, assim, libertar a pessoa do corpo e do mundo material, nos quais não se descobrem mais os vestígios da mão providente do Criador, mas se vê apenas uma realidade privada de significado, estranha à identidade última da pessoa e manipulável segundo os interesses do homem».²⁰ E isto abre caminho ao transumanismo, ou à ideologia do homem que se recria a si mesmo.²¹

Joseph Ratzinger, na sua *Introdução ao cristianismo*, sublinha esta deriva comentando a fórmula «*verum quia faciendum*»,²² com a qual identifica a passagem de pensar na Verdade como uma coisa a estudar e a contemplar, à Verdade como resultado de uma produção nossa e de um pensamento nosso. Dantes, reconhecia-se a existência de uma verdade objetiva, “ontológica”; com a modernidade, a verdade está ligada àquilo que o homem é capaz de fazer. A consequência desta mudança antropológica na vida do homem contemporâneo é que o ideal de cada pessoa se

¹⁸ Cf. M. Ferraresi, «Riempire il vuoto che ha sfiancato la democrazia», entrevista a Michael Sandel, *Tracce*, n. 4/2026, pp. 22-25.

¹⁹ L. Giussani, *O sentido de Deus e o homem moderno*, Diel, Lisboa 1997, p. 98.

²⁰ Congregação para a Doutrina da Fé, *Placuit Deo*, II,3.

²¹ Cf. Comissão Teológica Internacional, *Quo vadis, humanitas? Reflexão sobre a antropologia cristã perante alguns cenários sobre o futuro do ser humano*, § 61-62.

²² J. Ratzinger, *Introduzione al cristianesimo*, Queriniana, Brescia 2005, p. 56.

torna o sucesso, o “sucesso” dos seus projetos, a «performance» – como dizia *don* Giussani já 1985²³ –, pelo que o homem se torna escravo daquela imagem de realização de si que construiu indo buscá-la ao exterior.

Em tudo isto, onde está Cristo? Cristo é relegado, como tudo o que diz respeito ao lado pessoal de cada um, para a esfera privada, separado da realidade, como se nunca tivesse verdadeiramente feito parte dela. É por isso que o verdadeiro inimigo da gnose é a Encarnação, a fé em Deus feito homem e presente aqui e agora.

Nós também podemos sofrer a tentação espiritualista ou gnóstica: fazemo-lo, por exemplo, quando o princípio da nossa ação ou do nosso juízo não é a relação com Cristo, ou quando nos referimos a Ele como se não tivesse um rosto na história, como se não tivesse ressuscitado e estivesse, por isso, presente no mistério da Igreja, ou seja, sem reconhecer a forma concreta com que se faz presente agora na nossa vida e que é, para nós que estamos aqui, a forma da realidade que nasceu do carisma dado pelo Espírito Santo a *don* Giussani.

b) A outra tentação, a que podemos chamar “pelagiana”, é a de pensar que o homem pode salvar-se sozinho, sem precisar da graça de Cristo, que acaba por ser apenas um bom exemplo a imitar: é a redução moralista. Também esta forma de pensar é enganadora, porque pressupõe que a verdade sobre o homem se pode encontrar no próprio homem, negando implicitamente que ele foi ferido pelo mal do pecado original e que precisa de ser salvo por alguma coisa ou alguém fora dele e maior do que ele.

Podemos constatar o quanto esta posição é irracional pela quantidade de guerras, de episódios quotidianos de violência e de abuso a que tristemente assistimos e que, não raramente, nos tocam também de perto. Podem testemunhá-lo os nossos amigos envolvidos naqueles lugares do mundo onde a guerra e as profundas crises humanitárias que dela decorrem estão a pôr à prova as populações que vivem nos seus países, da Ucrânia ao Médio Oriente, do México a Cuba, de Myanmar ao Haiti. Todos factos que testemunham o quanto a humanidade está bem longe de se poder salvar apenas com as próprias forças.

Também nós podemos cair nesta redução do cristianismo – que faz da fé «um moralismo»²⁴ – quando acabamos por depositar a esperan-

²³ L. Giussani, *O sentido de Deus e o homem moderno*, op. cit., p. 89.

²⁴ J. Ratzinger, «Homília nas exéquias de monsenhor Luigi Giussani», em L. Giussani, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, op. cit., p. 265.

ça naquilo que fazemos, nas nossas iniciativas ou nos nossos projetos, como indivíduos e como grupo, no sentirmo-nos bem com uma adesão formal ao caminho que nos é proposto, como se pudéssemos salvar-nos sozinhos e não precisássemos da presença viva de Cristo, da sua graça e da sua misericórdia, bem como da sua correção e do seu ensinamento, que nos chegam através do rosto humano da Igreja. Assim, acabamos por nos assemelhar àquela «tropa cristã» de que fala Giussani no terceiro capítulo de *Na origem da pretensão cristã*.²⁵

A ambas as posições, das quais nos falou tantas vezes *don* Giussani e contra as quais nos alertou muitas vezes o Papa Francisco, respondem bem as palavras do Papa Leão XIV: «O cristianismo não nasceu de uma ideia, mas de uma carne. Não de um conceito abstrato, mas de um ventre, de um corpo, de um túmulo. A fê cristã, na sua essência mais autêntica, é histórica: baseia-se em acontecimentos concretos, em rostos, em gestos, em palavras pronunciadas numa língua, numa época, num ambiente [...] Deus escolheu falar numa língua humana, caminhar sobre a terra, habitar lugares, casas, sinagogas, ruas».²⁶

Jesus é um facto histórico, é Deus que fez carne e que escolheu entrar na história num momento e num lugar concretos, caminhar, comer, beber, dormir como cada um de nós. E desde aquele «momento no tempo», como diz T.S. Eliot,²⁷ a existência humana teve de ter em conta este facto que tem a pretensão de ser o significado de toda a história. É nisto que consiste a «reviravolta no método»²⁸ de que nos fala *don* Giussani: não são nem as nossas ideias, nem os nossos esforços moralistas que nos salvam. É um facto que acontece fora de nós.

c) Mas há ainda uma terceira redução presente no mundo de hoje, talvez mais dissimulada e insidiosa, que é no fundo a da grande maioria das pessoas que conhecemos. Esta é como que o resultado prático das duas primeiras e está bem expressa numa cena do filme *Uma vida escondida (Hidden Life)* de Terrence Malick, sobre a história do beato Franz Jägerstätter, na qual se inspirou, em parte, a exposição *Franz e*

²⁵ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 47.

²⁶ Leão XIV, *Carta Apostólica sobre a importância da Arqueologia por ocasião do Centenário do Pontifício Instituto de Arqueologia Cristã*, 11 de dezembro de 2025.

²⁷ T.S. Eliot, *Coros de «A Rocha»*, citado em L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 11.

²⁸ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 43.

Franziska. Não há amor maior apresentada no Meeting há dois anos e para cuja realização tive a graça de contribuir, juntamente com vários outros amigos de Milão e de Pádua.²⁹ Numa das muitas cenas decisivas deste filme extraordinário, o beato austríaco entra numa capelinha onde está um pintor a trabalhar, o qual se põe a refletir com ele acerca do sentido do seu trabalho (há uns anos, um crítico de cinema dizia-me que, quando um realizador descreve um artista que reflete sobre a sua própria arte, na realidade está a refletir sobre a sua, ou – neste caso – sobre o significado de fazer cinema) e o pintor detém-se, em especial, sobre o tema da verdade: «Está a chegar um tempo muito sombrio... em que os homens serão mais astutos. Não combaterão a verdade, irão ignorá-la, e pronto».³⁰

Esta indiferença de fundo é talvez a posição mais difundida no nosso mundo ocidental e, não raras vezes, sem que nem sequer nos demos conta, condiciona também a nossa forma de pensar e de agir. Porém, como vimos descrito de forma muito clara e aprofundada n' *O sentido religioso*, também esta posição, que consiste na negação prática das perguntas,³¹ com o tempo, não resiste.

«Apesar de tudo, Eu existo»

Há uma página n' *Os noivos* que descreve bem esta dinâmica. Trata-se do extraordinário relato da conversão do Inominado, certamente um dos pontos altos do romance de Alessandro Manzoni. O renascimento deste homem, só e aparentemente sem escrúpulos, passa através duma noite longa e atormentada, durante a qual chega a pensar em suicidar-se. Foi decisiva a sua conversa com Lucia, que preparou o seu encontro com o cardeal Federigo Borromeo. Mas, na realidade, ainda antes de encontrar Lucia, já lhe tinha passado pela cabeça um pensamento. É assim que Manzoni o descreve numa página memorável: «Aquele Deus de que ele tinha ouvido falar, mas que, desde há muito tempo, não se

²⁹ *Uma vida escondida* (*Hidden Life*, EUA-Alemanha 2019), realização de T. Malick. A exposição *Franz e Franziska, não há amor maior*, com curadoria de G. Boscolo, A. Caspani, G. Cavalli, G. Emmolo, L. Frigerio, R. Gatti, S. Sanvito, E. Silanos, D. Zardin, foi realizada por ocasião do Meeting para a Amizade entre os povos, edição de 2024.

³⁰ Cena de Ohlendorf, o pintor, do filme *Uma vida escondida* (*Hidden Life*).

³¹ L. Giussani, *O sentido religioso*, Tenacitas, Coimbra 2023, pp. 100-106.

importava de negar nem de reconhecer, apenas ocupado em viver como se Ele não existisse, agora, em certos momentos de abatimento sem motivo, de terror sem perigo, parecia ouvi-lo gritar dentro de si: Apesar de tudo, Eu existo».³²

«Apesar de tudo, Eu existo.»

Aquele «Eu existo» reflete todas as revelações de Deus que nós conhecemos nas Escrituras: «Eu existo» é o nome que Deus comunica a Moisés no Sinai, mas é também a forma como Jesus se revela à Samaritana («Sou eu, que estou a falar contigo»), aos discípulos depois de acalmar a tempestade («Sou eu, não tendes medo»), ou aos soldados enviados para o prender no horto das Oliveiras («Sou Eu»), aos fariseus presentes no Templo («Quando tiverdes erguido ao alto o Filho do Homem, então ficareis a saber que Eu sou»; «Antes de Abrão existir, Eu sou»).33 Quando Jesus usa esta expressão está a revelar a sua divindade.

Mas aquilo que mais me impressiona nesta frase de Manzoni é, na realidade, aquele «apesar»: «Apesar de tudo, Eu existo». Aquele «apesar» subentende: «Apesar de todas as vezes que me negas, apesar das tuas asneiras, apesar do teu pecado, apesar da tua rejeição, do teu esquecimento, apesar de me ignorares... *Apesar de tudo, Eu existo*». Como que a dizer que «não podes apagar-me, não podes negar aquilo que eu sou para ti; ainda que não me queiras, ainda que não me procures, ainda que me traias mil vezes por dia, *apesar de tudo, Eu existo*».

A nossa vida muda em virtude de um facto objetivo, que é a sua Presença Inexorável, porque se afirma na nossa vida apesar de todo o nosso mal. A conversão de cada um de nós tem origem na objetividade da Sua existência «*apesar de tudo*», não obstante tudo. Se nós pensarmos em nós próprios, nas nossas traições, no nosso esquecimento, perguntamo-nos: quando é que começa o nosso arrependimento, a nossa conversão? Quando nos damos conta de que, apesar de todas aquelas traições, Ele, apesar de tudo, existe.

³² A. Manzoni, *Os noivos*, Paulinas, Lisboa 2000, p. 377; itálico nosso.

³³ Ex 3,14; Jo 4,26; Mt 14,27; Jo 18,5; Jo 8,28; Jo 8,58.

«Para nele se manifestarem as obras de Deus»³⁴

Se olharmos para as coisas que aconteceram nos últimos meses na nossa vida (algumas das quais foram lembradas antes pelo Davide), são muitas as razões pelas quais podemos afirmar com conhecimento de causa que, apesar de todo o nosso esquecimento, apesar de toda a indiferença do mundo e das tentativas de reduzir a Presença de Cristo, Ele, porém, está a agir na nossa vida e na vida do mundo.

Há um ano, quando estávamos aqui reunidos para os Exercícios pregados por Dom Giovanni Paccosi, estavam a consumir-se os últimos dias da vida do Papa Francisco: lembramo-nos das suas frequentes entradas e saídas do hospital, de ele se mostrar em público já obrigado a estar numa cadeira de rodas, as últimas palavras com que quis saudar a multidão em São Pedro. Depois houve o tempo do Conclave, um tempo de oração, mas também de falatório, de suposições, de receios. Lembro-me de que naqueles dias estava, com um irmão meu, em Varigotti, na Casa de São Francisco, e que, depois do fumo branco, nos reunimos com os amigos *Memores Domini* para esperar, durante pelo menos uma hora, tentando adivinhar quem poderia ser o eleito, remetendo-nos para os comentários dos jornais ou das redes sociais que diziam, como sempre, que os cardeais estavam divididos, que o conclave iria demorar muito tempo, que as facções iriam dar luta. E, em vez disso, em menos de dois dias já tinham escolhido o novo pontífice! E que grande alegria sentimos quando, na varanda central de São Pedro, surgiu Leão! Quanta comoção nos seus gestos e nos seus olhos, e quanta também nos nossos olhos! E os meses seguintes não fizeram senão confirmar a certeza de que o Espírito Santo sabe aconselhar bem quem se põe à escuta da sua palavra.

Chegou depois o verão, com a escalada de violência em tantas partes do mundo, em especial em Gaza e na Ucrânia. Mas, mesmo nestas circunstâncias dolorosas, foi uma verdadeira graça poder encontrar testemunhos de fé e de esperança como o Cardeal Pizzaballa (todos nos lembramos da sua proposta de se oferecer em troca dos reféns); ou o jovem bispo de Kharkiv, Dom Honcharuk, que, entrevistado pelos amigos de *La Nuova Europa*, à pergunta: «*Enquanto bispo, o que resta*

³⁴ Jo 9,3.

fazer pelo seu rebanho, dadas as circunstâncias?», respondeu: «Jesus Cristo disse: “Fiquem comigo”. E a minha missão é estar com Ele. Eu estou ali porque Ele está ali»;³⁵ ou o bispo de Beirute, cuja mensagem o Davide leu antes. Tal como tem algo de miraculoso aquilo que as nossas comunidades estão a viver naqueles países: estou a pensar na fé e na caridade com se sustentam os nossos irmãos e irmãs ucranianos, também graças à proximidade dos Amigos de Emaús, ou nas pequenas, mas tenazes, comunidades de Cuba, da Síria, do Líbano. Como disse o Papa: «A história é devastada pelos prepotentes, mas é salva pelos humildes, pelos justos, pelos mártires, nos quais o bem resplandece e a humanidade autêntica resiste e se renova».³⁶

E depois, são tantas as coisas, grandes ou pequenas, que marcaram a nossa vida, até à notícia do encerramento da fase diocesana do processo de beatificação e canonização de *don* Giussani.

Voltar a pensar em todas estas coisas equivale, para mim, a ouvir a mesma voz que ouviu naquele dia o Inominado: «Apesar de tudo, Eu existo». Como que a dizer: «Há alguma coisa maior do que os vossos medos, do que os vossos pensamentos, do que as vossas dúvidas e também do que as vossas eventuais objeções ou divisões. Existo Eu, que continuo a agir na vossa história».

«Quem és Tu, Senhor?»

Estes dias são para nós ocasião de voltar novamente àquele acontecimento sempre novo que é o encontro com Ele. Como foi para o Inominado. Ou como foi para São Paulo, que, caído por terra na estrada para Damasco, pergunta em voz alta: «Quem és tu, Senhor?».³⁷

Trata-se da mesma pergunta dramática gritada por São Francisco nos bosques de Verna, no relato de *don* Giussani no terceiro capítulo de *Na origem da pretensão cristã*: «Quem és tu? Quem sou eu?».³⁸ São as mesmas palavras que me escreveu uma amiga de Rimini que descobriu

³⁵ P. Honcharuk, «Resto a Kharkiv perché Dio è lì», *La Nuova Europa*, 1 de setembro de 2025.

³⁶ Leão XIV, *Video-mensagem por ocasião da apresentação da candidatura do projeto “Gestos de acolhimento” na lista do Património cultural imaterial da Unesco*, Lampedusa, 12 de setembro de 2025.

³⁷ At 9,5.

³⁸ Citado em L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 49.

há pouco tempo que está doente: «Quem és? O que queres de mim para me olhares assim, para me amares até às entranhas, enquanto eu arrancaria de mim toda esta realidade, agora?». É esta a pergunta que, escondida sob uma manta de reduções, objeções, contestações, ocupa o coração de todos os homens. E é uma pergunta que só o encontro com Cristo pode suscitar de forma tão poderosa e concreta. É por isso que nos encontramos aqui nestes dias: para nos ajudarmos a responder a esta pergunta. E é por isso que pedimos, uns aos outros, para viver estas horas juntos respeitando as indicações que nos serão dadas de vez em quando, porque só num clima de silêncio é que poderemos colocar-nos verdadeiramente numa posição de escuta e de diálogo com Ele.

A familiaridade com Cristo

Nestes dias, queremos ajudar-nos a aprofundar o trabalho que *don* Giussani nos propõe através do texto da Escola de Comunidade deste ano. No Prefácio, *don* Giussani retoma o sétimo dos *Coros de «A Rocha»* de T.S. Eliot³⁹ e comenta: «A minha intenção é a de relembrar a profunda razoabilidade da afirmação de Eliot e do anúncio cristão, tal como este se exprimiu originariamente». Portanto, esclarece qual é o «critério-guia» do livro, o mesmo que *don* Giussani aplicou durante toda a vida: «A obediência à tradição autêntica da Igreja, à tradição eclesial na sua totalidade». Nós queremos fazer este caminho juntos e no seio da Igreja Chiesa, enraizados na sua história e fortalecidos pela condução do Santo Padre hoje, identificando-nos com o que aconteceu aos apóstolos e às pessoas que O encontraram pela primeira vez na história, pelas estradas da Palestina. Prossegue Giussani: «Percorrendo esta estrada [a estrada de Cristo como facto histórico, como pessoa que

³⁹ «Então chegou, num momento predeterminado, um momento no tempo e do tempo, / Um momento não fora do tempo, mas do tempo, naquilo a que chamamos história: seccionando, bissecando o mundo do tempo, um momento no tempo, mas não como um momento de tempo, / Um momento no tempo, mas o tempo foi criado através daquele momento: pois que sem significado não há tempo, e aquele momento de tempo deu o significado. / Pareceu então que os homens desvessem prosseguir de luz em luz, à luz do Verbo, / Através da Paixão e do Sacrifício, salvos apesar do seu ser negativo; / Bestiais como sempre, carnaís, egoístas como sempre, interessados e obtusos como sempre o tinham sido antes, / E, no entanto, sempre em luta, reafirmando sempre, retomando sempre o seu caminho na estrada iluminada pela luz; / Muitas vezes parando, perdendo tempo, desviando-se, atrasando-se, votando, e no entanto nunca seguindo um outro caminho.» (T.S. Eliot, *Coros de «A Rocha»*, em L. Giussani, *n'A origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 11).

posso encontrar, em carne e osso] Cristo torna-se familiar, quase como a relação com os nossos pais que, com o tempo, se torna cada vez mais constitutiva de nós mesmos».⁴⁰

Também nós pedimos a mesma familiaridade, porque não queremos reduzir Jesus a um ideal longínquo, que “sinto” no meu íntimo, mas que não toca e não muda a minha realidade quotidiana, nem a um modelo a imitar, e também não queremos viver como se Ele não existisse. Nós também queremos a mesma relação familiar com Cristo que tinham João e André, Tiago e Pedro, que caminharam com Ele pelas estradas da Galileia e da Judeia, para ouvirmos também nós a voz de Jesus, que nos dirige a mesma pergunta que lhes dirigiu naquele dia a eles: «E vós, quem dizeis que eu sou?».

⁴⁰ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., pp. 11-12.

Sábado, manhã

Ludwig van Beethoven
Sinfonia n. 5 em dó menor, Op. 67
Riccardo Muti – Filarmónica da Scala
“Spirto Gentil” n. 11, Universal

Angelus

Laudes

■ PRIMEIRA MEDITAÇÃO Emmanuele Silanos

«E vós, quem dizeis que eu sou?»

A finalidade de estarmos juntos: a memória de Cristo

Todos sabemos que, nos últimos dias da sua vida, *don* Giussani, já acamado, pedia que as pessoas que estavam ao seu lado rezassem por ele e cantassem algum canto da nossa história. E aquele que pedia com mais insistência – e foi também o último que pediu que lhe cantassem – era precisamente *Nós não sabemos quem era*.⁴¹ Seria bom poder perguntar-lhe porquê.

Talvez, arrisco eu, porque o título, de alguma maneira, nos descreve, tem a ver com aquilo que vivemos nós, hoje: talvez seja verdade que não sabemos quem era Jesus. De resto, se o próprio Giussani – que tinha uma relação com Cristo tão familiar, a ponto de parecer que os episódios do Evangelho que nos contava os tivesse vivido em primeira pessoa –, se precisamente ele queria que lhe repetissem continuamente aquelas palavras, talvez seja porque as sentia como suas.

Mas então não basta uma vida inteira, uma vida intensamente vivida na fé em Cristo, continuamente despendida em aprofundar a relação com Ele, para poder dizer que O conhecemos?

⁴¹ A. e G. Roscio, A. e G. Agape, «Nós não sabemos quem era», *Cancioneiro*, Comunhão e Libertação, Lisboa 2024, p. 174.

Creio que a resposta se encontra naquela definição da palavra «Mistério» que sempre ouvi ao padre Massimo Camisasca (e que, por sua vez, se referia à tradição da Igreja, por exemplo, a São Máximo Confessor, Santo Efraim o Sírio e outros): o Mistério não é o desconhecido, que é o incognoscível e que, por isso, incute temor; o Mistério, pelo contrário, é o infinitamente cognoscível, ou seja, é uma coisa que nunca deixa de se dar a conhecer; por isso, quanto mais me aprofundo nele, mais espaços se abrem para explorar, nos quais posso mergulhar, para o conhecer ainda melhor.⁴² Cristo é o Mistério, o Mistério que se torna infinitamente cognoscível.

Era o que dizia também, por outras palavras, o Marco Gallo: «O desejo de felicidade, ao contrário da fome e da dor, quanto mais é satisfeito, mais cresce».⁴³ Foi o que escreveu também uma amiga, num dos contributos enviado para estes Exercícios: «Jesus, ao acontecer, não extingue a sede do meu coração, aliás, diria que a torna mais profunda, mais ardente».

O erro que poderíamos fazer (e que tantas vezes fazemos) é pensar que já percebemos tudo sobre Ele: assim, acabamos por reduzi-Lo à imagem esbatida que fizemos d'Ele.

Tive, no passado, a oportunidade de visitar algumas vezes a Galeria Tretyakov, em Moscovo, e a experiência humanamente mais provocante foi a de me encontrar diante dos ícones de Andréi Rublev e, em particular, daquele que retrata o rosto de Cristo Salvador.⁴⁴ Quando o vi pela primeira vez, detive-me vários minutos e, fixando aqueles olhos de olhar tão bondoso e tão profundo, perguntei-me o que me fascinava tanto naquela imagem, que retrata o momento em que Cristo está a infundir o Seu espírito. Lembro-me de que, quando era pequeno, os meus pais tinham pendurado uma reprodução deste ícone precisamente

⁴² «O Verbo de Deus [...] manifesta-se na medida de que sabe capaz aquele que o recebe. [...] Assim, o Verbo de Deus, ainda que se manifeste na medida daqueles que dele são partícipes, permanece, no entanto, sempre imperscrutável a todos, dada a elevação do mistério. [...] Mas o grande mistério da encarnação divina permanece sempre um mistério. [...] Só a fé chega a estes mistérios, a fé que é a substância e a base daquelas coisas que ultrapassam qualquer entendimento da mente humana» (*500 Capitoli di san Massimo il Confessore*, abate, Ufficio delle letture de 4 de janeiro; Centuria 1,8-13; PG 90, 1182-1186).

⁴³ Marco Gallo. *Anche i sassi si sarebbero messi a saltellare*, por P. Cevasco, Antonio, Francesca e Veronica Gallo, Itaca, Castel Bolognese (RA) 2016, p. 124.

⁴⁴ Andréi Rublëv, *Salvador*, têmpera de ovo sobre madeira, 1400-1420, da Catedral da Dormição de Zvenigorod, Moscovo, Galeria Estatal Tretyakov.

na parede ao lado da minha cama, e eu tinha-me convencido de que aquela era a sua dimensão real, digamos uns 30 por 40 centímetros, mais ou menos. Mas, pelo contrário, ao vivo é muito maior do que se possa imaginar, como uma grande porta. Mas as suas dimensões não foram a única coisa que me surpreendeu: a imponente tábua de madeira está, com efeito, em grande parte danificada, tanto que da pintura resta apenas o rosto de Cristo e uma parte das suas vestes, pelo que a imagem que habitualmente é reproduzida nos livros é um pormenor, ou seja, a parte não danificada. Tudo o resto é madeira, sem nenhuma cor.

Quem conhece a história deste ícone sabe que foi pintado no início do século XV, mas que rapidamente foi dado como perdido. Foi encontrado por acaso no final do século XIX, no celeiro de um camponês russo: era usado como passagem para aceder ao seu estábulo, com a parte pintada virada para baixo. Talvez nem o camponês estivesse ciente de que por baixo daquela madeira havia um ícone (e que ícone!). O contacto com o solo húmido estragou assim, irremediavelmente, a imagem, reduzindo-a ao seu estado atual. A tradição afirma que o rosto de Cristo pintado nesta imagem teria sido revelado diretamente por Deus a Andréi Rublêv no momento mais dramático da sua vida. Conta-se que Rublêv, durante um saque dos tártaros à sua aldeia, tendo surpreendido um soldado no ato de violar uma mulher, para o deter, o atingiu com uma pedra, matando-o. Abalado pelo resultado desse gesto, consumido pelo remorso, Rublêv ter-se-ia afastado de tudo e de todos durante vinte e quatro anos, recusando-se até a pintar, por não se sentir digno. Um dia, porém, teve uma visão, na qual Jesus se revelava não para o condenar, mas para lhe assegurar o seu perdão. Andréi, sentindo-se objeto da misericórdia de Deus, decidiu então voltar a pintar, executando este ícone, que continua a ser, aos meus olhos, a sua obra mais extraordinária. Como se vê, a quase totalidade da imagem está danificada, ou melhor, desapareceu completamente. Resta apenas a madeira à volta, enquanto as cores se perderam. Mas da madeira surge uma espécie de mancha de cor, onde se distingue claramente o rosto de Jesus, que se conservou como que por milagre. Olhando para ele, dá a impressão de que nos está a dizer: «Apesar de tudo, apesar dos anos, da humidade, da neve, apesar dos golpes que sofri, e apesar do esquecimento, da indiferença, da maldade dos homens, apesar destas e de todas as outras reduções possíveis de que falámos ontem, apesar de tudo isto: *apesar de tudo, Eu existo*».

A propósito disto, queria deixar a nota de que, entre as reduções da figura de Cristo, está também a possível instrumentalização para fins políticos, como aconteceu com este e com outros ícones que foram utilizados de forma propagandística para justificar uma suposta “guerra santa”. Uma deriva que encontramos hoje em diferentes contextos. Mas «Deus não abençoa nenhum conflito»,⁴⁵ como afirmou o Papa Leão XIV: a instrumentalização para fins próprios é talvez a última e a pior das reduções que o rosto de Cristo e o Seu nome podem sofrer.

Não obstante tudo isto, «Apesar de tudo, Eu existo».

Julgo que poucas imagens conseguem descrever, como esta, a razão pela qual estamos juntos e pela qual estamos aqui hoje: estamos aqui para «procurar o Seu rosto»,⁴⁶ para nos ajudarmos a fazer emergir o rosto de Cristo da nossa experiência, da nossa vida, mas também do nosso esquecimento, das nossas reduções ou do nosso pecado, do ruído e da distração em que a nossa vida está mergulhada. Estamos juntos para deixar que, pouco a pouco, a Sua pessoa volte a ganhar espaço na nossa consciência, no nosso olhar, no nosso coração.

Entendamo-nos, este trabalho não é motivado apenas pela necessidade de contrariar o nosso esquecimento. É um trabalho sempre necessário porque Cristo é, por si mesmo, Mistério, mesmo quando estamos diante d’Ele todos os dias! «Se o compreendes, não é Deus», dizia Santo Agostinho.⁴⁷ Por isso, não devemos desanimar; pelo contrário: é precisamente a sua inexauribilidade que torna entusiasmante a nossa busca! Lembremo-nos do que dizia São Efraim, o Sírio: «Aquele que tem sede alegra-se por beber, mas não se entristece por não conseguir esgotar a fonte. É melhor a fonte saciar a tua sede, do que a sede esgotar a fonte».⁴⁸

Esta é, portanto, a razão pela qual estamos aqui, que corresponde a uma palavra que conhecemos bem, a palavra «memória». No prólogo dos Estatutos da Fraternidade de CL, são apresentados os três objetivos pelos quais a Fraternidade de Comunhão e Libertação existe, e

⁴⁵ Leão XIV, *Discurso aos Membros do Sínodo dos Bispos da Igreja Caldeia de Bagdade*, 10 de abril de 2026.

⁴⁶ Cf. Sal 27,8.

⁴⁷ «Si enim comprehendis, non est Deus» (Agostinho de Hipona, *Sermões* 117.3.5).

⁴⁸ Santo Efraim, o Sírio, «*Commenti dal Diatessaron de Santo Efraim*, diácono (1, 18-19; SC 121, 52-53), *Liturgia das horas segundo o rito romano – III*, VI semana do Tempo comum.

o primeiro é precisamente este: «A insistência na memória de Cristo como afirmação dos fatores originais da experiência cristã, na medida em que são esses fatores que dão origem à verdadeira imagem do homem».⁴⁹ O que significa que este trabalho não apenas nos faz descobrir quem Ele é, como nos faz também compreender quem somos nós, «a verdadeira imagem do homem», a verdadeira imagem de cada um de nós. Don Giussani, numa conversa que teve lugar poucos meses antes da sua morte, relatada na biografia de Alberto Savorana, diz ao padre Giorgio Pontiggia: «É preciso lembrarmo-nos de Cristo, porque a amizade é lembrarmo-nos d'Ele»;⁵⁰ pois bem, nós estamos juntos para nos lembrarmos d'Ele.

Há uma pessoa que viveu toda a sua relação com Cristo na memória: essa pessoa é a sua Mãe, Maria. Toda a sua vida foi um fazer memória daquele dia em que acolheu o anúncio do anjo, memória do «sim» que tinha dito, do silêncio com que viveu depois de «o anjo se ter retirado de junto dela»⁵¹; toda a sua vida foi um «guardar estas coisas no seu coração»,⁵² tudo o que lhe acontecia, a ela e ao seu esposo José, através daquele menino, tudo o que não percebia e não podia perceber, mas que contemplava esperando vir a compreendê-lo com o tempo. Guardava cada palavra daquele Filho e cada um dos seus gestos desde quando, já adulto, tinha começado a sua missão entre os homens, até aos dias da sua paixão e morte e aos dias da sua Ressurreição. Foi em torno dela que, desorientados e amedrontados, se juntaram os apóstolos depois dos acontecimentos do Gólgota, e foi para ela que olharam nos dias em que a Igreja dava os primeiros passos, investida pela força do Espírito Santo. É a ela que também nós confiamos este caminho e, como ela, queremos aprender a guardar no nosso coração os acontecimentos que nos introduziram na relação com Cristo.

É essa, por isso, a tarefa desta manhã: fazer memória.

⁴⁹ Estatutos da Fraternidade de Comunhão e Libertação, Prólogo, em L. Giussani, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, op. cit., p. 304.

⁵⁰ Citado em A. Savorana, *Luigi Giussani. A sua vida*, op. cit., p. 1185.

⁵¹ Lc 1,38.

⁵² Cf. Lc 2,19.51.

O conteúdo da memória: a humanidade de Cristo

Para fazer memória, seguimos o método que *don* Giussani nos ensinou, o método da identificação com a experiência das pessoas que O conheceram e conviveram com Ele durante aqueles três anos, partilhado com Ele a sua vida quotidiana, para redescobrir nesses factos aquilo que nos aconteceu a nós.

Escreve *don* Giussani no Prefácio do texto da Escola de Comunidade: «É a tentativa de definir a origem da fé dos apóstolos. Neste livro quis exprimir a razão pela qual um homem pode acreditar em Cristo: a profunda correspondência humana e razoável das suas exigências com o acontecimento do homem Jesus de Nazaré. Procurei, portanto, mostrar a evidência da razoabilidade com que nos apegamos a Cristo, e, assim, somos conduzidos pela experiência do encontro com a sua humanidade à grande pergunta acerca da sua divindade».⁵³ Nós desejamos a mesma coisa: passar pelo conhecimento da humanidade de Cristo, para chegar a reconhecer a sua divindade.

Vamos tentar, portanto, identificar algumas das principais características da sua personalidade.

a) O amor à realidade

Entre as coisas que mais impressionam ao ouvir as parábolas contadas por Jesus nos Evangelhos, ou ao ler os exemplos de que os seus discursos estão cheios, está o seu profundo amor por toda a realidade: por cada pormenor da realidade, mesmo aquele aparentemente mais insignificante. É impressionante como conhece perfeitamente a natureza: o vento, «tu ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem nem para onde vai»; os pássaros do céu, que «não semeiam nem ceifam, nem recolhem em celeiros; e o vosso Pai celeste alimenta-as»; os lírios do campo, que «não trabalham nem fiam. Pois [...] nem Salomão [...] se vestiu como qualquer deles»,⁵⁴ como repete a canção do Anas;⁵⁵ mas também as raposas, que «têm tocas», e depois as ovelhas – as perdidas, as encontradas, as que reconhecem a voz do pastor, as perdidas e sem guia –; os campos de

⁵³ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 12.

⁵⁴ Cf. Jo 3,8; Mt 6,26.28-29.

⁵⁵ A. Anastasio, «E poi vieni dietro a me», do álbum *Pochi passi*, gravado no Tappeti Sonori Recording Studio, 2022; arranjo musical de Walter Muto, ©FSCB.

trigo, «que já estão doirados para a ceifa»; as vinhas com os seus ramos.⁵⁶ E poderíamos prosseguir durante horas com estas referências pontuais.

O teólogo alemão Karl Adam – cujas obras Giussani conhecia muito bem, e que inspiraram muito do seu ensinamento – escrevia no seu texto mais conhecido, *Gesù il Cristo*: «Jesus vê as coisas já não no ponto em que elas, pelo pensamento humano, estão rigidamente fixadas no seu sentido e no seu ser, mas no momento preciso em que elas surgem das mãos do Criador. Vê-as no seu dinamismo interno, em que dependem de Deus, no curso vivo do seu devir enquanto criaturas, no movimento criador em que têm origem de Deus».⁵⁷ Jesus não vê a raposa ou o lírio como nós os vemos; vê-os enquanto são criados, agora, neste preciso momento, pelo Pai.

O amor à realidade é, portanto, a primeira forma com que Jesus educa o homem na sua relação com Deus, Criador de tudo. Quanto tempo é necessário ao homem para alcançar tal consciência da realidade! Santo Agostinho testemunha-o, naquele texto das *Confissões* que todos nós já lemos, pelo menos uma vez na vida, e no qual se dirige diretamente a Deus e afirma: «Tarde te amei, Beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! Eis que estavas dentro de mim, e eu lá fora, a procurar-te! Eu, disforme, atirava-me à beleza das formas que criaste. Estavas comigo, e eu não estava em ti. Retinha-me longe de ti aquilo que nem existiria se não se não existisse em ti».⁵⁸ Eu lançava-me sobre as criaturas belas, mas de uma forma distorcida, dominado pelo desejo de posse, pelo que essas criaturas — que deveriam ser um sinal de Ti — acabavam, na verdade, por afastar-me de Ti.

Para Jesus, pelo contrário, o amor pelas criaturas era um só com o amor por Aquele de que elas eram sinal. Daí aquele seu sumo respeito por todas as coisas e todas as pessoas, a que *don* Giussani chama de «virgindade».

Esta é uma das razões pelas quais São Francisco é, justamente, considerado o *alter Christus*: porque também ele amava a realidade, amava as criaturas enquanto sinal do Criador. Francisco, embora sendo muito pobre, ao mesmo tempo, possuía tudo.⁵⁹

⁵⁶ Lc 9,58; Jo 4,35; Jo 15,5.

⁵⁷ K. Adam, *Gesù il Cristo*, Morcelliana, Brescia 2025, p. 122.

⁵⁸ Agostino de Hipona, *Confissões*, livro X, Cap. 27.

⁵⁹ Cr. D. Rondoni, *La ferita, la letizia. Faccia a faccia con San Francesco, poeta di Dio e del mondo*, Fazi, Roma 2025, pp. 80-81.

Além disso, as parábolas e os discursos de Jesus estavam repletos de referências a todo o tipo de trabalho, arte, ofício e ocupação humana. Jesus sabe como e quando se poda uma vinha; sabe o que fazer com o vinho novo, que não deve ser colocado em odres velhos, caso contrário estes rebentam e o vinho tem de se deitar fora; sabe como se semeia um campo, conhece os tempos da colheita e sabe que, quando chega esse momento, são necessários muitos trabalhadores para fazer a colheita; tem bem presente a vida dura dos jornaleiros, que esperam, à beira da estrada, que o dono do campo os contrate para a jornada, e conhece, por outro lado, a ganância voraz de quem acumula o trigo no seu celeiro sem saber o que será dele amanhã. Demonstra também familiaridade com a arte da construção: sabe como é importante encontrar o terreno certo para construir a casa e que, antes de erguer uma torre, é preciso fazer bem as contas para não deixar o trabalho a meio. Parece, além disso, ter noção de como se trava uma guerra ou do que significa entrar numa sala de tribunal; conhece as regras da hospitalidade: onde uma pessoa se deve sentar à mesa e o que é preciso fazer quando um convidado entra na tua casa. E, obviamente, conhece perfeitamente as Escrituras, que cita de memória e com precisão.

Porquê esta longa lista? Porque a partir dela se percebe bem que nada do que diz respeito à vida quotidiana do homem Lhe era estranho. Mas se a Cristo interessa tudo sobre nós, então tudo aquilo que fazemos e vivemos tem a ver com a sua pessoa.

Giussani, no texto *Il miracolo dell'ospitalità*, que é o testemunho da sua relação com a realidade das Famílias de Acolhimento (que ele define, na minha modesta opinião, muito justamente como «a obra [...] mais importante de todas as obras que nasceram do movimento»),⁶⁰ conta o momento em que, pela primeira vez, percebeu que Cristo tem a ver com todos os aspetos da nossa vida. Trata-se de um episódio que remonta à época em que ele tinha cerca de dez anos e passava, mais ou menos por acaso, pela porta da cozinha de casa. O pequeno Luigi vê que a sua mãe está a lavar a louça e, em vez de a interromper, observa-a e repara que, de repente, ela para por alguns segundos, talvez alguns minutos, em silêncio. O pequeno Luís pergunta-se por que razão a sua mãe interrompeu o que fazia. E pouco depois, quando ela volta a lavar

⁶⁰ L. Giussani, *Il miracolo dell'ospitalità*, Piemme, Milão 2025, p. 63.

a louça, percebe: «Estava a rezar». É nesse momento que Giussani intui que Cristo tem a ver com tudo, até com o lavar a louça. No livro, comenta: «Nem os maiores filósofos, [como] Sócrates ou Platão [...], podiam imaginar [...] que um gesto tão imanente ao nível das coisas naturais [lavar a louça] pudesse florescer na sua dimensão de relação com o infinito, como é a oferta a Deus dum ato que fazemos. [...] Deus, tornando-se familiar para nós, como método, enche a nossa vida de milagre, em primeiro lugar, tornando milagre tudo aquilo que fazemos».⁶¹

É esta, portanto, a primeira forma pela qual Jesus subverte não só a maneira de pensar dos grandes filósofos, mas também a nossa e a das pessoas que, naquele tempo, esperavam a vinda do Messias. Não é, antes de tudo, nos acontecimentos grandiosos e sensacionais que Ele se quer deixar encontrar, mas na vida e nas coisas de todos os dias. Como se percebe bem ao ler o livro de Frei Lourenço da Ressurreição, de que o Papa Leão tanto gosta (que foi livro do mês ⁶² de fevereiro deste ano), que vira a sua pequena «omelete na frigideira por amor a Deus».⁶³

O belíssimo termo utilizado por Giussani é: familiaridade. É Deus que se torna familiar para nós no seio do nosso quotidiano, simples e aparentemente banal. E isto significa que não há nenhum domínio da existência humana que não seja tocado pelo encontro com Ele e que não possa ser avaliado a partir desse encontro.

b) Atenção à pessoa e conhecimento do coração humano

Este conhecimento da realidade vinha acompanhado por uma série de acontecimentos prodigiosos, os milagres, mas, como diz Giussani, «o

⁶¹ *Ibidem*, p. 107.

⁶² É assim que *don* Giussani falava do livro do mês, proposto desde o início pela *GS* e ainda agora indicado aos membros do movimento: «Era proposta a meditação quotidiana, e todos os meses se aconselhava a leitura de um livro que pudesse ser a base dessa meditação. O “livro do mês” era além, disso proposto também como atualização cultural para as pessoas que quisessem colocar-se de forma dialética – do ponto de vista da experiência cristã – diante da mentalidade dominante» (L. Giussani, *Il movimento di Comunione e Liberazione. 1954-1986*, BUR, Milano 2014, p. 38). Com o tempo, o conteúdo dos livros do mês foi da meditação à cultura, dos testemunhos à atualidade, da narrativa à poesia e ao teatro.

⁶³ «Não é necessário [...] fazer grandes coisas [...]: eu viro a minha omelete na frigideira por amor a Deus; e quando está feita, se não tiver nada para fazer, prostro-me por terra e adoro o meu Deus, porque me foi dada a graça de a fazer, e depois levanto-me mais feliz do que um rei. Quando não posso fazer mais nada, basta-me apanhar um pauzinho do chão por amor a Deus» (Frei Lourenço da Ressurreição, *La pratica della presenza di Dio*, LEV, Città del Vaticano 2025, p. 121).

maior milagre, que impressionava os discípulos todos os dias, não era o das pernas curadas, da pele purificada, da visão readquirida. O maior milagre [...] era um olhar revelador do humano. A que ninguém podia subtrair-se. Não há nada que convença mais um homem do que um olhar que o atinja e reconheça o que ele é, que revele o homem a si mesmo. Jesus via dentro do homem».⁶⁴

Aqui, Giussani faz eco de uma célebre passagem contida na Constituição do Concílio Vaticano II *Gaudium et spes*, e de que João Paulo II tanto gostava: «Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime».⁶⁵ Cristo revela o homem ao homem, fã-lo tomar consciência da sua dignidade e da sua vocação.

É o que acontece a Pedro e a Natanael, no primeiro capítulo de São João, narrado de forma tão admirável por *don* Giussani no quarto capítulo da Escola de Comunidade. E é o que acontece à Samaritana, que ouve Jesus dizer-lhe tudo o que tinha feito,⁶⁶ como anunciará depois aos seus conterrâneos. Ou à adúltera, e a Zaqueu, personagens que vemos também aparecer no ciclo de frescos de Sant'Angelo in Formis, junto a Capua, projetados nestes dias.⁶⁷ Jesus falava ao coração de cada um deles: «*Cor ad cor loquitur*», como diz o lema do cardeal Newman, referindo-se ao coração de Cristo que fala ao coração do homem; uma expressão que ecoa no discurso de Giussani na Praça de São Pedro, a 30 de maio de 1998, quando, diante de João Paulo II, afirmou que «o verdadeiro protagonista da história é o mendicante: Cristo mendicante do coração do homem e o coração do homem mendicante de Cristo».⁶⁸

Talvez o momento mais bonito (pelo menos, desta época do ano) e mais tocante seja aquele que ouvimos no domingo de Páscoa, quando Jesus, ressuscitado, encontra Madalena e lhe pergunta: «Mulher, por que choras?».⁶⁹ Jesus olha para o coração de cada um de nós, vê os nossos dramas e as nossas feridas e faz-nos a mesma pergunta que lhe fez a ela: «Por que choras?».

⁶⁴ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 69.

⁶⁵ *Gaudium et spes*, n. 22.

⁶⁶ Cf. Jo 4,29.

⁶⁷ Ver aqui «A arte na nossa companhia», pp. 139-140.

⁶⁸ L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, Paulus, Lisboa 2019, p. 11.

⁶⁹ Jo 20,15.

c) Bondade e inteligência

A terceira característica da humanidade de Cristo é o facto de conjugar bondade e inteligência. É bem verdadeiro aquilo que diz Giussani: «É difícil que uma pessoa poderosa seja verdadeiramente boa». Muitas vezes, as pessoas mais inteligentes, mais capazes, dão a impressão de que podem usar de forma arbitrária o seu poder, tanto que não nos sentimos seguros em relação a elas. «Com Jesus, porém», prossegue Giussani, «aqueles que foram suas testemunhas puderam ver aquele olhar não só poderoso e prodigioso, inteligente e penetrante, mas também bom. [...] É bonito ler o Evangelho procurando [...] os pormenores subtis que revelam a capacidade de ternura de Jesus, a sua comovida solidariedade com o humano».⁷⁰ «Por que choras?».

Os Evangelhos estão cheios destes gestos de ternura de Jesus: como quando acaricia as crianças, as coloca ao centro, defende o seu desejo de estar com Ele, as apresenta como exemplo para quem deseja entrar no Reino dos Céus; ou como quando encontra o cortejo fúnebre que transporta o caixão de um jovem, filho único da viúva de Naim, naquele episódio que *don* Giussani nos fez amar graças a um dos discursos mais bonitos dos últimos anos da sua vida, quando intervém nos Exercícios da Fraternidade, a 5 de maio de 2002: «Mulher, não chores!».⁷¹ Ou quando Jesus se comove perante a necessidade desmedida das pessoas que estão à sua frente, ou chora ao olhar para a sua amada Jerusalém, que o rejeita e caminha para um futuro de destruições e lacerações ⁷² que, infelizmente, parece não ter ainda terminado.

Há um episódio pelo qual tenho um carinho especial, narrado no Evangelho de Marcos, em que esta Sua bondade e esta Sua inteligência da realidade emergem de forma comovente: o encontro com Jairo e com a hemorroíssa. O relato de Marcos começa assim: «Depois de Jesus ter atravessado, no barco, para a outra margem, reuniu-se uma grande multidão junto dele, que continuava à beira-mar. Chegou, então, um dos chefes da sinagoga, de nome Jairo, e, ao vê-lo, prostrou-se a seus pés e suplicou instantemente: “A minha filha está a morrer; vem impor-lhe as mãos para que se salve e viva”. Jesus partiu com ele, seguido por nu-

⁷⁰ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., pp. 70-71.

⁷¹ Cf. L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, Paulus, Lisboa 2022, pp. 228-230.

⁷² Cf. Lc 19,41-44.

merosa multidão, que o apertava».⁷³ O evangelista apresenta-nos aqui a figura de Jairo, o chefe da sinagoga local, que abre caminho entre a multidão aglomerada ao longo das margens do lago de Tiberíades para receber Jesus, que chega no barco dos seus discípulos. Jairo representa a humanidade que está à espera de Cristo. Uma humanidade faminta e que precisa de salvação.

Ele é símbolo da espera de cada um de nós, da esperança de que alguém nos salve a nós e às pessoas que amamos, como, neste caso, a filha de doze anos daquele homem que se atira aos pés de Jesus para a salvar. Ele é um chefe; mas quando temos verdadeiramente necessidade, já não há chefes nem servos: há apenas o homem que mendiga a salvação. Jairo, com efeito, pede ajuda para conseguir enfrentar o mistério da dor e da morte, porque nós, sozinhos, não somos capazes disso.

Jesus então seguiu-o, rodeado por uma grande multidão, para ir a sua casa, onde se encontrava a filha. No entanto, ao longo do caminho, acontece uma coisa que atrasa o seu passo: entre a multidão, de facto, encontrava-se uma mulher doente, a famosa hemorroíssa, que, cheia de vergonha, na esperança de ser curada desta doença que a humilhava e a condicionava há tantos anos, toca às escondidas no manto de Jesus, que se detém e pergunta quem lhe tocou (como se não soubesse!). Os discípulos objetam: «Mas com esta multidão, como é que fazes essa pergunta? Não vês que estão todos a tocar-te!», e, provavelmente, nós teríamos dito a mesma coisa. Mas então, qual é a razão pela qual Jesus para e pede àquela mulher que se mostre? A razão é que a Jesus não interessa ser tratado como um dispensador de prodígios; o que Ele procura é, antes, a relação com cada pessoa que encontra. Por isso, chama aquela mulher a olhar, antes de mais, para Ele. Jesus, como também noutras passagens do Evangelho, educa o homem a mudar o seu olhar sobre Ele: a verdadeira salvação não consiste apenas na cura física, mas sim na relação com a Sua pessoa. É por isso que, depois de ela vencer a sua timidez, aparecendo e atirando-se aos Seus pés para afirmar diante de todos que tinha sido ela a tocar-lhe no manto, Jesus então lhe diz: «Filha, a tua fé salvou-te; vai em paz e sê curada do teu mal».⁷⁴ Por outras palavras, diz-lhe: «*Agora*, a tua fé

⁷³ Mc 5,21-24.

⁷⁴ Mc 5,34.

salvou-te! O que te salvou não foi o teres sido curada, mas o facto de teres entrado em relação comigo».

Isto diz-nos alguma coisa também a nós, para que percebamos que a nossa salvação está inteira e exclusivamente na relação com Ele: esta é a razão pela qual nos dirigimos a Ele e pedimos que escute as nossas orações, os nossos pedidos, porque, mais ainda do que o milagre (que é justo pedirmos e, se acontecer, tanto melhor!), aquilo que nos salva é a nossa relação com Ele. É este também o sentido de tantos outros episódios do Evangelho, como aquele que conhecemos bem, dos dez leprosos, ou o da mulher cananeia.⁷⁵

Mas voltemos à nossa passagem do Evangelho, porque, enquanto se dava o encontro com a hemorroíssa, ao mesmo tempo a filha de Jairo estava a morrer e cada instante, para ela, podia ser fatal. «Ainda Ele estava a falar, quando, da casa do chefe da sinagoga, vieram dizer: “A tua filha morreu; de que serve agora incomodares o Mestre?”. Mas Jesus, que surpreendera as palavras proferidas, disse ao chefe da sinagoga: “Não tenhas receio; crê somente”. E não deixou que ninguém o acompanhasse, a não ser Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago. Ao chegar a casa do chefe da sinagoga, encontrou grande alvoroço e gente a chorar e a gritar. Entrando, disse-lhes: “Porquê todo este alarido e tantas lamentações? A menina não morreu, está a dormir”. Mas faziam troça dele».⁷⁶

Esta é, para mim, uma das passagens mais esclarecedoras sobre a relação entre Cristo e o homem, entre Cristo e o mundo: «Por que fazem tanto barulho?». Jesus chega e encontra, junto da casa daquela menina, muito barulho e muita confusão. O que não é mais do que a descrição de como se vive habitualmente no mundo: barulho, confusão e desordem que tendem a sufocar a necessidade profunda do homem e a abafar a voz de Deus, que é a única resposta adequada. Parece que o mundo faz de tudo para impedir que o homem ouça essa voz e, assim, viva no esquecimento: esquecimento de Deus e, antes ainda, esquecimento de si mesmo.

No entanto, se pensarmos bem, quando lidamos com a nossa dor ou com a dor das pessoas que amamos, o que mais nos pesa é precisamente o ruído de fundo que nos impede de estar diante desse mistério com

⁷⁵ Cf. Lc 17,11-19; cf. Mt 15,21-28.

⁷⁶ Mc 5,35-40.

toda a nossa humanidade e o nosso pedido. Porque, quando alguém vive um mal-estar profundo, mas também quando tem, simplesmente, de se confrontar com a realidade em toda a sua complexidade, do que é que precisa? Precisamos todos de silêncio, que é outra maneira de dizer que precisamos de ser postos diante de Deus e de nós mesmos. O silêncio é o lugar onde começamos a tomar consciência de nós, é o lugar onde damos espaço à voz de Deus na nossa vida, ao rosto bom de Cristo.

É por isso que Jesus, assim que chega, pergunta: «Por que fazem tanto barulho?», como quem diz: «Para quê todo este barulho? Não percebem que não se pode estar perante o drama da vida e da morte, a não ser em silêncio?» E depois acrescenta: «A menina não está morta, mas a dormir». E é impiedoso o que acontece logo a seguir: «Mas faziam troça dele». Desatam a rir-se na cara dele.

O mundo ri-se da pretensão de Cristo. A pretensão de que a morte não é a última palavra, a pretensão de Jesus de ser Ele «o caminho, a verdade e a vida».⁷⁷ E, por isso, o mundo ri-se de nós, que depositamos n'Ele a nossa esperança e a nossa certeza. Porque o mundo já decidiu: «A tua filha está morta». Morreu o nosso desejo de salvação, de eternidade, assim como são insensatas aquelas exigências e evidências a que chamamos «coração» e que exprimem a espera de alguma coisa que ultrapasse o limite do nada. E muitas vezes também nós, no fundo, no fundo, nos surpreendemos a ceder a esta forma reduzida de olhar para a realidade, rendemo-nos à versão que o mundo nos dá da nossa vida e do que nos rodeia.

No livro publicado no ano passado, *Un volto nella storia, don Giussani* fala da «*fascinatiō nugacitatis*»,⁷⁸ ou seja, do fascínio pelo nada – «o fascínio do mal» de que fala o livro da Sabedoria⁷⁹ – que às vezes nos assalta e que nos leva a afundarmo-nos no mal. Impressionou-me muito esta expressão: diz Giussani que este fascínio, de outra forma inexplicável, é o que resta do facto de termos sido criados a partir do nada, como uma força que nos volta a levar para lá. É por isso que, às vezes, vivemos a tentação de sermos sugados pelo nada (estou a pensar

⁷⁷ Jo 14,6.

⁷⁸ Cf. L. Giussani, *Un volto nella storia. Il compito della Chiesa nel mondo (1969-1970)*, op. cit., p. 88.

⁷⁹ Sab 4,12.

nalgumas formas de mal-estar típicas do nosso tempo, mas também em tantos hábitos que fazem mal à nossa alma, como as dependências, a pornografia, o jogo: é o fascínio obscuro do nada, que tem tendência a fazer-nos acreditar que nós somos “nada”). Pela mesma dinâmica, também nós corremos o risco de olhar sem esperança para aquela pessoa doente, para aquele filho, ou familiar, ou amigo que não corresponde às nossas expectativas, que nos desilude, que vai por maus caminhos, que não adere ao movimento, que já não vai à Missa; chegamos ao ponto de ter dificuldade em olhar para os nossos próprios filhos, porque eles se tornam, aos nossos olhos, o espelho do nosso falhanço. E assim acabamos por raciocinar como o mundo, até rirmos da pretensão de salvação de Cristo.

Por um lado, portanto, há o mundo que alimenta esse fascínio pelo nada, esta cultura da morte: «A tua filha está morta». Por outro lado, porém, estão Jairo e a hemorroíssa, que representam cada homem e cada mulher que permanecem fiéis à sua necessidade de sentido, ao seu desejo de vida e que mendigam a salvação. Jesus diz a Jairo: «Não temas, apenas continua a ter fé», e é impressionante o que Ele faz logo a seguir, em reação às gargalhadas de escárnio com que foi recebido: «Jesus pôs fora aquela gente e, levando consigo apenas o pai e a mãe da menina e os que vinham com Ele, entrou onde ela jazia».⁸⁰

«Pôs fora aquela gente»: Jesus não usa meias medidas, não perde tempo com boas maneiras, mas manda todos embora. Desta forma, por um lado, estava a expressar um juízo claro sobre tudo o que não iria ajudar da família de Jairo a viver aquele momento dramático; por outro lado, estava a limpar o campo de tudo aquilo que era um impedimento ao que estava para fazer. Pensando em nós, o que é que nos ensina este seu comportamento decidido? Por um lado, ensina-nos a não ter medo de ajuizar de forma clara e decidida aquilo que ocupa a nossa cabeça e os nossos dias, impedindo-nos de enfrentar o drama da vida com verdade; por outro lado, ajuda-nos a libertar-nos de todos aqueles hábitos e ocupações que, sem darmos por isso, tendem a afastar-nos da relação com Ele. Às vezes são necessárias escolhas drásticas que nos ajudem a abrir espaço para esta relação, dizendo «não» ao que nos impede de ouvir a Sua voz e de ver o Seu rosto. Foi o que Dom Paccosi nos recordou

⁸⁰ Mc 5,36.40.

no ano passado, ao falar do sacrifício, que só tem sentido para afirmar uma coisa maior; cada «não» que dizemos é em função do único grande «sim» que queremos dizer.⁸¹ O cristianismo é um único grande «sim» dito a Cristo, mas dizer esse «sim» implica também aqueles «nãos» – às vezes leves, às vezes difíceis – a tudo aquilo que nos impede de viver a nossa relação com Ele. E o momento mais belo e mais comovente desta passagem do Evangelho é o gesto imediatamente a seguir, aquele com que Jesus, assim que ficam a sós, pega na mão do pai e da mãe e os leva para dentro do quarto, onde se encontra a menina: leva-os e acompanha-os para que se deparem com o mistério do sofrimento da sua filha. Podia ter entrado sozinho e curado a menina, ou podia ter feito uma demonstração pública da Sua capacidade de fazer milagres. Mas não. A primeira coisa que lhe interessa é ajudar aquele homem e aquela mulher a enfrentar o drama daquela menina. Esta é a primeira e mais importante ajuda que Cristo nos dá: ajuda-nos a estar diante do mistério do outro.

Mas este versículo tem também outro elemento fundamental. Jesus, de facto, «levou consigo apenas o pai e a mãe da menina e os que vinham com Ele». Quem são aqueles que estavam com Ele? Eram Pedro, Tiago e João, os mesmos que Jesus leva consigo ao Monte Tabor para assistirem à sua transfiguração, os mesmos a quem pede para vigiar consigo no horto das oliveiras quando inicia a sua paixão. O que representam aqueles três? Representam a companhia da Igreja. Podia entrar sozinho com os pais da menina, mas, em vez disso, escolhe levar para dentro também aqueles três, que não se distinguem dos outros homens devido à sua cultura ou capacidades especiais: eram três pescadores, homens simples. Porém, aqueles três são como o manto tocado pela hemorroíssa (ou o véu de Verónica, como nos dizia o Davide na Jornada de Início de Ano):⁸² são a companhia com que Jesus quer entrar na vida de cada homem, por isso, também na nossa vida, na nossa casa, até nos nossos afetos e, juntamente com eles, salvar-nos. Podia decidir fazer tudo sozinho e, em vez disso, indicou-nos um caminho, um método, um contexto humano: aqueles três representam a comunhão da Igreja, que para nós tem a forma da nossa companhia, do movimento.

⁸¹ Cf. G. Paccosi, *«Conhecemos o amor»*, Comunhão e Libertação, Lisboa 2025, pp. 51-61.

⁸² Cf. D. Prosperi, *«Cristo, novo princípio de conhecimento e de ação»*, op.cit., p. 5.

A página do Evangelho conclui-se com uma última passagem: «Tornando-lhe a mão, disse: “*Talitã kum!*”, isto é: “Menina, sou Eu que te digo: levanta-te!”. E logo a menina se ergueu e começou a andar, pois tinha doze anos. Todos ficaram assombrados. Recomendou-lhes vivamente que ninguém soubesse do sucedido e mandou dar de comer à menina».⁸³ Por um lado, impressiona mais uma vez a humanidade excepcional de Jesus, que se expressa também nos gestos com que opera a cura milagrosa da menina voltando a dar-lhe a vida, e da qual surge como se fosse um homem simultaneamente poderoso e bom: impressiona a ternura com que lhe pega na mão e se preocupa com que lhe seja dado de comer, pequenos sinais de uma atenção ao outro que chega até ao mais ínfimo pormenor. Por outro lado, porém, podemos dizer que, a este ponto, o milagre parece quase ser a coisa menos importante; mas é precisamente isso que impressiona. Se voltarmos ao início do relato, todo o problema era a doença da menina, mas depois, passo a passo, Jesus faz mudar o olhar, quer o daquelas pessoas (Jairo, a hemorroíssa e todos os outros), quer o nosso, que lemos, dois mil anos depois, o que aconteceu naquele dia. Em cada versículo, é como se Jesus nos ajudasse a desviar o olhar sobre a Sua pessoa. Ele conduz, pouco a pouco, aqueles que encontra, a converter a imagem que tinham feito d’Ele, e de como Ele deveria responder à sua necessidade de serem salvos. É nisto que consiste aquela «pedagogia de Cristo ao revelar-se» de que fala *don* Giussani no sexto capítulo do livro de Escola de Comunidade.⁸⁴ Pouco a pouco, as pessoas que estavam com Ele começam a experimentar que aquilo que desejam é a relação com a Sua pessoa. Apegam-se cada vez mais a Ele, dia após dia, como que vencidos por «camadas de cola»,⁸⁵ diz Giussani. O coração anseia pela relação com Ele, não apenas pelos milagres!

Entre os contributos que chegaram, muitos falam da experiência da dor e da doença e confirmam a dinâmica que acabámos de descrever. Por exemplo, um amigo nosso, contando os dias em que, juntamente com a sua mulher, enfrentou a morte inesperada da sua segunda filha, ocorrida no próprio dia do seu nascimento, devido a complicações que também colocaram em risco a vida da sua mãe, escreve: «Nestes meses de dor, houve uma voz que ressoou com mais força. A voz de um

⁸³ Mc 5,41-43.

⁸⁴ Cf. L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., pp. 77-89.

⁸⁵ L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p. 104.

Deus que subiu à cruz para se identificar com a minha dor, e que hoje se tornou meu companheiro de caminho, dos meus amigos, da minha mulher, da minha filha». Outro amigo fala da angústia que viveu depois da notícia da doença de quatro pessoas da sua família, entre as quais a sua mulher e a sua filha, e conclui: «Agora, já não me encontro sozinho diante do abismo ou do Mistério, mas nas circunstâncias JUNTAMENTE com o Mistério que se faz carne naqueles rostos que Ele próprio decidiu dar-me». E também uma amiga nossa de Inglaterra: o seu tumor revelou-se benigno, mas provocou-lhe a perda de visão de um olho. Escreve: «Para responder à pergunta de Jesus – “E vós, quem dizeis que eu sou?” – não posso deixar de referir uma sucessão contínua de acontecimentos através dos quais continuo a ver-me retomada, acolhida, inundada de um Amor do qual não sou digna, mas que misteriosamente continua a acontecer, através dos rostos de quem, como eu, foi tomado e pertence à Sua Igreja, e daqueles que me colocou ao meu lado na vida e nos quais vislumbro um pedaço de verdadeira humanidade». Em nenhum destes três casos se verificou o milagre da cura, mas todos os nossos três amigos foram levados pela mão e acompanhados por Cristo para enfrentarem o mistério da sua dor, ou dos outros, através da companhia concreta dos seus “Pedro, Tiago e João”.

Antes de prosseguir no percurso de descoberta das características da humanidade de Cristo, recapitulemos o caminho descrito nesta página do Evangelho: no início está a necessidade do homem, de cada um de nós, que se expressa num pedido, o pedido de quem se ajoelha e mendiga e a que chamamos «oração». A oração é sempre dirigida ao Tu de Cristo, está sempre inserida numa relação pessoal com Ele (recordemos o diálogo entre Jesus e a hemorroíssa), que nos introduz num caminho de conhecimento da Sua pessoa. Depois, ouvimos o juízo decidido de Jesus («A menina não está morta»), que desafia o mundo e o seu sarcasmo e, como consequência, o Seu convite de fazer tábua rasa de tudo aquilo que impede o homem de viver a relação com Ele (que custa sempre um sacrifício: um sacrifício necessário para poder deixar-Lhe espaço) e, portanto, a decisão de nos colocarmos em silêncio, como condição para poder viver essa relação. Por fim, Cristo pede-nos que nos deixemos acompanhar por Ele para estarmos diante do mistério do outro (e de nós mesmos), através da companhia a que Ele nos confiou.

d) *Cristo no centro dos nossos afetos*

Chegámos, assim, à quarta característica da humanidade de Cristo, ou seja, ao âmago da relação que Cristo estabelece com as pessoas que encontra, ao ápice da sua pretensão. No sexto capítulo de *Na origem da pretensão cristã*, há um parágrafo intitulado *Por causa dele: o centro da liberdade*, no qual don Giussani explica como Jesus se coloca diante de cada uma daquelas pessoas e como se coloca, igualmente, diante de nós. Giussani afirma que «lentamente, Jesus coloca a sua pessoa no centro da afetividade e da liberdade do homem»,⁸⁶ a ponto de obrigar quem tem à sua frente por uma escolha definitiva por Si.

Considero o episódio do jovem rico emblemático da forma como Jesus leva a pessoa até esta decisão radical da liberdade. Relendo a dinâmica daquele encontro, vemos que, em primeiro lugar, perante o pedido daquele jovem, Jesus enumera os mandamentos entregues por Deus a Moisés, ou seja, faz-lhe recordar a tradição a que pertence. Depois, perante a sua insistência, o seu desejo, olha para ele, com aquele olhar bom e profundo de que falámos antes, a tal ponto que Marcos escreve: «Fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele». E é nesse momento que lhe diz: «Vai, vende tudo o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu; depois, vem e segue-me».⁸⁷

Aqui torna-se claro que o ápice do amor de Jesus pelo homem consiste em fazer uma proposta total e exigente: «Vende tudo o que tens e segue-me». É o que acontece com aquele jovem: Jesus vê o seu coração, vê o desejo bom que o anima e faz-lhe uma proposta que está à altura daquele desejo. Amar significa ser exigente, o que significa pedir ao outro: «Dá-me tudo». Porque, no fundo, quem gostaria de ser amado menos do que isso? E quem gostaria de amar menos do que isso? Que mulher gostaria de ouvir do seu namorado: «Amo-te tanto que ficaria contigo uma década»? Nenhuma. «Queria ficar contigo toda a vida!»: é isto que cada um de nós quer ouvir da pessoa que ama. Ou que mãe ficaria contente em ouvir o seu filho dizer: «És uma das dez mães mais bonitas do mundo»? É claro que todas as mães querem

⁸⁶ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 83.

⁸⁷ Mc 10,21.

ser as mais bonitas aos olhos dos seus filhos ou das suas filhas. O amor verdadeiro implica totalidade, radicalidade, certeza.

Pois bem, Cristo não tem medo de pedir tudo e, ao mesmo tempo, respeita a liberdade do outro, permite que o outro possa recusar; é isso que acontece no caso do jovem rico. Ainda que depois – é importante referi-lo – apesar de toda a dor pelo facto de aquele jovem ir embora, apesar de todo o amor que sente por aquela pessoa e pela sua liberdade, Jesus não se abstenha de emitir um juízo claro: «É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que um rico entrar no reino de Deus».⁸⁸ Amar não significa abster-se de dar um juízo.

A proposta de Jesus contrasta, portanto, com todas as reduções de que falámos ontem à noite: com a atitude de quem, partindo de uma visão dualista, quer excluir a Sua incidência na vida real, relegando-a para o âmbito do espiritual (pelo contrário, Jesus coloca-se no centro da realidade, da nossa vida!), ou com a posição de quem tende a considerá-l'O como um simples exemplo a imitar (e, pelo contrário, Ele diz-nos: «Vem! Segue-me!»); o que implica um envolvimento com a Sua pessoa), ou de quem, simplesmente, o ignora.

A pretensão de Jesus não nos deixa alternativas: pede à nossa liberdade que tome uma posição, como está bem expresso no terceiro capítulo de *Na origem da pretensão cristã*.⁸⁹

Tudo isto está bem claro no capítulo sexto do Evangelho de João, quando Jesus, revelando com ainda mais profundidade que aquilo que pede a cada um é uma comunhão total com Ele, chega ao ponto de propor que nos tornemos uma só coisa com Ele, uma só coisa com a Sua carne e o Seu sangue. E quando a Sua pretensão alcança esse ponto radical, é abandonado pela multidão, que, até um momento antes, o seguia «para o fazer rei», porque os tinha saciado; ou seja, seguiam-n'O por razões insuficientes, enganadoras, baseadas na ideia que tinham de quem deveria ser o Messias. E quando todos O abandonaram, Ele dirige-se aos seus discípulos e pergunta: «Também vos quereis ir embora?». Mais uma vez, apela à sua liberdade. E só quem esteve perto d'Ele desde o início, como Pedro, pode responder dizendo: «A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna!».⁹⁰

⁸⁸ Mc 10,25.

⁸⁹ Cf. L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 47.

⁹⁰ Jo 6,15.67-68.

E é neste mesmo nível de radicalidade que se situa também o versículo que dá título e conteúdo a estes Exercícios: «E vós, quem dizeis que eu sou?».⁹¹

«E vós, quem dizeis que eu sou?»

Detenhamo-nos, então, naquele diálogo entre Jesus e os seus discípulos, que não é mais do que o enésimo apelo à sua liberdade pessoal, no qual lhes pede que expressem diante de Si e diante do mundo o que cada um deles pensa da Sua pessoa. Pedro responde: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo». E Jesus: «És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que to revelou, mas o meu Pai que está no Céu».⁹²

É um diálogo importantíssimo, porque, apesar da sua brevidade, exprime o essencial acerca da identidade não só de Jesus, como também de nós mesmos.

Queria sublinhar dois aspetos que surgem deste diálogo.

O primeiro, é que sempre pensei que Jesus, enquanto fazia aquela pergunta aos seus discípulos, sabia bem que nem mesmo eles poderiam responder de forma completa, porque muitas coisas teriam ainda de acontecer: Jesus ainda não tinha morrido e ressuscitado, não tinha ainda subido ao Céu, os discípulos ainda não tinham recebido o Espírito Santo. Por isso, não estava à espera daquela resposta da parte de Pedro. Por isso, quando a ouviu, surpreendeu-se, porque a entendeu imediatamente como um presente do Pai: um presente que o Pai dava a Pedro (por isso lhe diz: «És feliz, porque se não fosse o Pai, sozinho nunca terias chegado lá!»), mas também um presente que o Pai lhe dava a Si, o Seu Filho, um sinal da Sua proximidade e da Sua fidelidade.

O segundo aspeto que quero sublinhar é que neste breve diálogo entre Jesus e Pedro está contido o propósito pelo qual Cristo veio ao mundo, bem descrito na canção *My Father sings to me*.⁹³

⁹¹ Cf. Mt 16,15; Mc 8,29; Lc 9,20.

⁹² Mt 16,16-17.

⁹³ M. Maniscalco e R. Veras, «My Father sings to me», *Cancioneiro*, op. cit., pp. 328.

O caminho da escravidão à filiação

Qual é o nosso maior medo? Pensemos numa criança: qual é a perspectiva que mais a aterroriza? Penso que o seu, e nosso, maior medo é o de descobrir que é órfã, que não tem um pai e uma mãe. Porque o pai é aquele que te dá um nome, que te relembra a tua origem, que te diz quem és e de onde vens; é aquele que te introduz à realidade, te faz intuir a sua beleza, a sua positividade, sem negar a dureza, as dificuldades que terás de enfrentar na vida e sem te poupar a elas. A mãe é aquela que acolhe a tua vida dentro de si e te guarda durante nove meses, depois dá-te à luz e, pouco a pouco, deixa-te ir, sempre pronta a acolher-te de novo, consolar-te, perdoar-te, para te relançar novamente na realidade.

Nesse sentido, o momento em que somos chamados a deixar ir os nossos pais – não importa com que idade – é sempre um momento decisivo na nossa vida: podemos sentir-nos órfãos mesmo aos quarenta, aos cinquenta, aos sessenta anos. Sentir-se órfão significa viver sem ter a certeza de que há alguém a quem realmente importa quem somos, o que desejamos ou o que fazemos na vida. E isto, paradoxalmente, pode acontecer também a quem ainda tem os pais vivos, mas com os quais não tem uma relação de verdadeira filiação.

Mas se o medo de ser órfão é o nosso maior medo, qual é, então, a maior alegria da vida? Vou contar-vos uma coisa à qual estou muito ligado, porque tem a ver com dois amigos muito queridos, de Milão, que adotaram duas crianças. O segundo é chinês e tinha dois anos quando foram buscá-lo: não andava, não falava, tinha estado durante dois anos fechado numa espécie de caixa no orfanato onde vivia desde o seu nascimento. Contavam-me os meus dois amigos que, quando tinha quatro ou cinco anos, todas as manhãs, assim que acordava, corria para o quarto deles, atirava-se para a cama, escondia-se debaixo do lençol, depois destapava-se e dizia: «Pronto, agora nasci! Olá, pai, olá mãe!» Duas ou três vezes de seguida, todos os dias isto, durante vários meses!

Se o maior medo de uma criança é o de saber que é órfã, qual é, pelo contrário, a alegria maior? Saber que é filha. Saber que é desejada e amada.

Recentemente, tive a oportunidade de ir visitar outro amigo das Famílias de Acolhimento, que tem uma história parecida: foi abandonado pela sua mãe quando ela descobriu que ele era doente e que não iria po-

der andar. A sua vida recomeçou quando encontrou os seus atuais pais adotivos, que iam visitá-lo na casa da família que o acolhia. Quando fui visitá-lo, perguntou-me: «Podes dizer-me quando é que renascestes?», porque, para ele, o encontro com os seus pais adotivos foi o momento em que nasceu.

Cristo veio ao mundo para nos dizer que não somos órfãos, mas filhos, para nos dizer que temos um Pai, a quem interessa quem somos, que vê e conhece o nosso coração e que deseja que a nossa vida seja plena, cheia de sentido. Uma das coisas que o Papa Leão repetiu mais vezes nestes primeiros meses de pontificado foi precisamente isto: «Somos filhos, e não órfãos».⁹⁴

Cristo veio para libertar o homem do jugo da escravidão e restituir-lhe a relação original com o Pai. Como diz São Paulo: «Vós não recebestes um Espírito que vos escravize e volte a encher-vos de medo; mas recebestes um Espírito que faz de vós filhos adotivos. É por Ele que clamamos: “Abbá, ó Pai!”».⁹⁵ Como diz a canção *Cry no more*: tu dantes eras «escravo, agora [és] filho».⁹⁶ Estes são os dois polos entre os quais, inevitavelmente, nos movemos: a experiência do escravo (ou do órfão) e a experiência do filho.

Filhos no Filho

Percebemos, então, a importância daquele diálogo entre Pedro e Jesus: em primeiro lugar, porque na resposta de Pedro se encontra a revelação da identidade de Jesus enquanto Filho («Filho do Deus vivo»), que revela a autoconsciência que Jesus tem de si, desde sempre, desde quando, aos doze anos, responde à sua Mãe: «Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?».⁹⁷ Se olharmos para a Sua vida, ela é um longo e ininterrupto diálogo com o Pai: sempre que pode, retira-se para rezar para poder estar a sós com Ele, agradece-Lhe, invoca-O antes de fazer um milagre; o Pai está sempre presente em cada um dos seus discursos, em cada uma das suas parábolas, é o termo de comparação quando fala

⁹⁴ Leão XIV, Carta Apostólica *Traçar novos mapas de esperança* por ocasião do LX aniversário da Declaração conciliar *Gravissimum educationis*, 4,3.

⁹⁵ Rm 8,15.

⁹⁶ R. Veras-R. Maniscalco, «Cry no more», *Cancioneiro*, op. cit., p. 315.

⁹⁷ Lc 2,49.

(por exemplo: «Pois se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que lho pedem!»; «O meu Pai continua a realizar obras até agora, e Eu também continuo!»).⁹⁸

Dizia don Giussani que, se tivessem pedido a Jesus uma definição de si mesmo, Ele teria dito: «Eu sou o enviado do Pai»,⁹⁹ como que para indicar que n'Ele, a consciência da sua missão era uma só coisa com a sua consciência de ser Filho. É por isso que a resposta de Pedro é tão importante: porque revela que a verdadeira identidade de Jesus é a de ser Filho.

Às palavras de Pedro, seguem-se depois as de Jesus: «És feliz, Si-mão, porque foi o Pai que to revelou».¹⁰⁰ É importante aquela palavra, «feliz», porque Jesus, deste modo, diz-nos que a nossa felicidade consiste na nossa relação com o Pai, um Pai que nos ouve e que nos fala. E foi isso que Cristo veio anunciar-nos: que, aderindo a Ele, nos tornamos também nós filhos. Assim, ao revelar a sua identidade de Filho, Cristo revela-nos também a nossa.

E o que é que caracteriza a vida de um filho? Qual é a sua principal característica? A liberdade.

Porque só quem tem a certeza de ser amado e desejado, só quem conhece a sua origem e sabe a quem pertence, pode ser verdadeiramente livre. E é esta consciência que vence qualquer pretensão nossa de autonomia, que desfaz aquelas imagens falsas da nossa realização humana que nós próprios construímos ou que permitimos que outros construissem em nosso lugar.

Deste ponto de vista, o jovem rico escolheu – paradoxalmente – não ser livre, porque recusou a experiência da filiação que Jesus lhe oferecia. É este o risco da nossa liberdade, é este o risco que Deus assumiu ao criar-nos livres.

Há uma canção dos Mumford & Sons, *Timshel*,¹⁰¹ que vai buscar a inspiração ao romance mais bonito de John Steinbeck, *A leste do pa-*

⁹⁸ Lc 11,13; cf. Jo 5,17.

⁹⁹ L. Giussani, *Através da companhia dos crentes*, Paulus, Lisboa 2022, p. 142.

¹⁰⁰ Cf. Mt 16,17.

¹⁰¹ «Death is at your doorstep / And it will steal your innocence / But it will not steal your substance / But you are not alone in this / And you are not alone in this / As brothers we will stand and we'll hold your hand (*A morte está à tua porta e roubará a tua inocência, mas não a tua substância. Não estás sozinho em tudo isto, como irmãos, estaremos ao teu lado apertando a tua mão*)» (Mumford & Sons, «Timshel», do álbum *Sigh No More*, 2009, © Island Records).

raíso.¹⁰² O sentido daquele romance é precisamente este: até o pior dos homens, até Caim (o protagonista principal é uma atualização da figura de Caim), pode ser livre, e já não escravo do seu pecado, se descobre que é filho.

O filho é livre porque sabe a quem pertence e de quem depende. E só a descoberta de que Deus é Pai pode iluminar as figuras dos pais que tivemos na nossa vida. «*Tam Pater nemo*» (ninguém é pai como Deus), repetia frequentemente *don* Giussani,¹⁰³ citando Tertuliano, que por sua vez retomava São Paulo: «Qualquer paternidade no céu e na terra recebe o nome de Deus Pai».¹⁰⁴

É por isso que podemos chamar assim ao nosso pai biológico, ou àquele que nos acolheu na sua família, ou àquelas pessoas que foram, na nossa vida, um reflexo da paternidade divina. E daqui percebemos também que é verdadeiramente pai aquele que não te prende a si; aquele que, quando se vai, não te deixa órfão, mas te remete sempre para a Paternidade de Deus, da qual todas as outras, inclusive a sua, tomam o nome. Foi o que nos disse o então Cardeal Ratzinger sobre *don* Giussani, no dia do seu funeral: ele foi «um pai para muitos [...], tendo orientado as pessoas não para si mesmo, mas para Cristo».¹⁰⁵

Conclusão

Concluo lendo uma carta publicada no site de CL há alguns meses e que testemunha melhor do que as minhas palavras esta descoberta de que somos filhos: «Nasci na Rússia. Com três anos e meio, fui adotado, juntamente com o meu irmão [...] e vim para Itália. Houve sempre em mim uma enorme necessidade e o desejo de ser preferido, talvez precisamente por causa daquela preferência que não senti quando nasci. Graças aos meus pais adotivos, o Davide e a Daniela, [...] conheci o movimento que, depois de tantos anos, comecei a reconhecer como uma casa e um lugar onde até alguém como eu podia sentir-se preferido e desejado. A verdadeira relação com o movimento, porém, nasceu há muitos anos

¹⁰² J. Steinbeck, *A leste do paraíso*, Livros do Brasil / Porto Editora, Porto 2018.

¹⁰³ L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., pp. 157 e 210.

¹⁰⁴ Cr. Ef 3,14-15.

¹⁰⁵ J. Ratzinger, «Homilia nas exéquias de *don* Luigi Giussani», in L. Giussani *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, op. cit., p. 266.

com um *memor* chamado Renè, com quem comecei este maravilhoso caminho. Com o Renè, a vida era bonita e eu era olhado por aquilo que era, com os limites que tinha, e era amado apesar destes. [...] Em 2019 [inesperadamente] o Renè morreu. [...] Foi como perder um pai [...]. Voltou a sensação de abandono [...] e eu perguntava-me como era possível que Deus me quisesse tanto mal a ponto de me colocar um desejo tão grande no coração e depois esquecê-lo, como um camponês que semeia o campo e depois não o rega. [...] Durante algum tempo, deixei o movimento. [...] A vida recomeçou depois na universidade, onde este desejo foi acolhido e cuidado como uma pequena semente. [...] Pude reencontrar a presença viva de Cristo nalguns rostos que me acompanharam. Com o passar dos meses [...] compreendi finalmente que a minha vida não é um abandono, mas uma espera. A espera infinita d'Aquele que tinha sede da minha vida e que, depois de cada abandono, estava ali à minha espera e a consolar este coração que estava tão cansado, mas que não podia interromper a busca. [...] Esperava por ser amado por pais, e chegaram o Davide e a Daniela [...]. Esperava amigos, e encontrei-os pelo caminho. Esperava um companheiro para a vida, e encontrei Cristo. Era cada vez mais esperado, havia cada vez mais alguém que tinha por mim uma preferência infinita. Percebi que não sou o filho do abandono, mas o filho de uma promessa que me envia para o infinito».¹⁰⁶

É isto que Cristo é para nós, é isto que nós «dizemos que Ele é»: é Aquele que nos leva para a sua vida para nos revelar o Pai e para nos dizer que não somos órfãos, mas filhos. Filhos no Filho. E, por isso, livres.

¹⁰⁶ «Não filho de um abandono, mas de uma preferência infinita», carta assinada, *clonline*, 18 de fevereiro de 2026.

Sábado, tarde

Ludwig van Beethoven

Triplo concerto em dó maior para piano, violino, violoncelo e orquestra, Op. 56

Beaux Arts Trio – Piano, Menahem Pressler; Violino, Ida Kavafian;

Violoncelo, Peter Wiley

Kurt Masur – Gewandhausorchester Leipzig

“Spirto Gentil” n. 31, Universal

■ SEGUNDA MEDITAÇÃO Emmanuele Silanos

Filhos no Filho: a experiência do cêntuplo

Cristo deseja a nossa felicidade

«Tomando a palavra, Pedro disse-lhe: “Nós deixámos tudo e seguimos-te. Qual será a nossa recompensa?”. Jesus respondeu-lhes: “Em verdade vos digo: [...] todo aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos ou campos por causa do meu nome, receberá cem vezes mais e terá por herança a vida eterna”».¹⁰⁷

O que é que Jesus quer para nós? Qual é o desejo que move o seu coração? Percebemo-lo a partir desta passagem do Evangelho, de que *don* Giussani gostava tanto que se propôs citar este episódio sempre que falasse em público.¹⁰⁸

Esta troca de palavras entre Pedro e Jesus, que acontece logo a seguir à renúncia do jovem rico que não quis deixar tudo para seguir Cristo, diz-nos qual é o desejo que mais profundamente habita no coração de Jesus: a nossa felicidade. Cristo quer-nos felizes: «Cem vezes mais e a vida eterna». A vida eterna como promessa no futuro, o cêntuplo como experiência do início da plenitude já no presente.

¹⁰⁷ Mt 19,27-29.

¹⁰⁸ «A frase que dissemos mais vezes desde o início do movimento é: “Quem me segue terá a vida eterna e o cêntuplo na terra”» (L. Giussani, *Una presenza che cambia*, BUR, Milano 2004, p. 283).

No oitavo capítulo da Escola de Comunidade, Giussani escreve que, para Jesus «o problema da existência do mundo é a felicidade de cada homem». ¹⁰⁹ Há quarenta anos, nos Exercícios da Fraternidade de 1986, Giussani dizia que, a par do pensamento do Pai, «o outro sentimento que vibrava em Cristo era a paixão para que as pessoas fossem mais felizes. Não se percebe o cristianismo se não se perceber este ponto», e acrescentava: «Nós falamos destas coisas, dizemos estas coisas, e queremos dizê-las aos filhos, e queremos dizê-las aos amigos, aos colegas, para que as pessoas sejam mais felizes; porque com esta consciência a vida torna-se mais humana, [...] ou seja, mais alegre». ¹¹⁰

Há uma página de *É possível viver assim?*, em que Giussani, comentando o Evangelho das bem-aventuras, cita François Mauriac, que, na sua *Vida de Jesus* ¹¹¹ imagina que, no momento em que Jesus se preparava para começar a falar, a multidão reunia-se no alto da montanha e aglomerava-se à volta d'Ele. Alguns estavam mais próximos de Jesus, que falava, por isso ouviam claramente aquilo que dizia; outros estavam mais afastados e só percebiam algumas palavras; outros ainda, atrasados, juntavam-se ao grupo aos poucos, e não conseguiam, de longe, distinguir nitidamente tudo o que estava a dizer. Mas havia uma palavra que todos percebiam, porque era continuamente repetida no início de cada frase: «Felizes... Felizes... Felizes...». ¹¹² E «feliz» é palavra que ouvimos estas manhã, dita por Jesus a Pedro: «És feliz, Simão, filho de Jonas...». ¹¹³

Ou seja, no fundo, este é o âmago do anúncio cristão: é o anúncio de que a felicidade é possível para todos. Nós estamos entre aqueles que tiveram a possibilidade de estar mais próximos de Jesus: encontrámo-l'O através de uma modalidade fascinante e, se estamos aqui hoje, é porque O seguimos depois de Ele nos ter, de alguma maneira, tomado, determinado a nossa vida. Outros tiveram talvez um contacto mais superficial, outros ainda aderiram através de outras formas, com outras histórias, cada um de acordo com a sua liberdade, mas o anúncio é o mesmo para todos, o de uma felicidade possível, já, agora: o cêntuplo aqui.

¹⁰⁹ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 108, nota 3.

¹¹⁰ L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, BUR, Milão 2018, p. 138.

¹¹¹ L. Giussani, *É possível viver assim?*, Voll II, Esperança, Tenacitas, Coimbra 2007, p. 85.

¹¹² Mt 5,1-12.

¹¹³ Mt 16,17.

E qual é o caminho que Cristo propõe à liberdade de cada um para fazer esta experiência de letícia, para viver a vida duma maneira cem vezes mais saborosa e profunda? Vimo-lo esta manhã: propõe-nos, oferece-nos a experiência da filiação. Filhos no Filho. Este é o dom que nos foi dado no Batismo, quando a nossa vida foi assimilada à de Cristo, uma Graça que foi iniciada pelo encontro com Ele no seio da Igreja, que é o seu Corpo.

Então, eis o outro aspeto da filiação: Cristo, ao vir ao mundo, não nos mostrou apenas um Pai, mas também uma Mãe, que é a Igreja. Da qual Maria é figura e modelo. A Igreja gerou-nos é a pergunta do menino de que falei esta manhã: “quando é que renasceste?”; e regenera-nos continuamente através dos sacramentos: acolhe-nos incessantemente, perdoa-nos, corrige-nos, relança-nos na realidade com o carinho, a paciência e o cuidado típicos de uma mãe.

Desta descoberta de que somos filhos, do nosso reconhecimento da paternidade de Deus e da maternidade da Igreja, decorre, como consequência, também a surpresa de termos sido chamados a partilhar esta identidade juntamente com outros. É a descoberta da nossa Fraternidade como caminho para a nossa plenitude, para a nossa realização. O cumprimento da promessa do cêntuplo depende, por isso, da nossa adesão a esta nova identidade de filhos e de irmãos, da nossa adesão a Cristo.

Em que consiste, então, este cêntuplo que nos é dado através desta identidade de filhos e de irmãos? Através desta assimilação a Si, Cristo dá-nos o seu próprio coração, o Seu próprio olhar sobre nós mesmos, sobre as pessoas e sobre as coisas. Nisto consiste a felicidade que nos é prometida: em partilhar os mesmos sentimentos de Jesus. É a isto que somos chamados, é esta a nossa vocação.

No oitavo capítulo de *Na origem da pretensão cristã*, don Giussani descreve esta vida nova, a vida da criatura nova, que nasce da nossa assimilação a Jesus. Neste capítulo, é-nos apresentada «a conceção que Jesus tem da vida», ou seja, como é que Cristo via e vivia toda a realidade. Ora, percorrer as características da Sua pessoa significa descrever também aquilo que nós somos chamados a ser, na medida em que estamos incorporados a Ele, ou seja, percorrer a nossa vocação.¹¹⁴

¹¹⁴ «A pertença a Cristo é o conteúdo de uma nova autoconsciência. Nós pertencemos a Deus, somos Seus no sentido mais radical, ontológico do termo: somos criaturas Suas» (L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p. 78).

A vida da criatura nova

a) A dependência original

Tive a oportunidade, em diversas circunstâncias, de me colocar e de colocar aos outros esta pergunta: «Se *don* Giussani, ao encontrar uma pessoa pela primeira vez, pudesse dizer-lhe apenas uma coisa, sabendo que depois nunca mais a voltaria a ver, o que lhe teria dito?» Obviamente, cada um de nós pode responder o que quiser, porque ele só nos dará a resposta quando nos reencontrarmos com ele no Paraíso, mas eu arrisco: ter-lhe-ia dito «Tu dependes». Porque, depois, toda a vida dessa pessoa teria sido gasta a conhecer Aquele de quem a sua vida depende.

Pensemos naquela que é, talvez, a página de Giussani que cada um de nós conhece melhor, contida no capítulo X d' *O sentido religioso*: se nascêssemos hoje com a consciência da idade que temos agora, não poderíamos negar uma evidência, ou seja, que «*não me faço a mim próprio*», que há alguém que nos quis, que nos colocou na realidade e de quem, portanto, a nossa existência depende. É este o primeiro passo que Jesus dá nos diálogos com as pessoas que encontra pelas estradas da Galileia e da Judeia, e é isto o que acontece também hoje a quem se cruza com a Sua pessoa: Jesus arranca de nós a pretensão de autonomia típica da nossa época (aquela de que falámos ontem à noite) e volta a colocar-nos diante do dado original de que “somos feitos” e por isso dependemos: «*Eu sou “tu-que-me-fazes”*».¹¹⁵

Como é que Jesus educa para esta dependência original? Antes de mais nada, sendo Ele o primeiro a vivê-la: «Desci do Céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou», «Eu comunico o que vi junto do Pai»,¹¹⁶ etc. Então, a primeira característica do homem novo, do filho, é a consciência da sua dependência. Desta dependência, podemos identificar duas formas, dois aspetos que surgem do ensinamento de *don* Giussani.

¹¹⁵ L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 156.

¹¹⁶ Jo 6,38; Jo 8,38.

1. Comunhão

Um primeiro aspeto da dependência é a adesão a um lugar que me torna familiar a pessoa de Jesus.

Vimos esta manhã, no episódio de Jairo, como Jesus arranca da solidão as pessoas que encontra, fazendo entrar na sua vida, na sua casa, a experiência da comunhão. Escrevia, há alguns anos, o padre Lepori que o homem se redescobre a si mesmo num caminho comunitário, através da experiência de pertencer.¹¹⁷

Para exemplificar isto, conto-vos uma história de há alguns anos, que me diz muito, tanto que já a tinha contado no encontro do Meeting com a madre Elvira que referi na Introdução. O protagonista é Lin Haui Min, um nosso amigo de Taiwan, que tinha 18 anos na altura, era um rapaz feliz, inteligente, com uma bela família e muitos amigos, entre os quais um de quem era particularmente próximo, com quem partilhava tudo. Um dia, porém, chega a trágica notícia de que aquele seu amigo tinha tido um acidente de viação e tinha morrido. Ele mergulhou numa tristeza profunda, que nunca sentira antes, e disse a mesmo: «Se a amizade é uma coisa tão bonita, mas que acaba por se revelar ilusória, não devemos ter amigos: prefiro não ser mais amigo de ninguém». E assim, começa a estar sozinho, deixa de lhe interessar sair, divertir-se, já não quer ver ninguém. E começa a ler muitos livros. Até que um dia, lê um que reúne a correspondência entre Vincent van Gogh e o seu irmão Theo, e fica fascinado com o drama descrito naquelas cartas, por isso vai procurar na Internet os quadros de van Gogh. Diante destes, pensa: «Nas suas pinceladas, transparece o mesmo sentido trágico da vida que eu vivo: este é o meu melhor amigo». E já aqui, na minha opinião, tem a primeira intuição genial: que alguém possa ser teu amigo ainda que esteja longe de ti, física e temporalmente. Foi um pouco o que aconteceu a Giussani, quando estava

¹¹⁷ No tempo de São Bento era urgente reconstruir a sociedade, a cultura, mas hoje há sobretudo a urgência de reconstruir o homem, a conceção que o homem tem de si mesmo, a consistência do seu eu tal como foi pensado, criado e amado por Deus. São Bento «compenetrou toda a Europa da humanidade nova que o cristianismo tornara possível. [...] Poderia dizer-se que, para São Bento, a dignidade de cada pessoa se encontra na medida em que a confiança na misericórdia de Deus permite consentir num caminho comunitário de conversão. E este caminho de conversão é um caminho de educação, de formação, ou de reformação da pessoa». A pessoa, «o ser humano, precisa de um caminho guiado, acompanhado, em direção à plenitude da sua vida» (M.-G. Lepori, «Mai disperare della misericordia di Dio», *La Nuova Europa*, 12 de dezembro de 2016).

no liceu, com Giacomo Leopardi: há um texto muito bonito, contido em «*Tu*» (*o dell'amicizia*) intitulado «Leopardi per amico» (Leopardo como amigo),¹¹⁸ que descreve uma experiência muito parecida à do nosso amigo taiwanês. Chegado o momento de se inscrever na universidade, escolhe o departamento de Italiano da Universidade Fu Jen (onde nós, padres da Fraternidade de São Carlos, também ensinamos).

Sentava-se sempre no último banco, não falava com ninguém, mas chamou a atenção de um professor do Movimento, o Andrea, que intuiu que havia nele algo diferente, uma sensibilidade diferente da dos outros. Por isso, começou a convidá-lo para os encontros que fazia com alguns jovens. Lin Huai Min disse que não, uma vez, duas vezes, três vezes; mas por fim, dada a insistência do professor, disse que sim. No final daquele primeiro encontro, o professor perguntou-lhe se ia voltar e ele respondeu: «Acho que sim, porque vocês falam da amizade como uma coisa que não acaba: a mim interessa-me perceber se isso é verdade, porque as coisas que acabam já não me interessam». Depois, num verão, veio para Itália, para Perugia, para melhorar o seu italiano. Conheceu uns jovens do CLU que lhe falavam de Jesus e ele disse: «Está bem, mas esse Jesus de que vocês falam, onde é que está? Porque eu não o vejo». E eles, muito simplesmente: «Olha, nós na verdade também nunca o vimos pessoalmente, mas conhecemos alguém que conheceu alguém, que conheceu alguém que conheceu Jesus».

Um dia, por fim, Lin Huai Min foi a Roma visitar um dos nossos padres, o padre Paolo, que nos anos anteriores tinha sido seu professor em Taiwan, e que o levou a dar uma volta pela capital. A certa altura, entraram na igreja de São Luís dos Franceses, dirigiram-se ao quadro de Caravaggio que retrata a vocação de São Mateus, e ele ficou ali sem falar durante cinco minutos, dez minutos, vinte minutos... Por fim, saíram e o padre Paolo disse-lhe: «Gostaste do quadro, não foi?» «Sim, muito.» «E o que é que te agradou?» «Fiquei impressionado com o feixe de luz que vai de Jesus a Mateus. Percebi que aquela luz é a nossa amizade.» E aqui está o outro passo genial, porque percebeu que a maneira como Cristo, hoje, nos é contemporâneo, é a nossa amizade.

¹¹⁸ Cf. L. Giussani, «Leopardi per amico», em Id., «*Tu*» (*o dell'amicizia*), BUR, Milão 1997, pp. 29-49.

Depois, regressou a Taiwan e pediu para receber o Batismo, porque percebeu que o que torna a amizade eterna é a ligação com algo que permanece para sempre. Assim, foi batizado e adotou o nome de Vincenzo, como o do seu melhor amigo, Vincent Van Gogh. Hoje, o Vincenzo é casado e tem duas meninas lindíssimas, também elas batizadas, tal como a sua mulher, Flora.

O que nos diz a história do Vincenzo? Que o eu se encontra no encontro com Cristo, que acontece hoje através da Igreja, que para nós assumiu o rosto da nossa amizade. Como me escreveu outro de vocês, um amigo, se não vivêssemos com a consciência «d'Aquele que está entre nós», as relações desvalorizavam-se, perdiam o interesse, tornavam-se um hábito que podia tornar-se insuportável: e este risco aplica-se a tudo, desde a mulher aos filhos, aos amigos e aos colegas de trabalho. Escreve Giussani: «A companhia toca-nos e sentimo-nos atraídos por ela porque ela torna experiência concreta o encontro com este Homem, tira-O da abstração e faz com que O experimentemos como uma realidade da qual se pode viver agora. A companhia não é uma ideia, um discurso, uma lógica, mas um facto, uma presença que implica uma relação de pertença».¹¹⁹

2. Oração

Um segundo aspeto da dependência é a oração. A atitude mais adequada de uma pessoa que tenha consciência da sua dependência é a de pedir.

Mais uma vez, Jesus educa vivendo, Ele em primeiro lugar, aquilo que ensina: Jesus educa-nos à oração rezando. A sua vida é um diálogo contínuo com o Pai: fala com Ele antes e depois dos milagres que realiza, dirige-se a Ele para lhe agradecer, para partilhar com Ele o seu pensamento sobre os homens, para invocar para eles a graça da unidade e da fé. E depois, assim que pode, isola-se, para poder falar a sós com Ele. Tudo isto atrai quem está à sua volta: um homem que reza, um homem confiante, é um homem fascinante. Porque sabe quem é, sabe o que quer, sabe a quem pedir. É por isso que se torna espontâneo

¹¹⁹ Prossegue: «Ideias, lógica, consequência são depois retiradas desta pertença, mas em primeiro lugar é preciso estar no seio do facto da companhia. Esta demonstra a Presença de Deus feito Homem porque é feita de pessoas que, se permanecerem fiéis, com o tempo, mudam» (L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p. 79).

pedir-Lhe: «Senhor, ensina-nos a rezar»,¹²⁰ que significa «queremos fazer como tu, queremos ser como tu».

Don Giussani gastou muita energia na sua vida para nos ensinar a rezar. Pensemos no início da *GS*, na atenção que dava aos *Tre giorni* da Páscoa, ao cuidado com a liturgia, os cantos; pensemos no *retto tono*, como forma para rezar melhor, para rezarmos com mais consciência das palavras que pronunciamos. Pensemos no valor do *Angelus* ou da invocação do Espírito Santo. Ou na educação ao silêncio, em todos os nossos gestos. Relembremos a sua insistência, sobretudo nos últimos anos da sua vida, em dirigir-se a Nossa Senhora, fonte da nossa esperança.

Há um texto de *don* Giussani, em especial, que reúne uma verdadeira escola de oração e que vos convido vivamente a retomar. É *Moralidade: memória e desejo*, hoje recolhido no livro *Em busca do rosto do homem*. Giussani dedica um capítulo inteiro à oração, explicando em pormenor o que significa rezar e de que modo se deve rezar.¹²¹ Queria sublinhar pelo menos três aspetos deste texto que depois vos sugiro que vão ler. O primeiro é este: na primeira parte, Giussani apresenta a dupla definição clássica de oração, retirada, respetivamente, de Santo Agostinho e de São Tomás. Santo Agostinho define a oração como «*Elevatio mentis in Deum*»: elevar a nossa mente, o nosso pensamento a Deus, significa tomar consciência da Sua grandeza, da desproporção entre mim e Ele, da enorme distância que existe entre nós e Ele. Se tiveram a oportunidade de ouvir o belíssimo podcast *E vós, quem dizeis que eu sou?*, no episódio dedicado a Nossa Senhora Giussani fala da «diferença de potencial» entre a humildade de Nossa Senhora e a onipotência de Deus.¹²² Pois bem, isto é o início: para rezar, uma pessoa deve colocar-se nessa posição, reconhecer que está infinitamente longe da grandeza de Deus. E é por isso que a posição normal de quem reza é a de ajoelhar-se. Dom Ivan Maffei contava, a mim e a outros, que, durante um encontro com alguns jovens, um deles – de religião muçulmana – lhe disse: «Nós estamos habituados a

¹²⁰ Lc, 11,1

¹²¹ L. Giussani, «A oração», em Id., *Em busca do rosto do homem*, Companhia Ilimitada, São Paulo 1996, pp. 167-187.

¹²² «Quella ragazza di 15-16 anni», ep. 4 del podcast di Luigi Giussani, *E voi chi dite che io sia?*, Chora Media 2024.

fazer gestos também com o corpo, por que é que os cristãos não fazem gestos? Será porque o cristianismo é uma religião apenas da cabeça, e não do corpo?», e Dom Ivan respondeu-lhe: «Não, é porque muitas vezes nós temos vergonha da nossa fé». Pois bem, todo o corpo, tudo de nós é chamado a exprimir esta posição de pedido a Alguém que é muito maior do que nós, a fazer memória desta desproporção. É por isso que nos ajoelhamos, quando podemos, na consagração ou diante da exposição do Santíssimo: o corpo exprime e, simultaneamente educa, a nossa posição interior.

A segunda definição, por sua vez, é inspirada em São Tomás, segundo o qual a oração é «*Petitio decentium a Deo*»,¹²³ o que significa aprender a pedir a Deus as coisas certas, ou seja, aprender a pedir aquilo de que realmente precisamos: quer dizer que eu faço todos os pedidos que tenho (que eu, ou qualquer dos meus entes queridos se cure da doença, vá bem no exame, que corra bem a entrevista de emprego), mas, ao mesmo tempo, isto torna-se também caminho para perceber o que é que Deus quer verdadeiramente para mim, até conseguir dizer com consciência: «Seja feita a tua vontade» e «venha o teu Reino». Trata-se de explicitar estes dois pedidos do *Pai Nosso*, como que a dizer: «A mim parece-me querer isto, mas Tu atende esta minha oração com base no que serve o Teu desígnio bom sobre a minha vida e sobre toda a realidade». A oração é a entrega de nós mesmos ao Pai.

Giussani dá depois algumas indicações práticas muito simples. A primeira diz respeito ao tempo: «“*Dar uma parte do tempo*” a Deus já é [...] oração».¹²⁴ Não importa se depois nos acontece pensar noutra coisa: o simples facto de dares tempo à oração é já o início de uma relação com Ele. Isto é muito consolador, porque ainda que nesse tempo estejas distraído, árido, desanimado, o simples facto de dar tempo à relação com Ele é já oração. Que é também a ideia da hora de silêncio nos *Memores Domini*, adotada também pelas formas de vida consagrada nascidas no movimento.

Depois Giussani explica também por que faz sentido rezar usando as orações rituais, aquelas que nos foram ensinadas pela tradição, que aprendemos de cor ou repetimos às vezes sem uma consciência total

¹²³ Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, II-IIae, q. 83, art. 1; cf. L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit., p. 170.

¹²⁴ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit., p. 172.

do seu conteúdo. Giussani usa uma comparação muito eficaz: «Há, além disso, fórmulas e ritos tão adequados como expressão do sentimento que, normalmente, o espírito acha inútil encontrar outros. Até mesmo na convivência civil, fórmulas como, por exemplo, “bom dia” ou “até logo” são tão límpidas na sua síntese que parecem insubstituíveis». ¹²⁵ É por isso que, por exemplo, dizer o *Angelus* ou rezar o Terço é tão natural, simples e conveniente. Tal como rezar os Salmos, que é a forma como Giussani nos ajudou a repetir as fórmulas com que a Igreja rezou durante séculos e séculos, até sentirmos aquelas palavras mais nossas do que as nossas próprias palavras. Por esta razão, voltamos a pegar naquela “invenção” genial que é *O livro das horas*.¹²⁶ em comunidade, na escola, em família ou no comboio (impressiona-me como tantos jovens conhecem os Salmos do livrinho de cor!). Em especial, rezar o Terço em família ou entre amigos, em pouco tempo muda até a nossa forma de estar juntos (talvez o crescimento da prática do Terço seja uma das poucas vantagens da recente pandemia...).

Giussani explica que a oração nunca é apenas expressão da religiosidade do indivíduo, mas é sempre um gesto de toda a Igreja. Quando rezo, faço-o sempre no seio de um corpo que é maior do que eu e que confere à minha oração um sentido, um contexto, uma força e um conteúdo que são infinitamente maiores e mais profundos do que o simples pensamento que posso produzir, ou da minha pobre palavra.

Por fim, o terceiro ponto proposto por Giussani é talvez aquele que mais me impressiona: é o valor da oração como memória. Diz Gius: «O conteúdo da oração são os “mirabilia Dei”, são os gestos de Deus na nossa história [...]. Por isso [...] devemos procurar tornar a nossa oração adequada, formulando-a no esquema das orações que os primeiros e maiores entre nós nos deixaram: o *Magnificat* [...], o *Benedictus* [...] e o *Nunc dimittis* de Simeão». ¹²⁷ Aquelas orações são exatamente o relato do que aconteceu na vida do povo de Israel. Também é assim para nós: se quisermos educar-nos à oração, devemos fazer memória das maravilhas que Deus realizou na nossa vida. E a forma mais concreta que a Igreja nos deixou para “fazer memória” são

¹²⁵ *Ibidem*, p. 172.

¹²⁶ *Livro das horas*, Comunhão e Libertação, Lisboa 2003.

¹²⁷ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit., p. 184.

os sacramentos, a começar pela Eucaristia, memorial da paixão, morte e ressurreição de Cristo.

Amizade e oração

Uma observação, antes de prosseguirmos no percurso desta tarde. Giussani identificava na amizade e na oração os dois fatores de mudança do homem «que, a todo o custo, não devemos deixar-nos escapar, que devemos procurar com a lanterna». E acrescentava que nas nossas comunidades «temos tudo, mas não estes dois fatores».¹²⁸

Como que a dizer: perdemo-nos em mil problemas, empenhamo-nos em mil iniciativas, mas se faltar a consciência de que aquilo que sustenta a nossa vida é a nossa relação com Deus, relação que se faz carne na nossa amizade e que se exprime na oração, somos como todos os outros.

b) *A oferta: o dom de si*

Depois da dependência, a segunda característica da criatura nova é a oferta, o dom de si. Jesus ensinou-nos que o homem se realiza dando-se, oferecendo-se a si mesmo, dando a sua vida. Giussani disse-nos isso de mil maneiras e uma das suas preferidas foi a de nos fazer ler *A anunciação a Maria*, de Paul Claudel. Entre as personagens que mais gostava de citar, estava Anna Vercors, o pai de Violaine: «Viver será a finalidade da vida? [...] Não é viver, mas morrer [...] e dar o que temos com alegria! Ali está a alegria, ali a liberdade, ali a graça, ali a juventude eterna! [...] Que vale o mundo diante da vida? E para que vale a vida senão para a darmos?».¹²⁹

Mais uma vez, Jesus ensina ao homem o sentido da vida, tanto com as palavras («Se alguém quiser vir comigo, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la; mas, quem perder a sua vida por minha causa, há-de encontrá-la»),¹³⁰ como com a sua vida e com a sua morte. Todo o ensinamento de Jesus, diz

¹²⁸ L. Giussani, *Un volto nella storia. Il compito della Chiesa nel mondo (1969-1970)*, op. cit., pp. 79, 81.

¹²⁹ P. Claudel em L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 120.

¹³⁰ Mt 16,24-25.

Giussani na Escola de Comunidade, é uma educação para dar a vida.¹³¹

Nas nossas comunidades e na nossa história há milhares de exemplos deste dom de si. Entre as muitas histórias que me chegaram neste período, chamou-me em especial a atenção a de um jovem rapaz brasileiro chamado Matheus. Este rapaz, que vivia numa favela e frequentava o ensino secundário numa escola totalmente gratuita, gerida por uma congregação de freiras, no Rio de Janeiro, teve contacto com a experiência dos Liceus; desejando que na sua escola se pudesse iniciar a mesma coisa, indicou às freiras o nome de uma professora dos *Memores Domini* que estava à procura de emprego. A sua presença na escola e a novidade que ela trouxe levaram as freiras a contactar o responsável de CL no Brasil, o Alexandre, pedindo-lhe que o movimento assumisse a direção e a gestão da escola. O Alexandre, não podendo responder positivamente a este pedido delas, propôs-lhes, no entanto, que as Irmãs da caridade da Assunção, mais conhecidas entre nós como “Irmãzinhas de Martinengo”, pudessem abrir uma casa precisamente na favela onde vivem os jovens desta escola, para fazer o que fazem sempre, ou seja, partilhar as suas vidas, entrando na vida e nas casas das suas famílias. Entretanto, o Matheus (19 anos) tinha adoecido, com uma doença da qual nunca se curaria. Quando o Alexandre (que é médico) foi visitá-lo, o Matheus (a quem, entretanto, tinha sido amputada uma perna) pediu-lhe para lhe dizer sinceramente aquilo que o esperava. O Alexandre disse-lhe a verdade e, depois, propôs-lhe oferecer a sua dor e a sua doença pela missão das irmãzinhas que estavam a chegar. E o Matheus aceitou.

As irmãzinhas chegaram ao Rio no passado dia 1 de outubro. Alguns dias depois, a 19 de outubro, foram visitá-lo a sua casa, depois da enésima operação, juntamente com algumas amigas *Memores*: almoçaram, cantaram os nossos cânticos, e a última canção, pedida pelo Matheus, foi a de Filippo Neri, na qual ele afirma «preferir o Paraíso». Ao regressarem a casa, uma hora depois, a mãe do Matheus ligou-lhes

¹³¹ «Esta é a grandeza do homem: tal como o Ser que o criou, a sua vida é ser dom. Ele é semelhante a Deus. Assim, o seu consumir-se deve tornar-se dom: ele é a única criatura que pode ser consciente deste elemento estrutural do real. A lei da existência humana é o amor na sua realidade dinâmica que é oferta, o dom de si mesmo. Como Jesus tinha dito: “Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a sua vida por minha causa, salvá-la-á”» (L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., pp. 120-121).

a dizer que o seu filho tinha chegado ao lugar que ele tanto desejava. Tinha dezanove anos, tal como foram dezanove os dias em que as irmãzinhas estiveram no Rio antes de ele morrer. A partir da sua história, percebemos bem que a vida, bem como a dor e a doença, ganham sentido e significado quando são dadas.

c) Missão e testemunho público

Nesta tensão para nos darmos, inclui-se também a disponibilidade para a missão, que podemos viver onde estamos agora, mas também noutra sítio, porque o Movimento é grande e ultrapassa as fronteiras do nosso país, e a Igreja é ainda maior!

Ser missionário significa partilhar a preocupação do jovem padre Luigi Giussani, quando, aos 23 anos, escrevia assim ao seu amigo Angelo Majo: «Há vários anos que eu não choro a não ser por duas razões: o pensamento da infelicidade eterna dos meus irmãos homens – o pensamento da infelicidade terrena dos homens, símbolo da felicidade eterna. Jesus escolheu-nos para gritar ao mundo o seu Amor e a felicidade dos homens: a grande e inefável felicidade que nos espera».¹³² É este o objetivo da missão: gritar ao mundo que Cristo quer a nossa felicidade.

Ser missionário é, portanto, uma dimensão constitutiva de cada batizado. Na medida em que estamos incorporados a Cristo, também nós participamos da sua própria missão. Por isso, é absolutamente normal que também os leigos, mesmo aqueles que são casados e têm filhos, sintam arder dentro de si o desejo de deixar tudo para testemunhar a beleza daquilo que encontrámos. Com a consciência de que o que trazemos não somos nós próprios e a nossa coragem de aventureiros, mas a comunhão que vivemos, que vivemos e desejamos continuar a viver. Aquilo que Giussani sempre nos ensinou é que a missão é o dilatar-se da comunhão vivida.

Vão ler, a propósito disto, o que a Marta Busani escreveu no seu bonito livro sobre a GS: o que impressionava nos primeiros *giessini*, nas escolas que frequentavam, não era apenas o seu testemunho público, mas sobretudo o facto de esse testemunho ser comunitário: eram

¹³² L. Giussani, *Lettere di fede e di amicizia ad Angelo Majo*, San Paolo, Cinisello Balsamo (MI) 2007, pp. 34-35.

cristãos na escola e eram-no juntos.¹³³ Esta postura manteve-se ao longo de toda a história do movimento e não é nem estratégica, nem política: nasce da consciência de que a nossa missão é tornar Cristo e Igreja presentes em todos os ambientes. «Para que sejam uma só coisa [...] para que o mundo acredite».¹³⁴ É esta a oração que Jesus dirige ao Pai pensando em nós. O mundo acreditará se vir a nossa unidade.

Outro exemplo que me é muito caro é o de uma das primeiras missões da Fraternidade de São Carlos, iniciada em 1991 na Sibéria. O comunismo tinha acabado de cair e João Paulo II tinha decidido instituir as duas primeiras administrações apostólicas na Rússia. Don Giussani pediu então para abrir uma casa de *Memores Domini* e uma de sacerdotes da Fraternidade de São Carlos em Novosibirsk. Quando, dois ou três anos depois, o nosso superior e fundador, o padre Massimo Camisasca, foi lá visitar os nossos primeiros missionários, estes enfrentavam uma situação desoladora: depois de tantos anos de comunismo, as pessoas viviam numa pobreza não só material, mas sobretudo humana e, além do frio que se sentia no exterior, na Sibéria, pelas ruas, havia um frio ainda mais profundo que aquelas pessoas viviam no seu coração. Então um de nós, que tinha acabado de chegar (tinham ainda de aprender a língua, padres católicos num país ortodoxo) perguntou-lhe: «Qual é a nossa tarefa? O que significa ser missionário nesta terra?», e o padre Massimo respondeu mais ou menos assim: «Estas pessoas já não sabem quem são, já não sabem a quem pertencem, já não sabem qual é a sua casa. A missão, para vocês, consiste em despertar nelas o desejo, a saudade de uma casa, de uma pertença. E isso será possível se, antes de mais nada, vocês forem uma casa uns para os outros».

Eis, então, em que consiste a missão: despertar a saudade de um lar, o desejo de uma pertença. E isso só é possível se o vivermos nós em primeiro lugar.

Há, depois, outro aspeto que está intimamente ligado ao da missão e do testemunho no mundo e que decorre do que dissemos esta manhã, ou seja, que Cristo tem a ver com todos os aspetos da nossa vida. Se

¹³³ Cfr. M. Busani, *Gioventù Studentesca. Storia di un movimento cattolico dalla ricostruzione alla contestazione*, Studium, Roma 2016, passim.

¹³⁴ Jo 17,21.

Cristo tem a ver com tudo, isso convida-nos a interessarmo-nos por tudo e a darmos um juízo sobre tudo o que nos acontece e nos toca mais de perto, mas também sobre o que acontece no mundo. Trata-se da dimensão cultural a que Giussani sempre nos educou: «A companhia concreta, onde acontece o encontro com Cristo, torna-se no lugar da pertença do nosso eu, onde este vai buscar a forma última de entender e de sentir as coisas, de as entender intelectualmente e de as ajuizar, a forma de imaginar, projetar, decidir e fazer. O nosso eu pertence a este “Corpo” que é a companhia cristã e nele alcança o critério último para enfrentar todas as coisas».¹³⁵ Sobre isto, remeto-vos para o texto do encontro do Davide com os centros culturais, em maio de 2024.¹³⁶

Acrescento só uma palavra: a primeira ferramenta, o primeiro âmbito que nos foi confiado para aprender a ajuizar a realidade é a Escola de Comunidade. Entre os muitos contributos que recebemos para estes Exercícios, vários abordam precisamente a questão de como viver a Escola de Comunidade e qual é o seu objetivo. A Escola tem, em primeiro lugar, o objetivo de nos ajudar a ajuizar, a ajuizar a nossa vida, iluminada pelas palavras e pela inteligência da fé de *don* Giussani. São, portanto, necessários dois momentos: o primeiro é a compreensão do texto (é uma escola, por isso o texto deve ser lido e percebido; e se uma pessoa não percebe, deve perguntar); o segundo é o confrontar das palavras de Giussani com a nossa existência, com a nossa experiência e com o que acontece no mundo.

Concluo este ponto, acrescentando duas notas. A primeira é muito simples: para nos educar para a vida como dom de si, *don* Giussani pensou no gesto da caritativa. Aconselho-vos a retomar o conteúdo dos Exercícios do ano passado pregados por Dom Paccosi, que se debruçou sobre este ponto de forma clara e aprofundada.¹³⁷

O segundo corolário é que, como diz Giussani, a missão e o testemunho no mundo implicam sempre para nós o risco da perseguição: «Não podemos deixar de nos sentir, e de nos sentirem, um pouco

¹³⁵ L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p.78.

¹³⁶ D. Prosperi, «Cultura: ser para Cristo», *por.clonline.org*.

¹³⁷ «Ou seja, a lei suprema do nosso ser é partilhar do ser dos outros, é pôr em comum a si próprio» ([L. Giussani] *O sentido da caritativa. Objetivo, Consequências, Diretrizes*, Taprobana, Associação Cutural, Lisboa, p. 7). Cf. G. Paccosi, «*Conhecemos o amor*», op. cit., pp. 13-14.

fora do mundo».¹³⁸ Não devemos ter medo se, aos ouvidos dos outros, aquilo que dizemos parece um absurdo. De resto, Jesus, no Evangelho de Marcos, afirma que o cêntuplo aqui não nos evitará as perseguições.¹³⁹

Esta é a forma mais elevada de testemunho, que recebe o nome cristão de «martírio», à qual cada um de nós, de uma forma ou de outra, é chamado, ainda que viva até aos cem anos, como disse há alguns dias o Papa Leão XIV: «Todos os crentes devem estar prontos a confessar Cristo até ao derramamento de sangue (cf. *Lumen gentium* 42)».¹⁴⁰ Neste sentido, não podemos, enquanto cristãos, homens e mulheres incorporados a Cristo, deixar de sentir como nossas as histórias relatadas na *Tracce* no número de fevereiro, dedicado a tantos exemplos de perseguições e de martírio de que está cheia a vida da Igreja de hoje.¹⁴¹

d) O sentido do pecado

Juntamente com a descoberta da sua grande vocação, o cristão, a criatura nova, filho no Filho, é, no entanto, também acompanhado pela dolorosa consciência do seu mal.

A 30 de maio de 1998, perante João Paulo II, Giussani dizia que «a infidelidade surge sempre no nosso coração, mesmo diante das coisas mais bonitas e mais verdadeiras» e que «o homem pode fraquejar devido a uma debilidade e aos preconceitos mundanos, como Judas e Pedro».¹⁴² Nos Exercícios da Fraternidade de 1986, retomando as palavras de dois Papas, João Paulo II e Pio XII, afirmava: «O pecado deste século é a perda do sentido do pecado».¹⁴³ O homem não é capaz nem de viver a dependência de Deus de modo fiel, nem de se dar duma forma total e pura: «Tem a consciência enevoada e uma vontade cheia de invencível tédio em relação ao dever da oração, vive um estranho egocentrismo». Deste modo, Giussani introduz o tema do pecado original: «Quanto mais um homem é sensível e consciente,

¹³⁸ L. Giussani, *Un volto nella storia. Il compito della Chiesa nel mondo (1969-1970)*, op. cit., p. 41.

¹³⁹ Cf. Mc 10,29-30.

¹⁴⁰ Leão XIV, *Audiência geral*, 8 de abril de 2026.

¹⁴¹ Cf. «Umanità nuova», *Tracce*, n. 2/2026, p. 1.

¹⁴² L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p. 10.

¹⁴³ L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, op. cit., p. 147.

isto é, quanto mais pode ser homem, tanto mais se dá conta de não o conseguir ser»,¹⁴⁴ ou seja, de não conseguir, sozinho, cumprir-se a si mesmo. Jesus educa o homem a tomar consciência também do seu limite, para afirmar que «sem mim [isto é, sem Ele] não podeis fazer nada». ¹⁴⁵ O padre Mario Garavaglia referiu-me que os monges de Tibhirine, reconhecidos como mártires e beatificados, contam numa carta: «Demos o nosso coração a Deus “por atacado”», ou seja, de uma vez por todas, «e custa-nos muito que ele o tome nos pormenores»; aquilo em que temos dificuldade é dar a vida nas coisas pequenas.¹⁴⁶ Em suma, ainda que no nosso coração desejemos dar-nos de forma total, descobrimo-nos limitados, pecadores, incapazes de ser fiéis aos nossos propósitos.

Daqui nasce a necessidade do cristão, do homem novo, de ser continuamente perdoado. Só a experiência do perdão é que nos torna novamente livres, e já não escravos do nosso limite. É aqui que se insere a dinâmica da nossa esperança: nós não somos capazes de nos salvarmos sozinhos (relembremo-nos da gnose e do pelagianismo), mas precisamos do Seu perdão.

Não é por acaso que a página do Evangelho de que Péguy mais gostava (que a definia quase como inaceitável, incompreensível, insuportável) seja a do filho pródigo, também conhecida como “do pai misericordioso”.¹⁴⁷ Porque é só no abraço misericordioso do Pai que cada um de nós se descobre verdadeiramente filho (como no final do *A leste do paraíso*). É por isso que precisamos continuamente de ser perdoados e, portanto, de aproveitar aquela invenção divina que é o sacramento da Penitência ou Confissão, que é exatamente o lugar onde receber continuamente aquele abraço que nos torna novamente livres.

e) Liberdade

Don Giussani define a liberdade como «capacidade de Deus». ¹⁴⁸ Esta nunca estará completa senão na Sua presença: ao longo da vida terre-

¹⁴⁴ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 123.

¹⁴⁵ Jo 15,5.

¹⁴⁶ T. Georgeon - F. Vayne, *Tibhirine vive. L’eredità dei monaci martiri in Algeria*, LEV, Cidade do Vaticano 2025, p. 47.

¹⁴⁷ Cf. Ch. Péguy, *Lui è qui*, BUR, Milão 2009, pp. 333-338.

¹⁴⁸ L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 132.

na, a liberdade contradiz-se continuamente, tropeça, detendo-se muitas vezes em objetos que não conseguem cumprir o desejo profundo do nosso coração. É uma liberdade imperfeita, doente, ou seja, que foi tornada defeituosa pela sua fraqueza e pelo mal de que essa fraqueza é consequência e de que acabámos de falar: é a experiência da tentação, da qual só Cristo nos pode libertar. Jesus educa a liberdade do homem para que tome consciência do seu limite e do único caminho para o conseguir superar, ou seja, confiar-se ao amor poderoso de Deus.

A nossa liberdade, por isso, é uma liberdade “libertada”, ou seja, libertada do resgate do seu limite:¹⁴⁹ nós já somos livres, enquanto filhos, mas de todas as vezes que caímos no pecado e no nosso erro, precisamos novamente que a nossa liberdade seja libertada, resgatada.

Testemunho vivo disso é a experiência daquele nosso amigo que, desde julho passado, cumpre uma pena de seis anos de prisão por factos que remontam a antes do encontro com o Movimento, ocorrido há cerca de quatro ou cinco anos. Apesar de viver a condição da prisão física, ele experimenta a verdadeira liberdade: a de um homem que foi libertado do seu mal e que pode, portanto, olhar para o mundo com olhos novos. Leio alguns extratos do seu diário da prisão: «Hoje sinto que posso definir-me como LIVRE. Hoje vivo; antes, sonhava viver: estava desesperado, acorrentado pela competição da vida, era o centro do meu universo e, sem me aperceber, estava a construir uma prisão dourada, onde acabei por aprisionar também a minha mulher e a minha filha. Estava (...) convencido de que a religião era o ópio dos falhados, dos desesperados. E eu era um deles. Mas, naquele momento, ouvi alguém chamar-me: “Apressa-te, desce, porque quero ir a tua casa”. Jesus veio a minha casa, trazendo consigo uma multidão de Amigos; deu-me uma nova família, modesta, mas poderosa. Aqueles amigos que te ajudam a carregar a tua cruz, a única que pode dar-te a alegria que Deus te prometeu. Eu sou feliz, cheio de alegria, e amo a minha vida humilde e inútil, a não ser para testemunhar a liberdade

¹⁴⁹ «O maior pecado contra a nossa vida e o nosso destino é a insistência no nosso mal, na nossa fraqueza, na nossa incapacidade. “Mas eu sou incapaz. Eu não sou capaz.” “Claro que não és capaz! Mas que grande descoberta? Não és nada! Mas queres dizer que Deus é incapaz?! Não! E tudo aquilo que acontece em ti é simplesmente uma adesão – porque uma resposta é uma adesão – e o pedido é a forma extrema da tua afeição, da tua adesão a Deus. Aquilo de que tu és incapaz, Deus, pelo contrário, tem força para o levar adiante, para realizá-lo”» (L. Giussani, *Affezione e dimora*, BUR, Milão 2001, p. 7).

que me foi dada. A minha conversão é a coisa mais extraordinária que me podia ter acontecido. Hoje sinto-me amado [...] e amo graças àquele dom recebido. Lembro-me de um passeio na montanha, há muitos anos. Éramos pequenos e seguíamos o meu pai. Durante a caminhada, fomos surpreendidos por uma tempestade, trovões e relâmpagos e uma quantidade de água impressionante. Nenhuma de nós, crianças, tinha medo, porque estávamos entregues ao meu pai e sabíamos que ele nos amava. Se um pai, ou um tio, pode fazer tanto por uma criança, o que nos pode dar o amor de um Pai! Julgo que esta é a única dependência que nos pode dar liberdade. É o único bem que nunca acabará! Por isso, a liberdade é possível mesmo no estado de falta da liberdade convencional, ou seja, na prisão. Ninguém pode tirar-te o amor que recebes, ninguém pode limitar-te a única dependência que te mantém livre!». O nosso amigo é livre, ainda que esteja na prisão: é livre porque depende. O encontro com Cristo não o libertou da prisão, mas torna-o livre lá dentro. Como os nossos amigos de que falámos hoje de manhã, que vivem a experiência da doença ou da morte de um ente querido: a dor não lhe é tirada, mas é-lhes dada uma companhia com a qual a podem enfrentar.

O valor dos grupos de Fraternidade

Antes de concluir, gostaria de me deter na tarefa que o Davide me confiou há alguns meses, nomeadamente a de entrar em contacto com a realidade dos grupos de Fraternidade da Lombardia, ir visitá-los e tentar perceber quais são os pontos positivos desta experiência, bem como as eventuais dificuldades e questões.

Nestes poucos meses, fiquei convencido de que são realmente uma invenção genial, que *don* Giussani concebeu observando o que já se passava no movimento desde os anos setenta, como o livro *L'opera del movimento* ilustra.¹⁵⁰ Nessa altura, muitos jovens e muitas famílias, ainda antes do reconhecimento da Fraternidade de CL, que se deu em 1982, tinham começado a constituir grupos através dos quais pudessem continuar, de forma adequada à vida adulta, a experiência

¹⁵⁰ L. Giussani, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, op. cit., pp. 9-12.

vivida na GS, na universidade ou com os jovens trabalhadores. Depois de 1982, Giussani, embora afirmasse, justamente, que para pertencer à Fraternidade não era necessário aderir a um grupo, sempre o propôs como um caminho que ajudaria ainda mais cada um de nós a viver aquilo que o movimento deseja propor: um caminho comunitário para a santidade. Dizia, com efeito: «O que quer dizer que nasçam da Fraternidade? Quer dizer que haja pessoas para quem o caminho da santidade é conscientemente reconhecido como valor da personalidade e objetivo da vida, e que isto implica forçosamente um “convento”, ou seja, uma regra: não a implica metafisicamente, mas pedagogicamente. A Fraternidade é a regra daquele esforço; e sem regra, o esforço ascético é uma presunção visível. Sem associar a vida – seja como tendência para o paraíso, seja como amor a Cristo, seja como esforço para a santidade – a uma regra, não pode haver resultado. É este o génio do catolicismo [...]. Caso contrário, tudo é ilusório, porque estamos em relação com uma ideia nossa de Jesus, não com a vontade de Jesus».¹⁵¹

O que vi nestes primeiros meses confirma-me a importância desta intuição. Em primeiro lugar, vi o quanto as nossas famílias (a começar pelas mais jovens, mas não só) precisam de um espaço de comunhão onde possam ser arrancadas da solidão em que, de outra forma, correm o risco de se encontrar. O grupinho torna-se o contexto onde se aprende a olhar-se e a falar-se, mesmo entre marido e mulher. Mesmo quem, entre nós, não é casado ou vive uma condição vocacional ferida, encontra no grupo um lugar onde pode experimentar uma companhia e uma proximidade que é eco e reflexo da presença de Cristo na sua vida. Para usar uma imagem do Evangelho, o grupo lembra-me aquele que devia haver na casa de Betânia, onde para Marta, Lázaro e Maria, Jesus se tinha tornado uma presença familiar, era “um de casa”. Também nós desejamos a mesma familiaridade com Cristo e o grupo é, acima de tudo, um lugar privilegiado para aprender a viver esta experiência de conhecimento da Sua pessoa, porque a finalidade do grupo é, precisamente, a de educar-nos a tudo aquilo de que falámos esta tarde: à pertença, à oração, à caridade, ao perdão recíproco e à partilha da vida que permita, com o tempo, também fazer perguntas

¹⁵¹ *Ibidem*, pp. 66-67.

e procurar respostas sobre o que diz respeito à vocação de cada um, ao trabalho, ao dinheiro, à educação dos filhos. Tudo através do seguimento simples e fiel da regra que cada grupo, livremente, escolhe para si.

Dizia, a esse propósito, o Enzo Piccinini: «A aposta para entrar na Fraternidade, qual é? Uma amizade para sempre, um compromisso para sempre. Gostaria de perguntar a cada um de vocês: “Desculpa, amigo, és capaz de me prometer que serás meu amigo para sempre?”. Nenhum de nós pode. Então porquê esta aposta, baseada inteiramente na liberdade, sem estruturas e sem muros de conventos que nos segurem? É o reconhecimento desta Presença como razão de ser da vida que faz ultrapassar, num salto, todas as dificuldades, os problemas, temperamentos, histórias diferentes, o que sinto, o que não sinto, a opinião, o instinto».¹⁵² Pois bem, é só porque reconhecemos esta presença de Cristo entre nós que é possível “embarcar” numa amizade para sempre.

Giussani, por sua vez, sempre sublinhou que um dos principais objetivos do grupo é o de ajudar a oferecer a nossa vida por um ideal grande e concreto, que é o de construir a Igreja.¹⁵³ E a nossa primeira forma de amar, servir e construir a Igreja é servir o movimento, contribuir para a sua vida, com humildade e com criatividade, ali, no lugar onde vivemos ou no ambiente onde trabalhamos.

Santidade

Descrevemos, portanto, as características da criatura nova: liberdade e dependência, filiação e pertença, oração e sentido do pecado, missão e dom de si. Há uma palavra que descreve, resumidamente, este tipo humano: é a palavra «santidade».

No passado, quer o Julián Carrón, quer o Davide Prospero comentaram várias vezes quantos dons de graça inundaram a nossa companhia depois da morte de *don* Giussani: nestes vinte anos, floresceram no seio

¹⁵² E. Piccinini, «Marche, 22 de outubro de 1995», em P.P. Bellini - C. Piccinini, *Querido amigo. Enzo Piccinini nas suas próprias palavras e nos relatos de quem o conheceu*, Aletheia, Lisboa 2024, p. 106.

¹⁵³ «Costruire la Chiesa, questo è il nostro compito» (L. Giussani, *Un volto nella storia...*, op. cit., p. 47).

da nossa experiência os frutos imprevisíveis e comoventes da sua existência oferecida para a glória de Cristo. A vida das nossas comunidades foi inundada por um caudal de santidade. Não digo isto por autocelebração, nem o digo como forma de autoexaltação. Digo-o porque é uma realidade que nos foi dada e da qual, talvez, nem sequer nos damos conta. É impressionante contar o número de vidas dos nossos amigos que a Igreja considerou dignas de serem examinadas, ou pelo menos olhadas de perto, para perceber se podem ser levadas à atenção de todo o povo de Deus: entre estes amigos, estão o Enzo Piccinini, o Andrea Aziani, o padre Tommaso Latronico e tantos outros. A 9 de maio, será aberta em Imola a causa da Novella Scardovi, tal como aconteceu com o último antes dela, por ordem cronológica, o Marco Gallo, um rapaz da GS que nasceu em Chiavari e cresceu em Monza, e que morreu num acidente de mota em 2011. Pedi para podermos ver juntos dois minutos do vídeo que o Emmanuel Exitu realizou para ser projetado no passado dia 7 de março, dia em que foi oficialmente aberta a causa da sua beatificação. Trata-se do relato do momento em que, depois de ter recebido a notícia da morte do Marco, a sua mãe, juntamente com uma amiga, entra no quarto do Marco e descobre a frase que, poucas horas antes de morrer, o filho tinha escrito na parede do seu quarto.

[*Projeção de um excerto do vídeo*
“Più vita alla vita, correndo dietro a Marco Gallo”]

«Veio a Daniela, a mãe do Andrea Achilli (tinha-lhe acontecido a mesma coisa alguns anos antes) e se havia uma coisa que continuava na minha cabeça era o facto de que eu dizia: “O que vamos fazer daquele quarto?”. Tinha quase o instinto de queimá-lo, como se fosse um ponto doloroso demasiado insuportável. E ela disse-me: “Vais ver que será uma ajuda para ti entrar naquele quarto”. O que podia eu dizer-lhe? Era o que ela me dizia, ela que era como eu. E por isso acreditei, porque ela me disse isto. E assim, quando fomos depois à noite para casa, e eu tinha de escolher a roupa do Marco – não podia deixar outra pessoa escolher! –, em suma, entrámos e eu escolhi a aquela roupa: uma camisola cor-de-laranja, bonita e com uma imagem, *O chamamento de Mateus*, de Caravaggio, e depois está escrita a frase de São Bento: “Ele, Deus, dá tudo e não tira nada”. Sentei-me na sua cama e, quando estava ali

sentada, a Alice disse: “O que está escrito ali atrás?” e atrás de mim, ao lado do crucifixo de São Damião que o Marco tinha querido pendurar ali, estava escrito na parede, em letras grandes: “Por que procurais entre os mortos Aquele que está vivo?”. Não estava lá de certeza no dia anterior, porque eu tinha feito a cama de lavado e teria de certeza gritado com ele se tivesse escrito na parede! Um sinal evidente da vitória sobre a morte, de que a vida não acaba». ¹⁵⁴

«Por que procurais entre os mortos Aquele que está vivo?» ¹⁵⁵ É ali que se deve procurar Cristo: no rosto dos santos. Nos últimos dias da sua vida, o Marco Gallo falava a todos do filme *Francesco*, de Liliana Cavani, e de modo especial da cena em que o Santo recebe os estigmas, ou seja, o momento em que o amante (Francisco) se torna igual ao Amado (Cristo). Trata-se daquela assimilação a Ele de que falava o jovem Giussani numa famosa carta a Angelo Majo: «A aspiração da amizade é a união, é a de nos identificarmos, nos misturarmos, tornarmo-nos a mesma pessoa, a mesma fisionomia do Amigo: ... mas Jesus está na Cruz... a alegria maior da nossa vida é aquela que, a cada pequeno ou grande sofrimento, nos faz descobrir: “pronto, agora estás mais parecido”, mais “misturado com Ele”». ¹⁵⁶

É isto a santidade: deixar que Cristo ganhe espaço na nossa vida, que, aos poucos, aquele rosto, de que falámos hoje de manhã, se torne cada vez mais o nosso, mesmo com todos os nossos limites, que não nos são tirados. Nunca seremos perfeitos, tal como não o eram o Marco Gallo, o Enzo Piccinini ou o Andrea Aziani: se lerem os livros que contam as suas histórias, isso é evidente! Mas havia neles o desejo, mais ou menos explícito, de poderem vir a dizer, como São Paulo: «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim». ¹⁵⁷ Como disse há poucos dias o Papa, «a santidade [...] não é um privilégio para poucos, mas um dom que compromete cada batizado». ¹⁵⁸

¹⁵⁴ Transcrição do minuto 20:07 ao 22:14 do vídeo “Più vita alla vita, correndo dietro a Marco Gallo”. *La vita di Marco raccontata dalla famiglia e dagli amici*, publicado a 7 de março de 2026, canal YouTube [@amicidimarcogallo](#) (escrito e realizado por E. Exitu; produção executiva: N. Lonato e E. Exitu; direção de fotografia, filmagem e montagem: M. Gandolfo).

¹⁵⁵ Lc 24,5.

¹⁵⁶ L. Giussani, *Lettere di fede e di amicizia ad Angelo Majo*, op. cit., p. 33.

¹⁵⁷ Cf. Gal 2,20.

¹⁵⁸ Leão XIV, *Audiência geral*, 8 de abril de 2026.

Tornar-se santo significa arder do mesmo amor e do mesmo desejo pela felicidade dos nossos irmãos homens de que ardeu Jesus e de que ardiam os nossos muitos amigos que agora vivem n'Ele. Porque nós, que O encontramos e experimentamos o que é o cêntuplo já aqui, não podemos deixar de tremer ao pensar em quanta gente ainda vive sem ter a mais pálida ideia de quem Ele é. Como escrevia o Andrea Aziani ao seu amigo Dado: «Que alguém se enamore daquilo que nos enamorou! Mas para isso, para que seja assim, nós devemos arder, arder literalmente de paixão pelo homem, para que Cristo o alcance».¹⁵⁹

¹⁵⁹ G. Mereghetti - G.C. Peluso, *Andrea Aziani febbre di vita*, Itaca, Castel Bolognese (RA) 2023, p. 117.

Domingo, manhã

Wolfgang Amadeus Mozart

Concerto para piano em ré menor n. 20, K 466

Piano, Clara Haskil

Igor Markevitch – Orquestra dos Concerts Lamoureux

“Spirto Gentil” n. 32, (Philips) Universal

Angelus

Laudes

■ ASSEMBLEIA (PRIMEIRO TURNO)

Francesco Cassese. Bom dia a todos. Decidimos dedicar esta manhã, como de costume, a um momento de assembleia. Chegaram cerca de quatrocentas perguntas. Ficámos impressionados, porque delas transparece uma postura de vida adulta, uma seriedade, mesmo face às muitas provocações que a vida, a certa altura, nos coloca, e emerge uma maturidade de experiência na fé. Isto é para todos nós um sinal importante, porque nos diz que estamos em caminho e que, de alguma forma, estamos também a responder à ideia pela qual nasceu a Fraternidade. Na primeira página do livro recém-reeditado, falando do nascimento da Fraternidade, *don* Giussani diz: «Fiquei impressionado com esta ideia: são crescidos, são maduros, são adultos, têm a responsabilidade de lojas, de fábricas, têm a responsabilidade de iniciativas de trabalho, têm a responsabilidade de empresas, sobretudo, têm a responsabilidade da família, que, pela sua natureza, é a empresa mais importante, e não devem ter a responsabilidade, não devem sentir uma responsabilidade madura pela vossa santidade? Esta foi a primeira ideia que me veio à cabeça. [...] São adultos: tal como têm a responsabilidade das coisas humanas, de desenvolver coisas humanas, assim devem ter a responsabilidade pelo vosso caminho para o destino. Responsabilidade: portanto, já não tratados como crianças, organizados como jovens ou dirigidos como universitários. Devem viver o vosso caminho humano para o destino, que se chama caminho de santidade,

devem ser vocês a darem-se conta dele e a assumi-lo como responsabilidade vossa!». ¹⁶⁰

Esta manhã, ao contrário dos anos anteriores, decidimos concentrar-nos não em muitas questões, mas apenas em quatro grupos de perguntas reunidas com base no tema abordado: duas para o padre Lele Silanos e duas para o Davide, a quem pedirei um aprofundamento específico no final. A primeira pergunta é para o Lele.

«“E vós, quem dizeis que eu sou?”: como é que esta pergunta nos toca hoje? O que significa a relação pessoal com Cristo? Desejo essa relação, mas percebo que corro o risco de a interpretar de forma um pouco abstrata. Como se pode crescer na relação com Jesus a cada instante? Como é que a nossa companhia nos ajuda a viver e a aprofundar a relação com Cristo? Cristo é mistério, é o infinitamente conhecido: o que significa isso para nós?»

Emmanuele Silanos. Que diferença há entre a pergunta de sábado de manhã – «E vós, quem dizeis que eu sou?» – e a de sexta-feira à noite – «Quem dizem as pessoas que eu sou?» – ? Ou seja, que diferença há entre aquelas pessoas que vão e vêm pelas ruelas em frente à nossa casa em Taiwan e que não fazem a mais pálida ideia de quem é Jesus, e nós, a quem Cristo faz a pergunta sobre si, tal como a fez naquele dia a Pedro e aos outros? Jesus primeiro perguntou: «O que dizem os outros?», e depois: «O que dizem vocês?». Qual é a diferença? A diferença é que não podemos dizer que não fazemos a mais pálida ideia de quem Ele é. A ti, a nós que estamos aqui neste momento como resultado de uma história que nos precede e que nos constitui, a pergunta não nos chega, hoje, como se estivéssemos no instante zero da relação com Ele. O facto de Cristo ser Mistério, de ser o infinitamente conhecido, não significa que a nossa condição seja aquela descrita em filmes como *O feitiço do tempo* ou *A minha namorada tem amnésia*.¹⁶¹ neste último, a protagonista, sempre que acorda de manhã, já não se lembra de nada do que lhe aconteceu anteriormente. Não precisamos de alguém que, todos os dias, nos tenha

¹⁶⁰ L. Giussani, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, op. cit., p. 9.

¹⁶¹ *O feitiço do tempo* (*Groundhog Day*, EUA 1993), realização de Harold Ramis. *A minha namorada tem amnésia* (*50 First Dates*, EUA 2004), realização de Peter Segal.

de repetir: «Olha, tu foste batizado...». Há uma história que nos tornou Cristo familiar, uma história que Cristo construiu connosco.

Portanto, à pergunta: «Como é que a pergunta de Cristo nos toca hoje?», eu responderia com outra pergunta: «Como é que te tocou até hoje?». Recomeçamos a partir daí, da objetividade de uma história que nos levou a fazer experiência d'Ele, sem cair no risco do já sabido, mas abertos e desejosos de nos adentrarmos cada vez mais num mistério que, quanto mais o conhecemos, mais imponente se torna e mais deseja dar-se a conhecer, como aconteceu com Giussani até ao último momento da sua vida, como aconteceu com São Francisco nos bosques da Verna.

Recomeçamos a partir do famoso exemplo do capítulo X de *O sentido religioso*: se eu nascesse agora com a consciência da idade que tenho agora, teria de admitir que não me fiz a mim mesmo, foi Outro que me criou e de quem dependo: «Eu sou “tu-que-me-fazes”». ¹⁶² Mas, neste momento, seria também imponente para mim afirmar: «Eu sou feito, sou criado juntamente com pelo menos outras dez mil pessoas». Há um dado objetivo que devo reconhecer, que é a presença de uma companhia na qual fui colocado. É a partir daqui que recomeça a minha relação com Cristo, é aqui que começa a tocar-me. Portanto, são duas as formas através das quais Ele me pergunta continuamente: «E tu, quem dizes que eu sou?»: através da realidade e através da objetividade de uma companhia.

Dou um exemplo pessoal. Estávamos no verão de 2012, o mais bonito da minha vida até então. Eu ainda estava em missão em Taiwan e, depois de tantos anos, tinha finalmente feito aquela viagem à China Popular que planeava há tempo, durante a qual pude constatar de perto a enorme necessidade que a comunidade chinesa tinha de uma relação viva com o resto da Igreja universal. Então, escrevi uma carta muito longa aos meus superiores, para partilhar o meu pensamento. No final de agosto daquele ano, falei sobre isso com o padre Paolo, o então Vigário-Geral da Fraternidade São Carlos, que me ouviu com grande atenção e, no final, disse-me: «Lindo. Agora ouve o que te proponho». Em resumo, disse-me que em breve haveria necessidade de um novo Vigário-Geral em Roma. Todo o meu projeto foi por água abaixo num

¹⁶² L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 156.

instante! Claro, eu poderia ter dito: «Mas não, olha que Cristo está a pedir-me outra coisa. Ele está a pedir-me para ir para a China. É muito mais importante». E tenho a certeza de que o Paolo teria aceitado a minha resposta. Mas não era mais razoável pensar que, naquele momento, Cristo me estava a pedir uma coisa diferente daquilo que eu tinha em mente? O que era mais razoável: seguir a minha intuição ou a realidade de que me falava através do rosto bondoso dos meus superiores? *Don Giussani* dizia que «Mistério e sinal, num certo sentido, coincidem».¹⁶³ Esta é uma fórmula cuja ortodoxia ele quis verificar, indo propositadamente ter com o cardeal Ratzinger, e o então prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé tranquilizou-o.¹⁶⁴ O que significa que Mistério e sinal coincidem? Que Cristo fala através da realidade e, em particular, através da companhia daqueles que Ele coloca ao teu lado. Como um de vocês me escreveu ontem à tarde: «Ao ir, por vezes, visitar uma freira sacramentina [que se dedica à adoração eucarística e às necessidades das pessoas], disse-lhe: “Vocês vivem contemplando Cristo no pão eucarístico. Nós não somos muito diferentes: nós contemplamos o corpo de Cristo no ambiente em que vivemos, através da unidade da comunidade cristã», que surge, pela Graça, também através da paixão de quem vive para construir o movimento onde se vive junto com aqueles que partilham connosco a vida quotidiana».

Entendamo-nos, esta coincidência entre sinal e Mistério é analógica: nós somos o corpo de Cristo de uma forma diferente da hóstia consagrada, mas é verdade que somos membros uns dos outros, como diz São Paulo, fazendo parte do único corpo que é a Igreja.¹⁶⁵ Então, eu, perante a pergunta sobre como Cristo nos toca hoje, relanço a questão: «E vós, quem dizeis que eu sou?». Que esta pergunta seja um caminho de trabalho diário, para cada um de nós, mas também entre nós, a partir de agora, partindo do caminho que percorremos juntos e que cada um percorreu pessoalmente na sua própria história, porque Cristo nos tocou a todos de forma absolutamente pessoal, mas a todos através do carisma de *don Giussani*. Portanto, partindo desse dado objetivo da realidade que é a nossa companhia, ajudemo-nos uns aos outros para

¹⁶³ L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, op. cit., p. 108. Ver também L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, BUR, Milão 2025, p. 339.

¹⁶⁴ A. Savorana, *Luigi Giussani. A sua vida*, op. cit., pp. 696-697.

¹⁶⁵ Cf. Ef 4,25.

que essa pergunta se torne cada vez mais concreta, mais viva, mais direta, a cada dia, para cada um de nós.

Cassese. Passo à segunda pergunta, que dirijo ao Davide. Há uma palavra que surgiu em muitos contributos, a palavra «memória», que, não por acaso, era o primeiro ponto da primeira meditação: «a finalidade de estarmos juntos: a memória de Cristo». Mas é também – parece-me – um aspeto central da natureza específica do carisma de CL. «Memória» é uma palavra na qual *don* Giussani insiste muito; no Prólogo dos Estatutos da Fraternidade (que permaneceu praticamente inalterado em relação à versão original após as modificações aprovadas no ano passado) fala-se de «insistência na memória de Cristo como afirmação dos fatores originais da experiência cristã, na medida em que são esses fatores que dão origem à verdadeira imagem do homem».¹⁶⁶ Trata-se, portanto, de uma palavra central para a experiência da Fraternidade.

«Em que consiste a memória de Cristo e como permite fazer experiência d'Ele no dia-a-dia?»

Davide Prosperi. O que é a memória de uma relação senão a possibilidade de que aquela relação, *aquele* amor, nunca acabe, nos acompanhe em todas as circunstâncias, mesmo quando já não há a possibilidade de estarmos fisicamente juntos? Considero esta questão crucial: o que significa fazer memória de Cristo? Haveria muitas maneiras de tentar responder a esta pergunta, mas tentemos olhar para a resposta que o próprio Jesus deu. Ele respondeu na recomendação que faz aos seus amigos, os discípulos, no capítulo 15 do Evangelho de São João, quando indica como continuará a Sua relação com eles.

É interessante notar que Jesus não responde como provavelmente nós responderíamos: «Estou prestes a ir embora, lembrem-se de mim, não se esqueçam de mim». Não, a memória que Jesus nos pede não é uma recordação que diz respeito ao passado, ao que se viveu juntos outrora. Porque se fosse apenas uma recordação, mesmo a mais bonita, não resistiria às urgências da vida, às preocupações, às dificuldades quotidianas. Mas Jesus veio precisamente para isso, para nos colocar

¹⁶⁶ L. Giussani, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, op. cit., p. 304.

em condição de viver cada circunstância sem sucumbir ao choque das dificuldades! Por isso, Ele não pede apenas uma “lembrança devota”, mas algo profundamente diferente: «Permanecei em mim»,¹⁶⁷ porque n’Ele já está tudo.

Leio-vos a carta de uma amiga dos *Memores Domini* gravemente doente: «Estou em casa, o meu trabalho mudou: pouco a pouco estou a perceber que agora é o trabalho da memória do Seu chamamento. Esta manhã, impressionou-me esta invocação das Laudes: “Revela-nos a tua bondade que opera em cada criatura, para que reconheçamos em tudo e em todos a luz da tua glória”». A memória cristã é a consciência de uma Presença presente. Parece um pouco um jogo de palavras, mas é o que Giussani diz a respeito da fé: «O que é a fé? O reconhecimento de uma presença»;¹⁶⁸ e uma Presença – com P maiúsculo – presente na realidade, não é um produto do nosso pensamento. Por isso, também a memória, se é memória de Cristo, é reconhecimento de uma Presença que permanece. O que encontrámos não fica como um facto do passado, mas torna-se o ângulo de visão a partir do qual olhamos para tudo, tudo! Não é uma amizade de que nos lembramos, mas é uma Presença na qual estamos: «Permanecei em mim».

Outra amiga escreve: «Estes últimos meses foram um tempo de graça e de grande vertigem, porque surgiu em mim o desejo de pedir a admissão definitiva nos *Memores Domini*, no reconhecimento de que sem Jesus eu não sou verdadeiramente eu, assim como um desejo gigantesco de que todos possam descobrir que somos filhos de um Pai misericordioso. Precisamente por tudo isso, foi necessário submeter a razão à minha experiência; por isso, foram meses em que foi necessário recordar todos aqueles momentos, rostos, lugares que Jesus utilizou para me cativar e chamar. Foi um tempo em que o movimento, o noviciado dos *Memores Domini* e a casa foram precisamente guias e ambientes educativos que me despertaram e me fizeram aprofundar o desejo do encontro com Cristo e onde pude vê-lo encarnado».

Por isso, Jesus usa uma imagem, que é a imagem da videira e dos ramos.¹⁶⁹ O ramo não tem vida em si mesmo, não pode decidir dar fruto com o seu esforço, com a sua capacidade de iniciativa: ou está ligado à

¹⁶⁷ Jo 15,4.7.

¹⁶⁸ L. Giussani, *L’attrattiva Gesù*, BUR, Milão 2025, p. 7.

¹⁶⁹ Cf. Jo 15,4-5.

videira ou seca e morre. Isto muda completamente a nossa perspetiva, porque significa que a memória não é um esforço de coerência, mas é a consciência da Presença da qual dependemos, como dizia o Lele. E é uma dependência vital, tal como o ramo ganha vida da videira. Jesus di-lo com clareza: «Tal como o ramo não pode dar fruto por si mesmo [...] assim também acontecerá convosco, se não permanecerdes em mim».¹⁷⁰ Neste sentido, a «memória» coincide com o «permanecer»: aceitar depender da Sua presença presente na forma histórica que o próprio Cristo escolheu, ou seja, a comunhão eclesial; aceitar que a consistência da minha vida não depende de mim, do que penso, do que sinto, do que gosto, mas vem de Outro. Não é um discurso abstrato. Para além das nossas declarações, onde se vê que o ramo está ligado à videira? Pelo facto de dar fruto, tanto que, se o separarmos da planta, já não dá fruto.

Por outras palavras, a memória verifica-se na vida concreta, na forma como trabalho, na forma como encaro as pessoas, as dificuldades, as desilusões. Mas isto nunca é automático: a memória é uma posição do eu que deve ser posta em jogo a cada instante. Nestes dias ouvimos isto: o acontecimento é o encontro inicial e, ao mesmo tempo, a vida nova que dele tem origem; o encontro inicial, aquele encontro com Jesus que o Lele nos fez reviver na primeira meditação, e a vida nova que brota desse encontro. O acontecimento é tudo isto em conjunto, não é apenas a centelha inicial. «É, se muda», dizia Giussani.¹⁷¹ Portanto, o problema é voltar a beber dessa fonte, através do nosso «sim», é deixar-nos continuamente retomar por Ele.

Ontem, o Lele citava, entre outras, a parábola do filho pródigo. É uma parábola que nos impressiona sempre; quem – como eu – tem filhos não pode deixar de se identificar. Nesta parábola, emerge não só a liberdade do filho, mas também a do pai (de facto, é também conhecida como “do pai misericordioso”). Este não deposita a sua confiança

¹⁷⁰ Jo 15,4. Bento XVI comenta: «O Senhor continua assim: “Permanecei em mim, que Eu permaneço em vós. Tal como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, mas só permanecendo na videira, assim também acontecerá convosco, se não permanecerdes em mim, ... porque sem mim – podia também traduzir-se por: fora de mim – nada podeis fazer”. Cada um de nós é colocado diante de tal decisão» (Bento XVI, *Homilia na Santa Missa no Olympiastadion*, Viagem apostólica à Alemanha, Berlim, 22 de setembro de 2011).

¹⁷¹ L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, op. cit., pp. 115-116. Ver também Id., «È, se opera. Appunti da una conversazione con dei giovani», supl. 30 *Giorni*, n. 2/199pp. 65-81

numa capacidade de fazer o bem do filho entendida de forma estoica («Se ele se empenhar, vai conseguir») nem se limita à indiferença para com ele («Respeito tanto a sua liberdade que ele pode fazer o que quiser, até mesmo ir-se embora e desperdiçar toda a herança»): de facto, quando o filho parte, o pai não fica indiferente. Não pode ter a certeza de que o filho voltará, mas respeita a sua liberdade e — ainda que com dor — deixa-o partir. Sempre me perguntei: por que é que a atitude do pai é razoável e cheia de confiança? Ele não lança os dados para decidir o que fazer com o filho, não é nesse sentido que aposta na sua liberdade. Mas então, em que se baseia a liberdade confiante do pai, que respeita a liberdade do filho e fica à sua espera sem deixar de esperar pelo seu regresso? A liberdade do pai baseia-se na certeza de que o filho fez experiência da casa e do seu amor, e que precisamente a memória da casa e do pai poderá levá-lo a regressar, mais cedo ou mais tarde. Por isso, a esperança do pai não é vã.

Entre nós também é assim. São o reconhecimento e a memória do encontro, da graça que nos mudou a vida, que nos fazem regressar, sempre que partimos, e encontramos sempre para nos acolher o abraço da Sua presença. A experiência vivida da nossa comunhão em Cristo é esta casa aonde regressar, onde permanecer. Esta é a nossa esperança, a nossa alegria e a nossa liberdade: a comunhão é libertação. Mas esta é também a nossa utilidade e a nossa missão no mundo.

Quer queiramos quer não, nós «permanecemos» sempre em alguma coisa, sempre: ou permanecemos nos nossos pensamentos, nos nossos medos, nas nossas imagens, que são, na verdade, aquelas que normalmente outros nos colocam na cabeça, ou permanecemos n'Ele.

Termino com uma pergunta muito simples, que dirijo a cada um de vocês e, em primeiro lugar, a mim mesmo: hoje, neste preciso momento, em que é que desejo «permanecer» com todo o meu ser?

Cassese. Entre as muitas perguntas que chegaram, muitas dizem respeito aos grupos de Fraternidade e, portanto, também a alguns temas e problemas que emergem da vida comum. Decidimos não responder esta manhã por uma questão de tempo; limito-me apenas a indicar-vos que muitas questões são abordadas no livro de Giussani, cuja nova edição acaba de ser publicada, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Libertazione*. É um livro muito bonito, apesar de ser —

como recordou o Davide – um dos menos lidos de todos, e é uma pena porque é uma verdadeira mina de ouro: por isso convindo todos a lê-lo ou a relê-lo. Além disso, estamos a pensar em ajudar-nos, acompanhar-nos nos próximos meses, talvez através de encontros com os priores, para podermos abordar juntos as questões que colocaram.

Passo agora à terceira pergunta, que é para o padre Emmanuele.

«O que é o cêntuplo? O que significa que é preciso deixar tudo por Cristo? Perante o amor tão grande de Cristo por nós, por que não cedemos? Como se experimenta o cêntuplo aqui na terra, mesmo na dor?» «Por que razão o nada nos fascina tanto? Por que esta estranha atração pelo nada? O que nos ajuda a não nos deixarmos dominar por ela? Quando, num relacionamento matrimonial ou no grupo da Fraternidade, se atravessa um período de aridez e rotina, como se pode sair da visão cética de quem nos diz que nada dura?»

Silanos. São perguntas muito bonitas, mas seria preciso muito tempo, aliás, uma vida inteira, para responder; por isso, a minha resposta é apenas um início de resposta.

Voltemos àquele momento, quando Pedro faz a pergunta: «Nós deixámos tudo e seguimos-te. Qual será a nossa recompensa?». ¹⁷² Por um lado, a pergunta de Pedro pressupõe ter deixado tudo. E então pergunto-me: mas será que nós deixámos tudo? Estamos dispostos a fazê-lo? Desejamo-lo? Vivemos, pelo menos, com esta tensão de deixar tudo? Lembremo-nos dos monges de Tibhirine: é mais fácil dizer um grande «sim» de uma vez por todas do que muitos pequenos «sins» todos os dias. Como quem se casa, que está todo contente por dizer «sim» naquele dia, mas depois tem de o repetir todos os dias perante o seu marido, a sua mulher, os seus filhos. Então, o que é o «tudo» que temos de deixar? Mais do que os campos ou as coisas que nos pertencem, é, acima de tudo, a nossa imagem de realização, de felicidade, que somos chamados a abandonar. «Deixar tudo» significa aderir ao que Cristo nos propõe agora como caminho objetivo da nossa realização, que para nós assume o nome cristão de «vocação». Deixar tudo significa abraçar a nossa vocação, ou seja, a forma como Cristo nos pede agora: «Segue-me».

¹⁷² Mt 19,27.

Mas há um segundo aspeto, que considero paradoxal: Pedro estava diante de Cristo quando Lhe perguntava o que eles, os discípulos, tinham ganhado ao deixar tudo por Ele. Mas o que há de mais importante do que Cristo? E, no entanto, pela sua pergunta, parece que Pedro tinha deixado tudo não “por Jesus”, mas para obter outra coisa que não era Ele. Tentemos imaginar como se terá sentido Jesus naquele momento. E é comovente pensar como Ele, com imensa paciência, embora com um fio de tristeza humanamente compreensível, responde a Pedro: «Fica sossegado: vocês, que deixaram tudo por minha causa, terão cem vezes mais e a vida eterna».¹⁷³ Explica-lhe isso com calma e caridade. Poderia ter-lhe dito: «Mas Pedro, não compreendes que sou Eu o cêntuplo? Não compreendes que sou Eu a vida eterna?». Conhecer Cristo coincide com a vida eterna.¹⁷⁴ Como Ele próprio dirá na Última Ceia a Filipe, quando lhes está a revelar tudo e o apóstolo lhe diz: «Mostra-nos o Pai, e isso nos basta!». E Jesus responde-lhe: «Há tanto tempo que estou convosco, e não me ficaste a conhecer, Filipe? Quem me vê, vê o Pai. Como é que me dizes, então: “Mostra-nos o Pai”?». ¹⁷⁵

Pois bem, nós corremos o risco de ser um pouco como Pedro e Filipe, aliás, somos assim: vamos atrás de Cristo, talvez convencidos de ter “dado tudo”, mas, no fundo, continuamos à espera de alguma coisa. Vamos atrás d’Ele, mas depois apresentamos-Lhe a conta, como Marta depois de toda a sua agitação. Não damos tudo para responder ao Seu amor que nos precede, mas para nos sentirmos credores, como se tivéssemos adquirido o direito de pedir algo em troca. Mas se Cristo é o cêntuplo, então – se estou certo da minha relação com Ele – já não tenho nada a pedir, mas apenas a dar: se já recebi tudo na relação com Ele, então o meu desejo é apenas viver com Ele e para Ele. Desta forma, torno-me verdadeiramente capaz de oferecer tudo, até a dor. Aliás, fico contente por oferecer a dor: não contente por sofrer, mas contente por oferecer também a dor, a doença, como o Matheus, porque já recebeu tudo e o único desejo que tem é restituir o que lhe foi dado.

Das perguntas reunidas, surgia depois o tema do fascínio pelo nada, que, ao que parece, impressionou muita gente; isso significa que é uma

¹⁷³ Cf. Mt 19,29.

¹⁷⁴ «Esta é a vida eterna: que te conheçam a ti, único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem Tu enviaste» (Jo 17,3).

¹⁷⁵ Jo 14,8-9.

experiência que, de uma forma ou de outra, diz respeito a todos nós. Alguma coisa nos atrai para o nada, para o não ser. Mas, atenção, o coração do homem não foi feito para o nada, foi feito para o Ser; não foi feito para a morte, foi feito para a vida. E então, por que existe esta estranha tendência para aquilo que nega o verdadeiro objeto do nosso desejo? Porque a nossa liberdade está ferida, ferida pelo pecado original. É por isso que é preciso ter cuidado quando dizemos: «Vou atrás desta coisa porque me corresponde mais». Atenção: o que corresponde é apenas Cristo. Portanto, se alguma coisa nos leva para longe d'Ele ou do caminho em que Ele nos colocou, há algo que não está bem, e então é preciso ajudarmo-nos a “deitar fora” tudo o que nos afasta d'Ele, como se dizia ontem de manhã a propósito do episódio da filha de Jairo. Que fique claro: não estamos a falar de mandar embora pessoas da nossa vida, mas de abandonar aquilo que me afasta d'Ele – o barulho, a atração pelo nada, a dependência de «coisas frívolas».

Escreveu-me um amigo: «Caríssimo Emmanuele, esta tarde, quando começaste a falar do cêntuplo, lembrei-me do momento da minha vida em que mais senti esta promessa. Estava talvez no momento mais sombrio da minha existência. O meu casamento estava em crise, sentia-me vazio, sem vontade de viver. O momento do cêntuplo foi este. Foi precisamente aí que *don* Giussani me disse um dia: se tomares esta cruz, verás que viverás o cêntuplo de paternidade, de amizade, da vida. E repetiu-me e exortou-me a tomar a cruz, não a suportá-la. E naqueles dias, visto que eu estava sem energias, ele e os seus amigos *Memores* de Gudo carregaram a cruz por mim, para que depois eu conseguisse carregá-la. E essa promessa concretizou-se num caminho em que eu me acreditava morto e me vi renascer. Experimentei uma plenitude de vida e uma riqueza de amigos que vem de Jesus e que hoje me fazem descobri-Lo como Aquele que me ama. Isto é Jesus para mim».

Pois bem, o que o que nos salva da tentação de sermos absorvidos pelo nada é aquela mão estendida de Jesus a Pedro enquanto este se está a afundar na água, que se chama graça e que se torna presente de forma objetiva na Igreja, nos Sacramentos e, por analogia, na nossa companhia. Só temos de fazer uma coisa quando este nada nos atrai, quando parece que sucumbimos perante o peso da dor, do cansaço ou da cruz: pedir. Peçamos ajuda a Cristo para que nos salve com a sua

graça, como fez com Pedro quando se estava a afundar nas águas do Mar da Galileia.

Cassese. Chegamos assim à última pergunta, que faço ao Davide. Na tua saudação introdutória de sexta-feira à noite, referiste alguns pontos que, na nossa opinião, vale a pena desenvolver um pouco. Se a primeira pergunta que te fizemos era sobre a palavra «memória», aqui, em vez disso, a palavra central, que representa o eixo de muitas das perguntas que recolhemos, é a palavra «liberdade».

Nos últimos meses, muitas circunstâncias, tanto a nível mundial – as guerras em curso, em primeiro lugar –, como em Itália – penso em particular no desafio colocado pelo referendo constitucional –, e também no seio da nossa história – refiro-me, por exemplo, ao diálogo iniciado com o Papa Leão XIV após a audiência em janeiro – parecem-me que colocam em causa a liberdade de cada um de nós. Por isso, decidimos pedir-te uma reflexão um pouco mais aprofundada sobre este tema, a partir de duas perguntas que nos parecem particularmente significativas.

«Podem ajudar-me a perceber melhor o significado que surgiu das meditações sobre o termo “liberdade”?»

«Na saudação introdutória, o Prosperi dizia que é necessário reconquistar um sentido de liberdade que não oponha liberdade e unidade; o padre Silanos falou-nos da liberdade na filiação. É um desenvolvimento muito diferente daquilo que normalmente entendemos por liberdade, ou seja, uma dinâmica de escolha. Mas o que é, então, esta liberdade? Não é evidentemente um poder de fazer, então o que é? Ouvimos dizer que aquilo que trazemos não somos nós mesmos, mas a comunhão que vivemos. Que relação existe entre a liberdade pessoal e esta comunhão?»

Prosperi. Sim, é verdade, sobretudo nos últimos meses, este tema surgiu de forma viva, por vezes até dramática entre nós, porque percebemos que está em jogo uma coisa crucial. Ontem à tarde, o Lele dizia que a liberdade é a característica mais própria do filho, da criatura nova; falava de uma liberdade «libertada» da chantagem do nosso limite, uma liberdade que se realiza na dependência de Deus, que se realiza na Sua

presença. Mas na Introdução, dizíamos que, embora esta conceção da liberdade seja uma das coisas em que Giussani mais se empenhou, hoje, ainda mais do que ontem, não podemos tomá-la como garantida, nem mesmo entre nós. Às vezes, sem nos apercebermos, estamos aprisionados numa ideia de liberdade como ausência de laços, como autonomia, ou como um recinto a defender. Porquê?

Nós também estamos cheios do individualismo que nos rodeia, que a mentalidade dominante promove. Assim, quando nos deparamos com uma proposta radical, integral, que nos envolve totalmente, como a destes dias, ou quando, por exemplo, o movimento nos convida a seguir alguma coisa que não passa imediatamente pela “fronteira” da nossa medida, como temperamento e como opinião pessoal, todos sentimos, em maior ou menor grau, quase a crescer, a subir dentro de nós, um impulso de protesto, de oposição. Giussani sintetiza esta posição com uma expressão que nenhum de nós teorizaria; na verdade, é mais praticada do que dita: «Eu sou meu».¹⁷⁶

No entanto, se olharmos para estes dias, a proposta que nos foi feita mostrou-nos o quanto é, pelo contrário, mais desejável, profundamente desejável, viver toda a vida na dependência reconhecida da Sua presença, com esta presença, por Cristo. A proposta destes dias despertou em nós a nostalgia d’Ele e, ao mesmo tempo, a nostalgia de uma humanidade mais verdadeira para nós, que talvez refrássemos e que agora ressurgiu com força. Quantas vezes eu, com os meus próprios ouvidos, e muitos de nós aqui presentes ouvimos *don* Giussani dizer: «Não existia; existo; portanto, pertenço, “sou de”, a minha identidade é um outro».¹⁷⁷ Pertencemos a Deus, a Cristo, ao Deus feito carne; pertencemos Àquele que encontramos através da realidade de que Ele próprio se serve para permanecer na história: a Igreja, a nossa companhia, que, como experimentámos nestes dias, é uma expressão fascinante disso.

A liberdade, portanto, não é, antes de mais nada, a nossa capacidade de escolher e não se resume à possibilidade de escolha (isto, dizia Giussani, pertence à liberdade em caminho, à liberdade imperfeita, mas não à definição, à natureza da liberdade),¹⁷⁸ mas é a afirmação desta pertença, é a capacidade de adesão a este Outro de quem surgimos como

¹⁷⁶ L. Giussani, *O encontro que acende a esperança*, Paulinas, Lisboa 2025, p. 57.

¹⁷⁷ *Ibidem*, p. 54.

¹⁷⁸ Cf. L. Giussani, *É possível viver assim?*, Vol. I, Fé, Tenacitas, Coimbra 2007, p. 80-81.

«eu», porque o meu eu emerge daí: por isso, como se dizia antes, a pertença à Sua presença é o que *realiza* a minha pessoa. Não nos iludamos: a alternativa a isto, a *esta* pertença, não é o autodomínio («eu sou meu»), mas a pertença ao contexto biológico e histórico que nos gerou e que nos mantém “à trela”, ou seja, a pertença ao ambiente em que nos encontramos, às redes sociais que frequentamos, aos jornalistas que lemos, ao grupinho de “amigos” que hoje tem mais influência sobre nós, em suma, ao poder vigente.

Então, ao contrário do que muitas vezes pensamos, não há qualquer oposição entre liberdade e pertença; com uma condição, porém: que não deixemos que a mentalidade dominante nos imponha o significado destas palavras. Entre a «liberdade» concebida como adesão ao ser, como capacidade de nos construirmos a nós próprios através da afirmação do Mistério que nos faz a cada instante, como diz precisamente Giussani, e a «pertença» a este Mistério feito carne, presente aqui e agora na Igreja, existe, pelo contrário, um nexo profundo, não uma oposição: porque é na pertença que a nossa liberdade se realiza. A oposição, pelo contrário, existe, e de que maneira, quando a liberdade é reduzida a uma autonomia ilusória, que não é mais do que a máscara de outra dependência, que não liberta, da qual nem sequer nos apercebemos e que, por isso, é ainda mais despersonalizante, mais maligna, mais corrosiva. Dependemos sempre de alguma coisa. Quando nos vemos a reivindicar um espaço de suposta autonomia ou de “liberdade” mal-entendida, ou seja, quando dizemos: «Aqui Cristo não tem nada a ver, aqui a companhia não deve entrar, aqui a fé não tem nada a dizer», aquilo em que não deixamos entrar a Sua presença empobrece-se imediatamente, desvanece-se, é vivido abaixo das suas possibilidades.

A este ponto, porém, é preciso ter em conta outro risco que está sempre à espreita, que é o de reduzir Cristo a uma presença imaginada, entendida em termos puramente espiritualistas. Giussani, nos Exercícios Espirituais da Fraternidade de 1998, falava de uma grave redução moderna que almejaria um «Cristo sem Igreja» – o que, no fundo, não é senão o que Lele dizia na Introdução, ou seja, a tentação gnóstica –, que almejaria «a eliminação da carnalidade»¹⁷⁹ de Cristo. Só a Sua presença real, carnal, tem a força de transformar a vida. Se o encontro com o

¹⁷⁹ L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, op. cit., p. 126.

movimento nos atraiu e foi para nós um ponto de viragem, foi porque, graças a ele, descobrimos que Cristo está no centro de tudo, transfigura tudo; que a comunhão vivida em seu nome gera uma maneira diferente, mais plena, mais verdadeira de ver e tratar todas as coisas. Bem, nós queremos viver e reviver esta origem, porque subtrair algo a Cristo significa perdê-lo. Subtraí-lo, entendamo-nos bem, não ao Cristo como inspiração, mas ao facto de Cristo, ao facto do seu corpo.¹⁸⁰

É o Deus encarnado, é Cristo que nos mostra, nos ajuda a reconhecer a realidade como ela é, ou seja, como sinal do Mistério, como Sua. E é isto que nos permite conseguir amá-la tal como nos é dada: é por amor a Ele, como ouvimos nos testemunhos que foram retomados nestes dias e como nos mostram os nossos grandes amigos que nos precederam, em relação aos quais a Igreja abriu o processo de verificação da santidade. Não nos abrimos a Cristo, permanecendo fixos em nós mesmos e pronto, significa perder a melhor parte. O cansaço que às vezes opri-me os nossos dias é alimentado precisamente por isto: olhamos para as circunstâncias a partir da forma como nós gostaríamos que fossem, em vez de a partir da relação com Cristo, da forma como o Mistério permite que aconteçam.

A comunhão vivida com Cristo e entre nós não só nos faz ser seus – isso já o somos no Batismo, mesmo que por vezes não nos lembremos disso –, como também nos faz experimentar na carne o que significa ser seus. É o cântuplo já aqui de que nos falava o Lele.

Cristo é uma presença hoje, no mistério da Igreja, da nossa comunhão, uma presença, portanto, com traços precisos, traços particulares, exatamente como o era quando caminhava pelas estradas da Galileia, quando quem O encontrava tinha diante de si um homem, uma presença real, física, que não tinha escrito no rosto que era a segunda pessoa da Trindade. Ora, é Ele, é Cristo que decidiu sob que forma permanecer presente na história, para tornar mais verdadeira a nossa relação com toda a realidade.

Madre Teresa é uma figura em quem tudo isto transparece de forma fascinante: ela reconhecia Cristo no sofredor e no necessitado, no moribundo que recolhia da rua, pela comunhão com Cristo que vivia na sua carne, nos sacramentos, na oração, na comunidade com as irmãs, na

¹⁸⁰ Cf. D. Prosperi, «Tendencialmente unidos como génese de juízo e como ação», *por.clonline.org*

relação com João Paulo II. Sem isto, a sua relação com os doentes teria permanecido dominada pelas aparências, e ela tê-los-ia visto como carne em decomposição; no fundo, temos de admitir, é assim que muitas vezes também nós ficamos presos ao olhar para a realidade do dia a dia.

Nestes dias, pelo contrário, vimos anulada a distância de dois mil anos entre todos nós e os factos narrados nos evangelhos: Cristo chega agora até nós através do rosto e dos braços desta companhia, como acontecia com a Madre Teresa, como aconteceu com o amigo de Taipé de quem nos falava o Lele. E, uma vez que a nossa comunhão, a nossa unidade, é um organismo vivo, ela, por analogia com a Igreja, não pode deixar de se apoiar, em última instância, numa referência, numa função de autoridade, que hoje é exercida por tal pessoa, amanhã por outra.

Então, voltemos ao que dizíamos na saudação introdutória: o que significa construir sobre Cristo, sobre o «facto de Cristo» e não sobre os valores trazidos por Cristo e, portanto, sobre a nossa inevitável interpretação deles? Construir sobre o facto de Cristo significa ajuizar e tratar tudo a partir de uma comunhão vivida, porque a vida cristã é «comunhão». São as coisas que *don* Giussani nos fez descobrir, que aprendemos com ele, que constituem um ponto central da novidade do nosso carisma na vida da Igreja, que pertencem ao coração do nosso carisma: não é por acaso que nos chamamos Comunhão e Libertação.¹⁸¹ Eu e tantos de nós, que conhecemos Giussani, crescemos com esta consciência tenaz do valor sacramental, mas também metodológico e histórico da nossa unidade, pelo que se está disposto a sacrificar o próprio temperamento e a própria opinião para aderir – naturalmente, submetendo-a a verificação, não de forma obtusa, como “ovelhas” – à hipótese que provém da nossa comunhão, sem renunciar a colocar em evidência as questões que surgem e as críticas que a consciência vê. Aliás, a crítica que se vê é um bem que afirma e faz crescer a nossa comunhão, se e na medida em que for vivida no âmbito de um seguimento cordial e fraterno.

¹⁸¹ A este respeito, podem ler as palavras de *don* Giussani, que esta manhã ouvimos juntos, no novo livro que será publicado em setembro pela Rizzoli, no qual se relata uma série de encontros inéditos com os responsáveis do movimento (as “Escolas de Quadros”) desenvolvidos por *don* Giussani nos anos 1971-1972. Os excertos ouvidos foram retirados da gravação da “Escola de Quadros” de 18 de junho de 1972, reproduzida no sexto capítulo.

Tudo o que houver de verdadeiro no que eu vejo e que não foi considerado, encontrará, mais cedo ou mais tarde – mais cedo do que tarde –, um espaço, um reconhecimento, porque o nosso objetivo não é promover as nossas ideias nem as nossas opiniões, de um ou de outro, mas servir o reino de Deus, construir a Igreja: o objetivo da nossa tensão para ajuizar e agir tendencialmente em conjunto é testemunhar Cristo e a Igreja.¹⁸²

Podemos sentir-nos tentados a preferir uma conceção mais branda, mais “domesticada” do movimento, que o reduz a um espaço em que os grupos individuais levam adiante as suas próprias visões, uma espécie de «recipiente» no interior do qual cada um, sozinho ou com as referências que escolhe a seu gosto, se move na direção que acredita, a partir de uma interpretação própria dos ensinamentos de *don* Giussani. Não, o movimento é uma coisa só, é um “sujeito”, uma unidade que se move na história, que quer tornar visível a unidade que nasce do gesto de Cristo que nos agarra. Somos um só corpo, no qual os membros – claro, na variedade de formas e funções – contribuem para o mesmo fim: que Cristo seja glorificado diante do mundo.

Esta é, como dizíamos na primeira noite, a única coisa que nos interessa: que Cristo seja conhecido e reconhecido, para que a nossa vida e a dos nossos irmãos homens seja mais feliz, mais verdadeira, mais alegre e fecunda, mais cheia de paz. E vemos que há uma necessidade extrema disso nestes dias tão sombrios, dolorosos e incertos da história. Então, caminhemos juntos, pedindo-o com coração sincero.

Agora gostaria que cantássemos juntos novamente *Nuestra Señora de la Esquina*, composta por uma nossa amiga chilena. Ela escreveu-me que este canto é uma forma de oração: «Esta canção nasceu para uma comunidade chamada “Nem menos um por causa da droga”. Eles ocupam-se da reabilitação de pessoas que vivem na rua, toxicodependentes, e que estão a mudar a sua vida através da fé. Eles chamam à Virgem “Nossa Senhora da Esquina”, porque na escuridão da rua, num recanto qualquer, reconhecem que a Virgem os salvou». Um dos responsáveis deste grupo, que é nosso amigo, pediu, precisamente, que compusessem para eles uma canção à Virgem, para que esta comunidade a possa

¹⁸² Cf. D. Prosperi, «Tendencialmente unidos como génese de juízo e como ação», op. cit.

cantar. A canção procura descrever o que eles vivem e o que cada um de nós pode viver, porque num recanto escuro da vida somos salvos tal como somos.¹⁸³

¹⁸³ «Mi camino era una avenida sin horizonte y sin salida /Mis ojos ya se adormecían, mi corazón ya no latía. /En mi tristeza me escondía, nadie sabía, nadie sabía; /pero alguien ya me conocía y me esperaba en una esquina. //Nuestra Señora de la Esquina, tú que abrazas mis heridas, /cuando se oscurece mi vida, eres la llama y me ilumina. //Al que te busca todavía, al que te encomienda su vida, /dale Tu mano enternecida, deja que brote Tu semilla. /Al que perdió su corazón o lo apostó en una partida, /déjale ver que cada día nace el Señor en sus heridas. //Cuando el cansancio me vencía y mis errores ya me hundían /te ofrecí todo mi dolor tu abrazo rescató mi vida. /Cuando el cansancio me vencía y mis errores ya me hundían /te ofrecí todo mi dolor tu abrazo rescató mi vida. (O meu caminho era uma estrada sem horizonte e sem saída, os meus olhos já se fechavam, o meu coração já não batia. Escondia-me na minha tristeza, ninguém sabia; mas alguém conhecia-me na mesma e esperava-me na esquina. //Nossa Senhora da Esquina, tu que abraças as minhas feridas, /quando a minha vida se escurece, és a chama que a ilumina //A quem ainda te procura, a quem te entrega a sua vida, /dá-lhe a tua mão terna, deixa que a tua semente floresça. /A quem perdeu o seu coração ou o apostou num jogo, /mostra-lhe que o Senhor renasce todos os dias das suas feridas. //Quando o cansaço me vencía e os meus erros me afundavam, /ofereci-te toda a minha dor e o teu abraço resgatou a minha vida)» (P. Giovanetti, «Nuestra Señora de la Esquina»).

■ ASSEMBLEIA (SEGUNDO TURNO)

Davide Prosperi. Ao meu lado está o Luca Frigerio, que é o responsável da região do Veneto, além de delegado da região da Campânia; pedimos-lhe que nos ajudasse no trabalho desta manhã.

Luca Frigerio. Bom dia a todos. Chegaram mais de oitocentos contributos, em muitos dos quais se manifestaram gratidão e alegria, que também se fizeram sentir no clima que se respirou entre nós na sala e nos hotéis. Isto documenta o facto de que as coisas sentidas e vividas tocaram em vários pontos a nossa humanidade, renovando o entusiasmo em querer prosseguir no caminho em que Deus nos colocou, que é o caminho da Fraternidade. Decidimos reunir as questões que surgiram com mais frequência em seis perguntas: três vou fazê-las ao padre Lele e três ao Davide, para que possam ajudar-nos a olhar mais profundamente para os passos que somos chamados a dar juntos.

Digo logo que um tema que foi objeto de várias perguntas foi o dos grupos de Fraternidade e da sua vida. Decidimos não abordar estes temas na assembleia de hoje: serão indicados momentos a nível local para retomar estas questões, relativamente às quais sugerimos a leitura do livro de Giussani recém-reeditado, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*.

A primeira pergunta é para o padre Lele e diz respeito aos temas da memória, do silêncio e da familiaridade com Cristo.

«Como podemos ajudar-nos a viver a memória de Cristo sem a reduzir a moralismo ou espiritualismo? Como é que o silêncio pode ajudar-nos a crescer na familiaridade com Cristo, nas coisas do dia-a-dia, sem o entender como uma pausa em relação à vida, sobretudo para quem não tem a memória de Cristo como regra específica de vida? O que liga memória e ação?»

Emmanuele Silanos. Vou tentar responder a estas perguntas partindo de dois exemplos que retiro do Evangelho. Já mencionei o primeiro quando falava dos grupos de Fraternidade. Quando penso na familiaridade com Cristo, vem-me à cabeça a relação que Ele tinha com os três

irmãos de Betânia: Marta, Lázaro e Maria. Todos nos lembramos de como, há quatro anos, durante os Exercícios Espirituais, o padre Lepori destacou de forma comovente as dinâmicas entre as duas irmãs na relação com o Mestre, com Jesus. Ao repassar os episódios do Evangelho em que elas aparecem, percebe-se que, se havia um lugar que Jesus amava, onde gostava de estar para descansar, onde se sentia em casa, era precisamente aquela casa, aquela morada, aquela família, a tal ponto que todos percebem o carinho que Jesus tinha por aqueles três. Recordemos, por exemplo, a reação dos presentes quando o veem chorar ao saber da morte de Lázaro, notícia que lhe é trazida pelas duas irmãs.

Lendo aquelas passagens, percebemos que este amor tão carnal, no sentido de tão humano, tão concreto, que chega até às lágrimas, é consequência da familiaridade que existe entre eles e Jesus. E, relendo aqueles capítulos, percebe-se bem que esta familiaridade é uma característica fundamental própria do cristianismo. «Familiaridade», dizíamos, significa que Cristo está presente em tudo. É o divino que entra nas coisas mais normais, mais quotidianas da vida: está presente em Marta, que preparava a comida ou lavava os pratos; está presente em Lázaro, que gostava de estar à mesa com Jesus; está presente em Maria, que se sentava aos seus pés para o ouvir. Mas se lermos com atenção esses mesmos episódios, percebemos também que essa familiaridade não se dá de uma só vez, mas cresce com o tempo.

Nunca deixamos de conhecer Cristo, como dissemos no início. *Nós não sabemos quem era*¹⁸⁴ significa isso, e toda a nossa vida nos é dada para conhecer Cristo. Lembremo-nos da frase de João Batista: «No meio de vós está quem vós não conheceis».¹⁸⁵ Ou seja: «Está entre vós, mas ainda precisais de O conhecer». Nós também desejamos a mesma fraternidade, a mesma familiaridade que eles viviam e também precisamos de tempo para aprender a vivê-la. Por isso, não devemos ficar desencorajados por nos surpreendermos ainda no início do caminho.

É necessário que, lentamente, a nossa vida quotidiana se impregne da memória daquela Presença viva e que, pouco a pouco, ela também invada a nossa maneira de agir, a nossa ação, porque, de certa forma, não queremos escolher entre Marta e Maria: queremos poder estar total-

¹⁸⁴ A. e G. Roscio-A. e G. Agape, «Nós não sabemos quem era», *Cancioneiro*, op. cit., p. 174.

¹⁸⁵ Jo 1,26.

mente empenhados no mundo, no nosso trabalho, que é a forma como desejamos construir o reino de Deus, mas, ao mesmo tempo, queremos estar sempre preenchidos pela relação com Ele, pela Sua presença. Então, qual é o caminho para esta unidade?

O padre Paolo Prosperi chamou-me a atenção para este trecho de *don Giussani*: «Uma pessoa não deve preocupar-se em exprimir-se [que é o problema de Marta], deve preocupar-se em aprofundar o espanto [a posição de Maria], porque aprofundar o espanto leva à expressão adequada de si». Giussani acrescenta: «A nós, é-nos pedido para aprofundar o espanto do qual nasce a expressividade. A expressividade [a nossa criatividade], ou seja, a fecundidade, nasce de um amor; e o amor é o espanto por um presente que se acolhe e se abraça, se reconhece e se aceita».¹⁸⁶

Há uma passagem no Evangelho de João em que isto é expresso de forma clara e comovente, e estamos precisamente na casa de Betânia. Poucos dias antes, Jesus tinha ressuscitado Lázaro e, antes ainda, tinha rompido a chorar diante de Maria que lhe ia ao encontro. Alguns dias depois, encontram-se ali em casa para celebrar aquele irmão que foi devolvido à vida. É nesse momento que Maria “desperdiça” 300 denários para comprar o óleo perfumado com o qual unge os pés de Jesus, um gesto que tanto irrita Judas: porque Judas mede, como muitas vezes fazemos nós, enquanto Maria expressa com aquele gesto todo o amor que nasce de já ter recebido tudo. É daí que nasce a ação: como resposta ao ter recebido tudo, resposta de amor a um amor já recebido. E é isso que Jesus repreendia a Marta, que, ao contrário de Maria, não partia de um amor recebido, a tal ponto que, a certa altura – para usar uma expressão que o Carrón gostava de repetir – «apresenta a conta».¹⁸⁷ «Mas como? Não olhas à tua volta? Não vês que há coisas para fazer em casa?».¹⁸⁸ O contrário disso, por sua vez, é partir da consciência de que já recebemos tudo e isto é possível se aprendermos a recordar o que aconteceu na nossa vida.

A segunda imagem é a de Nossa Senhora, a que me referi no início da primeira meditação. Para Nossa Senhora, tudo era memória, tudo era ocasião para guardar no seu coração os acontecimentos da relação com

¹⁸⁶ L. Giussani, *L'autocoscienza del cosmo*, BUR, Milão 2000, pp. 204-205.

¹⁸⁷ J. Carrón, *Amici, cioè testimoni*, supl. *Tracce*, n. 8/2007, p. 39.

¹⁸⁸ Cf. Lc 10,40-42.

o seu Filho. Tentemos pensar: como é que Nossa Senhora cuidava da casa? Como é que preparava a comida, como é que limpava? A sua iniciativa não nascia de um perfeccionismo, de uma fixação pela limpeza ou pelas coisas bem feitas. Nascia, antes, da consciência de ser chamada a fazer tudo o que fazia por aquele Filho, por Ele. É o contrário do moralismo: não faço algo porque devo, mas faço algo por alguém, por amor a alguém. É este, então, o sentido profundo de fazer «memória»: antes de mais nada, ajudar-nos a recordar quais são as «mirabilia Dei», como dizíamos, ou seja, as coisas grandes que Deus realizou na nossa vida. É neste sentido que deve ser entendida a coincidência que Giussani sublinhava entre oração e oferta:¹⁸⁹ oferecer cada gesto da nossa vida, cada gesto – como lavar a louça, como virar a omelete (lembram-se de Frei Lourenço?) –, pedindo que Ele se torne presente agora.

Para fazer tudo isto, quais são os instrumentos que nos são oferecidos pela educação de *don* Giussani? É preciso deixar Cristo entrar na nossa vida e na nossa casa, deixar Cristo entrar como fizeram Marta, Maria e Lázaro, deixar que Ele entre na nossa vida, nos nossos dias. A primeira coisa a fazer, portanto, é dar-Lhe espaço, dar-Lhe tempo. E isto – como dizíamos falando de Jairo – significa também ter a coragem de renunciar a alguma coisa, sabendo que cada pequeno «não» faz parte do grande «sim» que estamos a dizer-Lhe. Deixar Cristo entrar na nossa vida significa dedicar-Lhe tempo, por exemplo, através da oração em família, do *Angelus* rezado de manhã com os filhos, com a mulher ou com o marido; rezar uma dezena do Terço quando se consegue, à noite, antes de ir para a cama; ajudar-se mutuamente a fazer a Escola de Comunidade.

O que nos acontece quando ouvimos falar de Jesus? Acontece o que aconteceu aos discípulos de Emaús quando, caminhando com Ele, sentiram que, pouco a pouco, o coração lhes «ardia» no peito.¹⁹⁰ Falar de Jesus, ler o Evangelho, pegar-lhe, ajuda-nos a reconhecer aqueles «traços inconfundíveis» da Sua pessoa,¹⁹¹ de que Giussani nos falava sempre. «Olhar para o rosto de Cristo»:¹⁹² era a isso que ele nos convidava, em particular durante a Semana Santa. Bem, precisamos de recuperar a

¹⁸⁹ Cf. L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit., p. 183.

¹⁹⁰ Cf. Lc 24,32.

¹⁹¹ L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, op. cit., pp. 148 e 173.

¹⁹² L. Giussani, *É possível viver assim?*, Vol II, Esperança, op. cit., pp. 106-107.

relação com Ele. Ler o Evangelho, como Giussani nos ensinou a fazer, não é espiritualismo: aliás, é o que há de mais carnal e concreto, porque nos ajuda a fazer memória de como O conhecemos na nossa vida e a reconhecê-Lo presente aqui e agora.

Além disso, é preciso deixar entrar na nossa vida a concretude da Sua presença hoje, ou seja, a companhia, a Fraternidade, os grupos. Isto significa também deixar entrar o juízo que o movimento, a Fraternidade, os teus amigos têm sobre a tua vida. A amizade e a oração, como dizia Giussani no texto retirado de *Un volto nella storia. Il compito della Chiesa nel mondo (1969-1970)* que citámos,¹⁹³ são os dois fatores que não podem faltar na nossa comunidade, são as duas asas da memória, sem as quais a memória dá lugar ao esquecimento e a familiaridade com Cristo dá lugar à nossa estranheza em relação a Ele.

Frigerio. A segunda pergunta é para o Davide e diz respeito ao tema da amizade entre nós e da sua ligação com a nossa relação pessoal com Cristo.

«Mas será que eu acredito profundamente que a nossa comunhão é precisamente a carne de Cristo que nos envolve e nos faz companhia? Resta-me uma última resistência que, precisamente, não me permite olhar com esta reverência para a nossa amizade e não me permite dar tudo com alegria. Diz-se ainda que a forma como Cristo se torna contemporâneo é a nossa amizade e que, se não vivêssemos com a consciência de que Ele está entre nós, as relações se degradariam e tudo se tornaria insuportável. Vejo isso como algo muito verdadeiro, mas percebo que a aposta é alta. Esta radicalidade assusta um pouco. Podes aprofundar isto? A nossa comunhão é decisiva para dizer sim ao Senhor em todas as circunstâncias; a tentação, pelo contrário, é o intimismo ou o protestantismo. Podes ajudar-nos?»

Prosperi. No final da segunda meditação, vimos o vídeo da entrevista à mãe do Marco Gallo, em que aparece a imagem da parede onde ele escreveu: «Por que procurais entre os mortos aquele que está vivo?». Esta

¹⁹³ Ver aqui, p. 61.

é a frase dirigida às mulheres que se aproximavam do túmulo vazio,¹⁹⁴ e suscita imediatamente outra pergunta: «Se não está entre os mortos, se está vivo, onde está?». De certa forma, este é o cerne do nosso carisma, como diz *don* Giussani: «A essência do nosso carisma, quer dizer, a essência da forma como nós sentimos a fé cristã», identifica-se na expressão «o encontro com Jesus Cristo é um acontecimento contemporâneo», ou seja, é um encontro hoje, acontece aqui e agora, porque – comenta ele – «se Cristo não fosse um acontecimento contemporâneo, não seria Deus»,¹⁹⁵ e seria relegado para fora da história.

Estamos aqui para participar nos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação: isso implica uma decisão da nossa pessoa, da nossa vida, em reconhecer que este carisma é a forma privilegiada com que nós somos chamados e ajudados a viver a fé.

Todos nós estamos aqui porque tivemos um encontro, que não é um encontro genérico: encontrámos Cristo. A Igreja é, de facto, o método que Cristo escolheu para permanecer na história e nós deparamo-nos com ela através das diversas formas como ela nos alcança. Este é um aspeto que me convence, ou seja, o facto de que o Mistério alcança cada um de nós de uma forma pessoal, que não é idêntica para todos. A mim, por exemplo, aconteceu-me perder o meu pai quando era pequeno; a minha mãe teve de procurar um emprego (na altura não trabalhava) e encontrou-o numa escola, a primeira criada por iniciativa de algumas famílias do movimento; por isso, eu encontrei a experiência do movimento através da minha professora, através da escola, através dos amigos com quem andava na escola e das suas famílias e, mais tarde, ao crescer, através das relações tecidas no seio de uma história. Por isso, quando ouço dizer que não se deve mandar os filhos para escolas ligadas de alguma forma à nossa experiência, porque seriam doutrinados, penso sempre na minha história e digo: «Bem...». Através da participação neste fluxo de vida, com o tempo começou a ficar claro o que me tinha acontecido: não houve mais nenhum dia em que não tenha pensado n'Ele. Olhando para trás, para toda a minha vida, tenho de admitir que é assim.

Aquilo que encontramos não é uma presença genérica, mas é «uma presença carregada de proposta, carregada de sentido para a vida»,¹⁹⁶ ou

¹⁹⁴ Cf. Lc 24,1-9.

¹⁹⁵ L. Giussani, *L'avvenimento cristiano. Uomo Chiesa Mondo*, BUR, Milão 2003, p. 51.

¹⁹⁶ L. Giussani, *Uma revolução de si. A vida como comunhão (1968-1970)*, op. cit., p. 40.

seja, uma proposta que abrange todos os aspetos do nosso quotidiano. Tal como aconteceu com aqueles que O encontraram primeiro, também nós perguntamos: «Mestre, onde moras?».¹⁹⁷ E a Sua resposta continua a ser a mesma. É a resposta que nós recebemos, ao encontrar esta companhia: «Vinde e vede».¹⁹⁸ É um facto, não um raciocínio. Ter aceitado ficar aqui inseriu-nos numa história: esta nossa história.

Cristo não é uma imaginação. É um encontro que gerou – como ouvimos nestes dias – uma vida nova. E é esta vida nova que nos confirma e nos torna certos, existencialmente certos, de que é precisamente Cristo aquele que encontrámos através de traços, de traços humanos: podemos afirmá-lo porque este encontro começou a mudar tudo, a transfigurar tudo na nossa vida. Por isso, não podemos passar um dia sem pensarmos n'Ele.

Mas com o tempo, com o passar dos anos, com as situações que mudam, talvez com as decepções que ocorrem até mesmo dentro da comunidade, mesmo nas relações mais queridas que temos, como é que se faz para não «perder o amor», como dizia a canção de Sanremo? A resposta tem a ver com a fé, com o facto de que nosso reconhecimento da Sua presença se tornar parte de nós, dentro desse sinal frágil que nós somos, que a companhia é.

Mas para nós, como se vive a fé? Exatamente como aconteceu com os primeiros. Estando com Ele, a certa altura, começaram a perguntar: «Mas quem és Tu?». Uma pergunta paradoxal, porque O conheciam bem. Mas tal era a excepcionalidade do comportamento de Jesus que o que sabiam sobre Ele não bastava para O definir. Quando Jesus lhes dirige a pergunta: «E vós, quem dizeis que eu sou?», Pedro respondeu de imediato: «Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo».¹⁹⁹ Provavelmente – diz Giussani – ele repetia, «mesmo sem compreender totalmente o significado, uma coisa que tinha ouvido o próprio Jesus dizer». Por que o repetia? Porque a convivência com Jesus tinha feito nascer nele e naquele grupinho de amigos uma certeza sem igual sobre aquele homem: «Se não posso confiar neste homem, não posso sequer confiar em mim».²⁰⁰ Era uma resposta que Pedro não saberia ter dado sozinho. E, com

¹⁹⁷ Cf. Jo 1,38.

¹⁹⁸ Jo 1,39.

¹⁹⁹ Mt 16,16.

²⁰⁰ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 92.

efeito, logo a seguir Jesus chama-lhe «feliz», porque não encontrou por si aquela resposta, mas o Pai que lhe sugeriu. Era uma resposta que ultrapassava as capacidades da sua razão, mas era a única que explicava o que viam.

O mesmo se passa connosco, perante a realidade humana em que Cristo se torna presente. «Mas como é que dizem que aqui está Cristo, que entre vós está Cristo, que entre as dez mil pessoas aqui presentes está Cristo?! Eu vejo apenas rostos humanos, nada mais.» Não somos “nós” – tu, eu, pela nossa capacidade de inteligência – a dizer que «entre nós está Cristo»: é a Igreja que diz isto de si mesma, respondendo hoje à pergunta que foi de Pedro e dos outros e que se tornou nossa: «Mas quem és tu?». Ou seja, nos termos em que se coloca para nós: «Qual é a origem desta companhia na qual comecei a descobrir-me verdadeiramente, autenticamente, eu mesmo?». É a partir daí, é a partir desta pergunta que surgiu para nós, concretamente, o problema da fé. Não se tratou de um esforço de imaginação, mas da experiência de um encontro, que despertou um espanto, por uma correspondência que acreditávamos impossível; um espanto que se tornou uma pergunta insuportável: «Mas como é que conseguem ser assim?». A nossa liberdade joga-se perante a resposta que a tradição viva da Igreja nos oferece a esta pergunta (são as palavras de Jesus): «Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles»;²⁰¹ «Somos assim porque Cristo está entre nós». Permanecer na companhia que fez surgir a pergunta, permanecer nesta história de graça como mendicantes, é a maior ajuda para nos abrimos à resposta.

Frigerio. A terceira pergunta, para o padre Lele, é sobre o tema da filiação e da paternidade.

«Podes ajudar-nos a perceber a necessidade de chegar ao Pai? Há uma evidência natural em sermos filhos dos nossos pais. Tu disseste-nos que somos chamados a viver uma filiação mais profunda e radical. Como surpreender na experiência esta filiação? O que quer dizer que ninguém pode ser pai como Deus? Podes dar-nos alguns esclarecimentos sobre a paternidade de Deus?»

²⁰¹ Mt 18,20.

Silanos. Em primeiro lugar, quem são o nosso pai e a nossa mãe naturais? Já contei muitas vezes a cena do filme *Gifted – Mente brilhante*. A protagonista é uma menina que é um génio da matemática, cujo pai desapareceu logo da sua vida, pelo que ela nunca o conheceu, enquanto a sua mãe se suicidou quando ela tinha um ano. Esta menina foi criada pelo tio, que vive sozinho e cuida dela. Um dia, ela pergunta ao tio: «Mas o que é que aconteceu quando eu nasci?». Nessa altura, há uma cena muito bonita, que acho verdadeiramente comovente, em que o tio a leva até um bloco de partos para ela ver o que acontece quando nascem as crianças. Ela vê que estão lá o pai e os outros familiares da mãe que está a dar à luz, os quais, assim que chega a notícia do nascimento do bebé, começam a gritar, a festejar, a abraçar-se. Então, também ela percebe e pergunta ao tio: «Mas quando eu nasci, quem estava aqui?». E ele responde: «Estava eu.» «E tu também estavas feliz?» «Claro, estava muito feliz.» Então a menina pede para poder esperar também pelo anúncio seguinte e começa a regozijar-se e a exultar também ela, juntamente com os familiares do recém-nascido, mesmo que não os conheça e eles não saibam de todo quem ela é.²⁰²

Pois bem, o pai e a mãe são aqueles que te dizem que é bom que estejas aqui, que é bom que tenhas nascido; são aqueles que afirmam a positividade da tua existência, que estão felizes por existires, que te acolheram; para aquela menina, tinha sido o tio. O pai e a mãe biológicos são, antes de mais nada, aqueles que afirmam a positividade do nosso estar, que fazem eco do que diz o profeta Isaías: «És precioso aos meus olhos».²⁰³ Na realidade, eles são apenas um sinal d'Aquele que nos quis tal como somos, porque eles acolheram-nos, desejaram-nos, mas não podiam pensar em nós tal como somos. Só Deus, de facto, nos conhece no mais profundo e nos chamou pelo nome desde o início.

É o que Anna Vercors diz a Violaine, n'*A Anunciação a Maria*: «Minha filha, conhece o teu pai! O amor do Pai não pede restituição e o filho não precisa de o ganhar ou de o merecer. [...] Conhece somente, minha filha, que eu sou o teu pai».²⁰⁴ É a afirmação de um amor paterno consciente do seu próprio limite, como me escreveu uma amiga de Tu-

²⁰² *Gifted – Mente brilhante* (*Gifted*, EUA 2017), realização de Marc Webb.

²⁰³ Is 43,4.

²⁰⁴ P. Claudel, *A Anunciação a Maria*, (Trad. de Sophia de Mello Breyner Andresen), Lucerna, Cascais 2006, p.63.

rim: «Eu quase não conseguia cantar *My Father sings to me*, porque era precisamente afirmar que Ele me está a dizer que eu existo – “*He sings my existence*” –, que me salva apesar de tudo». Só Deus te pode dar a certeza de que és amada e salva. E o eu de cada um de nós só encontra paz quando reconhece na própria vida aquela voz que nos tirou do nada, como diz a canção citada.

É a experiência da vocação, a certeza de ter sido desejado e chamado à vida com uma missão. O nada – chegaram outras perguntas, muitas, sobre este tema – atrai-nos quando perdemos a ligação com Aquele que nos tirou do nada, com o Pai que nos chamou à vida. O que vence a atração do nada é a memória do Pai que nos chama pelo nome. É por isso que é tão comovente o encontro de Jesus com Maria Madalena junto ao sepulcro; o momento em que ela volta a viver é quando Jesus a chama pelo nome: «Maria!». ²⁰⁵ A ressurreição de Cristo coincide com o nosso renascimento, como dizia a criança de quem vos falei: «Dizes-me quando renascestes?».

Há um momento para nós, há uma experiência concreta, que podemos viver todos os dias, deste renascimento que só Deus Pai nos pode assegurar. É a experiência da misericórdia, a do Pai misericordioso a quem nos referimos durante as meditações. É aqui, na experiência do abraço misericordioso de Deus, que vivemos plenamente a paternidade de cristã. Lembro-me do que dizia um meu confrade, o padre Nicolò, que trabalha numa prisão juvenil em Casal del Marmo; ele costumava usar esta expressão: «Os jovens com quem estou precisam todos de ser perdoados pelo simples facto de existirem, porque estão aqui». É por isso que é importante ter um capelão numa prisão, mesmo que todos pertençam a outras religiões: porque ele os lembra de que existe uma paternidade maior que os abraça e os perdoo.

Frigerio. Pedimos agora ao Davide que aprofunde a ligação entre pertença e liberdade.

«Como se definem as características da criatura nova? Em que difere o conceito de liberdade, de que falámos nestes dias, do conceito de liberdade comumente entendido (ausência de amarras, novos direitos,

²⁰⁵ Jo 20,16.

etc.)? Como é que, na experiência, me apercebo de que a dependência original é reduzida a uma integração na comunidade? Ouvimos dizer que os filhos são livres; podes, por favor, aprofundar o que significa que da filiação deriva imediata e diretamente a liberdade?»

Prosperi. Eu partiria desta última questão, porque muitas das perguntas que lemos incidiram precisamente sobre esta reflexão que o Lele fez, quando afirmou que a liberdade é a característica dos filhos, da criatura nova. Ele falou de uma «liberdade “libertada”», ou seja, libertada da chantagem do próprio limite, da própria insuficiência; uma liberdade que se realiza na dependência de Deus, com uma aproximação entre duas palavras que parecem contrárias. No jargão moderno, a palavra «dependência» é certamente uma palavra que tem uma conotação sobretudo negativa devido aos riscos que por vezes acarreta, pelo que é preciso libertar-se das dependências (sem dúvida que há dependências que devem ser tratadas, por exemplo, a dependência de substâncias nocivas ou de relações “tóxicas”): não depender de ninguém tornou-se quase um “ideal”.

N’ *O sentido religioso*, don Giussani usa uma fórmula muito eficaz: «Aqui reside o paradoxo: a liberdade é a dependência de Deus».²⁰⁶ É na dependência de Deus, de facto, que somos livres de todas as outras dependências. Ora, é *nesta* dependência, vivida concretamente na nossa vida, que é possível uma experiência de liberdade: se, portanto, nós aceitamos depender, não é por um preço a pagar, mas por um ganho, por uma vantagem profunda. De qualquer forma, não há alternativa, não se pode deixar de depender: ou dependemos de Deus ou, como diz don Giussani algumas linhas mais adiante, dependemos do fluxo dos nossos antecedentes e somos escravos do poder.

Na perspetiva desse «ideal» de independência, hoje difundem-se cada vez mais as filosofias e práticas orientais, que pretendem precisamente responder à «necessidade» de não depender das paixões, que fatalmente nos ligam aos outros, para podermos ser verdadeiramente livres, a salvo dos sofrimentos que derivam do fim das relações, da perda de pessoas queridas. Lemos, por exemplo, no *Dhammapada*: «Do afeto nasce a dor, do afeto nasce o medo. Para quem está livre do afeto, não

²⁰⁶ L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 136.

há dor: como poderia haver medo?».²⁰⁷ O cristianismo, por outro lado, oferece uma resposta diferente. Encontramo-la no trecho do Evangelho – ao qual Lele se referiu anteriormente – sobre a ressurreição de Lázaro. Permitam-me lê-lo rapidamente: «Estava doente um homem chamado Lázaro, de Betânia, terra de Maria e de Marta, sua irmã. Maria, cujo irmão, Lázaro, tinha caído doente, era aquela que ungiu os pés do Senhor com perfume e lhos enxugou com os seus cabelos. Então, as irmãs enviaram a Jesus este recado: “Senhor, aquele que amas está doente”. Ouvindo isto, Jesus disse: “Esta doença não é de morte, mas sim para a glória de Deus, manifestando-se por ela a glória do Filho de Deus”. Jesus era muito amigo de Marta, da sua irmã e de Lázaro. Mas, quando recebeu a notícia de que este estava doente, ainda se demorou dois dias no lugar onde se encontrava. Só depois é que disse aos discípulos: “Vamos outra vez para a Judeia!”. Disseram-lhe os discípulos: “Rabi, há pouco os judeus procuravam apedrejar-te, e Tu queres ir outra vez para lá?”. Jesus respondeu: “Não tem doze horas o dia? Se alguém anda de dia, não tropeça, porque tem a luz deste mundo. Mas, se andar de noite, tropeça, porque não tem a luz com ele”. Depois de ter pronunciado estas palavras, acrescentou: “O nosso amigo Lázaro está a dormir, mas Eu vou lá acordá-lo”. Os discípulos disseram então: “Senhor, se ele dorme, vai curar-se!”. Mas Jesus tinha falado da sua morte; ao passo que eles julgavam que falava do sono natural. Então, Jesus disse-lhes claramente: “Lázaro morreu; e Eu, por amor de vós, estou contente por não ter estado lá, para assim poderdes crer. Mas vamos ter com ele!”. Tomé, chamado gémeo, disse aos companheiros: “Vamos nós também, para morrermos com Ele!”. Ao chegar, Jesus encontrou-o sepultado havia quatro dias. Betânia ficava perto de Jerusalém, a quase uma légua, e muitos judeus tinham ido visitar Marta e Maria para lhes darem os pêsames pelo seu irmão. Logo que Marta ouviu dizer que Jesus estava a chegar, saiu a recebê-lo, enquanto Maria ficou sentada em casa. Marta disse, então, a Jesus: “Senhor, se Tu cá estivesses, o meu irmão não teria morrido. Mas, ainda agora, eu sei que tudo o que pedires a Deus, Ele to concederá”. Disse-lhe Jesus: “Teu irmão ressuscitará”. Marta respondeu-lhe: “Eu sei que ele há-de ressuscitar na ressurreição do último dia”. Disse-lhe Jesus: “Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem crê

²⁰⁷ Cf. *Dhammapada*, vv. 212–216.

em mim, mesmo que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá para sempre. Crês nisto?”. Ela respondeu-lhe: “Sim, ó Senhor; eu creio que Tu és o Cristo, o Filho de Deus que havia de vir ao mundo”». ²⁰⁸

Por isso desejamos viver a dependência d’Ele: para que tudo o que amamos não morra, não acabe, para não perdermos nada de tudo o que nos é dado e a que nos afeiçãoamos. É exatamente o oposto da mentalidade comum: para nós, a liberdade é vivificada na pertença. Àquele que nos faz e que veio ao nosso encontro, não é oposta à pertença. É preciso, porém, conceber a liberdade pelo que ela é, isto é, como possibilidade e responsabilidade de cumprir o próprio destino, não a reduzindo à possibilidade de fazer o que queremos. No segundo caso, a liberdade, como dizia no domingo passado, torna-se um recinto, no interior do qual se deixa entrar o que se quer. Muitas vezes, como sabemos, também nós nos encontramos aprisionados nesta ideia de liberdade como ausência de laços, como autonomia, enredados no mesmo individualismo próprio da mentalidade em que estamos imersos.

O que vence a nossa resistência à pertença, “sustentada” pela mentalidade que o poder promove? A maior ajuda é que o início se repita, porque no início sentimo-nos livres; naquele encontro com Cristo que nos trouxe aqui nestes dias, começamos a sentir-nos verdadeiramente livres. É o que se dizia antes: é preciso aprofundar o espanto, ou seja, que o fascínio domine a resistência. Ora, que o início se renove não é fruto de um esforço nosso; mas há uma coisa que depende de nós: *permanecer* com toda a nossa sede no lugar onde Cristo se torna presente, nos acompanha e sempre nos surpreende através do testemunho de um ou de outro. Isso, de facto, nunca falta. Se, pelo contrário, começarmos a avaliar: «Isto agrada-me, isto não me agrada», então começamos a distanciar-nos. No início, porém, seguimos, porque nada jamais tinha correspondido aos desejos profundos do coração como o encontro com o movimento, isto é, com Cristo. A resistência começa a alimentar-se quando nos ancoramos na medida do que já compreendemos ou sentimos, pelo que comparamos tudo não com o coração, verificando assim verdadeiramente a correspondência com o nosso destino, mas sim com o que compreendemos ou sentimos.

²⁰⁸ Jo 11,3-27.

Então, a liberdade das nossas imagens e das nossas medidas, que são precisamente as que nos impedem de saborear a vida de Cristo no movimento, reconquista-se na simplicidade do seguir, tal como foi no início, verificando pelos frutos na nossa vida e à nossa volta a bondade do que nos é proposto.

Frigerio. Um tema que tocou muitos é o da santidade, da totalidade em relação ao chamamento à missão; por isso, decidimos reunir quatro pontos nesta última pergunta para ti, padre Lele.

«É possível aspirar à santidade no quotidiano da vida? Existencialmente, o que significa dar a totalidade? Devo dar tudo? Como é que esta proliferação de experiências de santidade no movimento pode tornar-se uma ajuda para a nossa vida pessoal e, portanto, para o nosso caminho de santidade e o das nossas comunidades? Para os leigos que estão empenhados com a sua família, com o seu trabalho, talvez com uma obra social, como é possível e o que significa ser missionário?»

Silanos. Nas primeiras páginas do livro *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, que o Davide já tinha retomado nos Exercícios do ano passado, na resposta a uma pergunta precisamente sobre os grupos de Fraternidade, don Giussani explica a razão pela qual teve a intuição da Fraternidade.²⁰⁹ Aconselho-vos a relê-las. Ali percebe-se que a Fraternidade nasce com o objetivo de ajudar cada um de nós a percorrer o próprio caminho para a santidade. Portanto, a santidade é a vocação de cada um de nós.

De facto, nós chamamos santos e beatos aos que são elevados aos altares, mas «santos», como sabemos, é também o nome com que os primeiros cristãos se chamavam entre si, enquanto a palavra «beatos», como se viu, descreve no Sermão da Montanha de Jesus aquilo a que estamos destinados.²¹⁰ Portanto, santos e beatos são dois termos que indicam o que já somos, ou – melhor – a identidade que somos chamados a realizar. Ora, o facto de entre nós haver alguns a quem a Igreja

²⁰⁹ Cf. L. Giussani, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, op. cit., pp. 9-12.

²¹⁰ Mt 5,3-12. Ver aqui, p. 52.

está a olhar de forma particular – entendamo-nos bem: ainda não foram declarados santos, isto deve ficar claro! –, é um apelo a cada um de nós.

Durante um jantar com alguns amigos, falávamos precisamente deste tema. A Irmã Rachele dizia: «Entre nós há pessoas que poderiam ser apontadas como santas, o que significa que também eu, que cada um de nós, pode fazer este caminho, e também o da missão, do martírio. Para cada um de nós é possível dar tudo». E é possível dar tudo, deixar tudo, se reconhecermos que já recebemos tudo, ou seja, a Ele!

O Padre Lepori dizia-nos que estes exemplos – como o Marco, o Enzo, o Andrea – são um fator de unidade incontestável e mais poderoso do que tudo. É um apelo à bondade da nossa experiência que vem diretamente de Deus: é a certeza de que o movimento é um caminho para a santidade. Olhando para eles, fica claro que a santidade não é uma perfeição, mas é uma disponibilidade para sermos continuamente recriados.

No mesmo jantar, um amigo de Bolonha, o Berna, recordava-nos que o Piccinini se levantava de manhã com o desejo de ser continuamente corrigido. A santidade, portanto, não é um moralismo, mas baseia-se na verdadeira moralidade, ou seja, na tensão de viver cada instante em relação com Cristo que te ama e te perdoa, como viveu Pedro após o seu diálogo com Jesus ressuscitado junto ao lago de Tiberíades. Esta é também a origem da missão: na medida em que participamos na vida de Cristo, que é o enviado do Pai, também nós somos enviados pelo Pai, como nos dizia Davide na Jornada de Início do Ano de 2024.²¹¹ É por isso que a missão está sempre ligada à filiação, ao facto de sermos filhos, de reconhecer que há alguém que nos chama e que nos envia. O padre Massimo sempre nos disse que quem é amado não tem medo nem de ir ao lugar mais distante do mundo.

A missão nasce, portanto, da certeza de uma pertença. Recordemos o que dissemos: o sujeito da missão nunca sou eu sozinho, é sempre uma comunhão que vivo, mesmo que vá sozinho para o Burundi. Diz don Giussani em *Un volto nella storia*: «É preciso acreditar, dar crédito, dar espaço ao acontecimento de Cristo na nossa vida, dar espaço à comunhão, que é como um momento em que alguém morre na urgência das coisas já vistas segundo o seu próprio juízo humano e terreno. Para

²¹¹ Cf. D. Prosperi, «Chamados, isto é, enviados: o início da missão», *por.clonline.org*

que o cristão cumpra a sua missão, é necessário que tenha o seu rosto no mundo. É esta a missão: ter o seu rosto no mundo, que é o rosto da comunidade vivida, que é o rosto da Igreja vivida».²¹² Se uma pessoa tem a certeza da sua pertença, como uma criança que tem a certeza de pertencer ao pai, então já não tem medo de nada, está disposto a deixar tudo e a encontrar qualquer pessoa, até à disponibilidade última do martírio. Há dois anos, ao apresentar no Meeting a exposição de Franz e Franziska, ouvi vários pais de família que, no final da visita, me diziam comovidos: «Sempre me preocupei em proporcionar bem-estar aos meus filhos, que estudassem nas escolas certas, que fossem para a universidade, que tivessem uma vida confortável. Mas, na realidade, o que realmente importa é que eu saiba comunicar-lhes pelo que vale a pena viver, pelo que vale a pena dar a vida».

Frigerio. A última pergunta para o Davide, na sequência do que o padre Lele acabou de dizer, é sobre o tema do testemunho público e do juízo.

«O mundo acreditará se vir a nossa unidade. Mas como salvar este bem com a liberdade de escolha, de crítica, de procurar algo diferente daquilo que a nossa unidade estabelece? Na dimensão cultural, falou-se de testemunho público, de tornar Cristo presente em todos os ambientes, suscitando nos outros o desejo de pertença. Mas como é que isto é possível num mundo em que a verdade é posta de lado? E de que forma é que isto tem a ver com a comunhão e a unidade, quando no trabalho estás fisicamente sozinho?»

Prosperi. Estas são questões decisivas que surgem continuamente. Recentemente, surgiram quando o movimento assumiu uma determinada posição sobre o referendo constitucional: isso suscitou muitas discussões entre nós, que, no fim de contas, são úteis para nos ajudar a esclarecer a própria natureza do movimento, como ficou evidente durante a última Diaconia da região da Lombardia, cujas notas publicaremos no site, e que vos convido a consultar.²¹³ No site, republicámos também um

²¹² L. Giussani, *Un volto nella storia. Il compito della Chiesa nel mondo (1969-1970)*, op. cit., p. 39.

²¹³ D. Prosperi, «Tendencialmente unidos como génese de juízo e como ação», op. cit.

excerto de uma Equipe do CLU em que *don* Giussani indica duas posições possíveis que surgiram no contexto das experiências eclesiais dos anos setenta e oitenta, mas que se aplicam também ao presente. A primeira «é definida por uma separação profunda entre fé e vida concreta, vida terrena». A fé pertence ao além da história, enquanto neste mundo «ela é um problema absolutamente pessoal e subjetivo». Segundo esta concepção, o cristianismo, do ponto de vista cultural, social e político, não deve mostrar-se nem fazer-se sentir como tal. Giussani respeita esta abordagem, mas considera que deve ser respeitada e acolhida também outra abordagem – a sua, a nossa –, diferente da primeira: «Para nós, pelo contrário, o facto de Deus se ter feito homem envolve a totalidade do humano». E acrescenta: «Se o meu sujeito é renovado pelo impacto com Cristo no Batismo, [...] não posso deixar de ter outra visão, ou seja, não posso deixar de ter uma visão das coisas, um sentimento da realidade e uma atitude face à realidade que, de alguma forma, tem de ser diferente».²¹⁴ Uma vez que Cristo está presente, segui-Lo muda a forma como, todos os dias, vejo e vivo a realidade que tenho de viver, e isso repercute-se também nas escolhas contingentes, que podem influenciar a vida da sociedade em que vivemos, como no caso do referendo.

A primeira pergunta dizia: «O mundo acreditará se vir a nossa unidade. Mas como salvaguardar este bem com a liberdade de escolha, de crítica, de procurar algo diferente daquilo que estabelece a nossa unidade?». Desculpem, mas não me parece que estejamos a correr o risco de não ter liberdade de escolha, liberdade de criticar as orientações que vêm do movimento: temos muitos exemplos disso. Creio que a verdadeira questão é, antes, deixarmo-nos provocar, interpelar, questionar pelo que diz Jesus, quando, durante a Última Ceia, reza ao Pai para que os seus discípulos «sejam um só», e isto «para que o mundo creia que tu me enviaste».²¹⁵

No que diz respeito à ligação que estabeleceste entre testemunho público e juízo, gostaria de abordar o assunto acrescentando mais duas palavras (todos estes temas estão interligados, mas na maioria das vezes consideramo-los opostos ou desligados); gostaria de falar de «diálogo» – que é certamente fundamental na experiência cristã – e depois

²¹⁴ L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, BUR, Milão 2010, pp. 422-423.

²¹⁵ Jo 17,21.

de «martírio», de que falámos nestes dias e que pode revelar-se uma questão um pouco difícil de digerir.

Partamos do «juízo». A fé, diz-nos Giussani, tem a ver com tudo, é um ponto de vista original sobre tudo.²¹⁶ Perante os mesmos factos, podemos ver coisas diferentes. Na ligação viva com o acontecimento de Cristo, somos ajudados a ver a realidade tal como ela é, isto é – por assim dizer – na sua “tridimensionalidade”, no seu “horizonte último”, como “sinal”, e não apenas na sua superfície.

Para Giussani, o cristianismo não é, antes de mais nada, um código moral ou um sentimento privado, como nos lembrou o Lele na sua Introdução, mas é um acontecimento que gera um novo juízo sobre a vida e sobre o mundo. É este, portanto, o primeiro ponto em que se verifica a fé, isto é, no juízo sobre tudo o que acontece, sobre as circunstâncias pessoais e sobre as circunstâncias do mundo; aqui mostra-se o quanto Cristo incide, como facto presente, na minha vida. Por isso, Giussani insistiu, desde os primeiros anos da experiência da GS, na necessidade de o cristão não se deixar determinar pelo ambiente em que vive, mas de examinar tudo criticamente, ou seja, verificando, o juízo que nasce da nossa comunhão no impacto com a realidade. Sem um juízo, de facto, a fé torna-se inevitavelmente uma devoção intimista e a pessoa torna-se uma presa do poder cultural dominante.²¹⁷ Em *O sentido religioso*, Giussani diz que «julgar: é o início da libertação».²¹⁸ E em *Gerar rasto* observa que «não fazer juízos sobre os acontecimentos é mortificar a fé».²¹⁹

A fé tem relevância histórica, por isso a dimensão pública é intrínseca ao testemunho do cristão («Diante de todos», diz o capítulo sexto da Escola de Comunidade).²²⁰ Neste sentido, o juízo não se resume a uma frase dita, a uma definição dada, a uma tomada de posição, mas é a própria vida do cristão: ou seja, o juízo é, antes de mais nada, uma presença. Vemo-lo também pelo lado – digamos assim – “negativo”, quando (mesmo nos grupos da Fraternidade) vivemos algo que nos perturba ou nos colo-

²¹⁶ Cf. L. Giussani, *Un volto nella storia. Il compito della Chiesa nel mondo (1969-1970)*, op. cit., pp. 112-117 e Id., *Uma revolução de si. A vida como comunhão (1968-1970)*, op. cit., pp. 117-120.

²¹⁷ Cf. L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, Tenacitas, Coimbra 2007.

²¹⁸ L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 32.

²¹⁹ L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p. 84.

²²⁰ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., pp. 81-82.

ca em crise: a nossa reação, por vezes, é cortar relações com os nossos amigos, afastá-los ou afastarmo-nos, porque, mesmo que não nos digam nada de explícito, mesmo que não nos critiquem, mesmo que não nos julguem com palavras, sentimos, de qualquer forma, a própria presença deles como um julgamento, que nos remete para o propósito pelo qual estamos juntos, que contesta a nossa redução ao enfrentar o problema.

Se a fé tem a ver com a vida, então tem a ver com a escola, o trabalho, os afetos, a política, a cultura, as relações sociais, tudo.

Nestes anos, estamos a aprofundar o âmbito da cultura porque queremos verificar a fundo até onde chega a fé, por exemplo, mostrando como, nas obras e na vida comum, a fé nos torna mais humanos. As obras são um juízo: pela forma como se vive, pela forma como se constrói a obra, percebe-se qual é a origem do nosso juízo, da nossa iniciativa sobre a realidade, mesmo que seja apenas, por exemplo, pela abertura à ajuda dos outros, à correção, porque não somos perfeitos.

Como é que isto se relaciona com o «diálogo»? Esta é outra pergunta que surgiu frequentemente. É como se percebêssemos o que dissemos até agora como uma objeção ao diálogo. Parece-me que isto deriva de uma conceção esvaziada, relativista, do diálogo. Para Giussani, o verdadeiro diálogo nasce se houver uma identidade viva, não da sua suspensão: só dialoga verdadeiramente quem possui algo a dizer, a comunicar e, ao mesmo tempo, reconhece o valor do outro. São necessários ambos os fatores, porque se faltar o primeiro, se faltar a consciência da própria identidade, da própria história, da própria tradição, daquilo de onde viemos, a que pertencemos, inevitavelmente tornamo-nos presas do relativismo, das posições dominantes; mas se faltar o segundo fator – o reconhecimento do valor do outro – tornamo-nos ideológicos.²²¹ Por isso, são necessárias ambas as coisas, em conjunto: a certeza da própria experiência e a estima autêntica pela liberdade alheia.

Por fim, uma breve referência ao tema do martírio. A forma extrema de testemunho, como sugere a etimologia da palavra, é o martírio, que pode chegar até ao derramamento de sangue, como hoje, infelizmente, acontece com mais frequência do que nunca em todo o mundo. No entanto, o martírio não é, de forma alguma, uma busca pela perseguição, nem coincide com o derramamento de sangue. O que aprendi na Igreja

²²¹ Cf. L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, op. cit., pp. 170-171.

e no movimento, ao longo de toda a nossa história, olhando tanto para os santos canonizados como para as testemunhas que estão entre nós, homens com quem nos cruzamos na vida quotidiana, é que o verdadeiro martírio se identifica com uma característica, que é preferir Cristo acima de tudo, acima de tudo e perante todos. Isto é o martírio, mesmo quando custa a reputação, mesmo quando custa a marginalização, mesmo quando custa a carreira ou, precisamente, a própria vida. Não se trata de menosprezar a importância destas coisas, mas sim de preferir Cristo, aquilo que Cristo me pede agora. O mártir, a testemunha “definitiva”, demonstra que Cristo vale mais do que o sucesso e o consenso, e isto interpela-nos todos os dias, não há necessidade de ir para terras de perseguição.

Nesta altura, poder-se-ia perguntar: está bem, mas se o juízo novo, se tudo o que dissemos se dá numa experiência vivida de comunhão, se é na experiência de uma comunidade que se aprende a viver assim, como é que se faz então (é uma pergunta recorrente) quando se está sozinho? Esta é uma condição que se pode experimentar aqui, no quotidiano do trabalho, ou se se vive num lugar do mundo onde se é o único membro do movimento ou mesmo o único cristão. Giussani sempre foi claro sobre isto: a comunhão não é apenas estar materialmente juntos, encontrar-se juntos, formar um grupo, mas é uma dimensão profunda da pessoa, que determina cada gesto; mesmo quando alguém se encontra fisicamente sozinho, é determinado nos pensamentos, nas ações, nos juízos pela sua pertença a Cristo presente na comunidade.

Ao jantar, Dom Giovanni Paccosi falava do Andrea Aziani e contava-nos que ele continuava a lembrar a todos que comprassem e lessem *a Tracce*, por exemplo; era determinado em tudo pelos juízos do movimento, que para ele se tornavam uma forma de viver uma experiência que o lançava na realidade – portanto, também fora do movimento –, nos lugares onde ia, com as pessoas que ajudava, com aquela caridade sem limites de que era capaz, e não perdia uma palavra. «Leste isto na *Tracce*?», perguntava aos amigos. E Paccosi comentava: «Às vezes nós, que temos todos os dias a possibilidade desta companhia, talvez sejamos mais superficiais e não usemos os instrumentos que nos são oferecidos». Evidentemente ele – Aziani – tinha sede daquilo que vinha da nossa companhia, para poder viver a sua condição ali onde estava sozinho.

O mundo pode até excluir a verdade, mas, ainda assim, deseja-a. Esta é a certeza que nos move, em relação à segunda pergunta, a este desejo de presença, de testemunho radical. A nossa certeza não é uma ideologia, é caridade, porque aquilo que, pobres como somos, na medida em que o acolhemos, levamos connosco é aquilo que o homem – consciente ou não – de todos os tempos, de todos os lugares, espera, em última análise. Qual é, portanto, a nossa tarefa? Dar testemunho da verdade que é Cristo; o Cristo real, o Cristo que se encontra e que, na Sua presença concreta (imanente à companhia que é sinal d’Ele), introduz na nossa vida uma novidade, gera em nós um juízo novo, até fazer surgir uma cultura nova.

Nestes dias, marcados pela guerra no Irão, o Papa Leão XIV indicou-nos com palavras inequívocas que não devemos ter medo: «Eu continuo a falar com força contra a guerra, buscando promover a paz [...]. Eu não tenho medo [...]. Continuarei a falar em voz alta sobre a mensagem do Evangelho»,²²² declarou, porque a sua esperança, a nossa esperança, se apoia num Outro que venceu o mundo. É isto que nos torna livres, livres para amar o mundo mesmo quando ele nos rejeita.

²²² Leão XIV, «Durante o voo de ida para Argel, saudação aos jornalistas. Primeira etapa da viagem apostólica a África», *L’Osservatore Romano*, 13 de abril de 2026.

Homilias

Sexta-feira, 10 de abril, noite

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: At 4,1-12; Sal 117 (118); Jo 21,1-14

HOMILIA DE DOM MASSIMO CAMISASCA

BISPO EMÉRITO DE REGGIO EMILIA-GUASTALLA

O Davide Prospero disse-nos que o objetivo destes dias é conhecer e reconhecer Jesus. No Evangelho desta noite temos um testemunho, um exemplo, um relato muito significativo deste conhecer e reconhecer.

Jesus tinha dito: «Vão para a Galileia, lá me encontrarão» (cf. Mt 28,10). E eles, alguns deles, alguns apóstolos e alguns discípulos (o Evangelho cita sete, um número significativo), tinham ido para a Galileia, tinham voltado para os seus barcos, para a sua pesca. Talvez houvesse uma certa indecisão nos seus corações.

Tinham passado três anos com Jesus, mas agora perguntavam-se: «E o que será de nós? Está bem, Ele ressuscitou, encontrámo-Lo, mas o que faremos nós? Para onde iremos? Para onde nos enviará? Continuaremos todos juntos?». Pelo número presente naquela noite, tal como relatado no Evangelho, não parece. Alguns talvez tivessem ficado em Jerusalém. No entanto, um grito irrompe no meio dessa sua incerteza, e é o grito do discípulo amado: «É o Senhor!»; este grito nasce de toda a proximidade que João, mais do que os outros, tinha vivido com Jesus. «É o Senhor!», é o grito do conhecimento e do reconhecimento. Onde podemos conhecê-lo e reconhecê-lo? Numa infinidade de sinais.

O Evangelho desta noite dá-nos dois: o primeiro é a fecundidade. Quando nós, no rosto da pessoa que amamos, da pessoa com quem trabalhamos, na vida dos nossos filhos, dos nossos netos, dos nossos irmãos, dos nossos companheiros de Fraternidade, nas vicissitudes de cada dia, dizemos: «É o Senhor!», então surge uma nova fecundidade.

Aquilo que nos parecia simplesmente um acaso ou um obstáculo, torna-se um sinal de fecundidade. Eles tinham lançado a rede, não tinham pescado nada durante toda a noite e, quando o Senhor diz: «Lancem a rede do outro lado» – isto é: confiem em mim, procurem-me –, eles pescam 153 peixes (12 por 12 é igual a 144, mais 9, ou seja, 3 por 3, é o infinito que toca a terra).

O segundo sinal é belíssimo. Ele diz: «Tragam cá o peixe», mas na praia já tinha preparado peixe. Eis o sinal: o afeto de Jesus que nos precede. Ele pede-nos que participemos na sua missão, mas precede-nos dando-nos força, orientação, caminho, lugar, amigos, companhia, capacidade de enfrentar as dúvidas e as incertezas. A fecundidade e a afetividade de Jesus são o dom da Páscoa.

Sábado, 11 de abril, tarde

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: At 4,13-21; Sal 117 (118); Mc 16,9-15

HOMILIA DE DOM IVAN MAFFEIS

ARCEBISPO DE PERUGIA-CITTÀ DELLA PIEVE

A passagem do Evangelho apresentou-nos uma litania desanimadora, marcada pela «incredulidade e a dureza de coração». Dir-se-ia que de pouco serviu a corrida com que Maria Madalena anunciava o Ressuscitado «a quantos tinham estado com Ele e estavam de luto e em pranto». E nem sequer a corrida alegre dos dois de Emaús que – abandonando o jantar – voltaram sobre os seus passos para contar «o que lhes tinha acontecido pelo caminho e como Jesus se lhes dera a conhecer ao partir o pão» (Lc 24,35) mudou as coisas. O resultado foi o mesmo: os discípulos, tal como «não acreditaram» em Madalena, «também não acreditaram neles». Continuam envoltos na tristeza – subtil tentação... – que, como observa um autor do século II, é «a mãe da dúvida e do erro». «A Sexta-feira Santa tem multidões numerosas e devotas», constatava com irónica amargura o padre Mazzolari, falando de uma humanidade que – enquanto anseia pela vida – fica paralisada na morte, talvez porque a morte – ao contrário da vida – «não compromete...».

É o mistério da liberdade humana, que às vezes corre o risco de envolver também homens da Igreja naquelas “reduções” de que nos falou o padre Emmanuele: por um lado, «a tendência para relegar a figura de Cristo à esfera espiritual»; por outro, a redução moralista, que «considera Jesus como um mero modelo» a seguir. Ao longo deste percurso, resvala-se facilmente para a solidão gerada pela indiferença: «não acreditaram»; «também não acreditaram neles».

Neste cenário, o primeiro pensamento não pode deixar de ser de profundo reconhecimento pelo que nos foi dado encontrar e que nos permite reconhecermo-nos no brilho que perpassa nos olhos de Maria Madalena e no ardor que anima o coração dos dois de Emaús. Retomando as palavras do padre Emmanuele, estamos juntos para fazer memória do que nos aconteceu, para conhecer cada vez mais profundamente Cristo e pedir a Graça de nos conformarmos a Ele.

Da experiência da correspondência entre as exigências do nosso coração – partindo do nosso desejo de felicidade – e o acontecimento de Cristo, nasce a missão, aquele «*nós não podemos calar o que vimos e ouvimos*», com que Pedro e João respondem aos sacerdotes, anciãos e escribas do sinédrio. Esta liberdade é fruto do evento pascal, diante do qual se desvanece como a névoa da manhã o velho ditado de *Qohelet*, segundo o qual «Não há nada de novo debaixo do sol» (Qo 1,9): a experiência do movimento testemunha um “acontecimento” que, como *don Giussani* nos ajuda a reconhecer, é afirmação da positividade da realidade; é afirmação amorosa da realidade.

A Páscoa remete-nos para a realidade na consciência de que Ele, o Cristo, tem a ver com todos os aspetos da nossa vida, é-nos familiar no seio dos aspetos concretos do nosso quotidiano. Nós reconhecemos os sinais disso em quem acolhe a vida e acompanha o seu caminho educativo; em quem encara o trabalho com “um porquê”, logo, com paixão e responsabilidade; e em quem pratica gestos de caridade, confirmando que a vida só vale a pena se for dada.

Esta fé sustenta a vida e faz-nos Igreja, encontrada na forma particular do Movimento; torna-nos capazes de confronto e de partilha com qualquer homem que procure e que ame a verdade e a beleza; torna-nos atentos à causa da paz, na consciência da dignidade infinita de toda a vida humana e da participação num destino comum.

O que é que resolve a aparente contradição entre o facto de nos reconhecermos partícipes de um destino comum e as diferenças de que cada um de nós se sente orgulhoso portador? Diferentes como somos, será realmente possível encontrarmo-nos naquela unidade que nasce da comunhão?

Podemos encontrar um indício de resposta numa pintura, querida à nossa memória e, por isso, presente em muitas das nossas casas: apresenta a imagem de Pedro e João, as suas duas figuras inclinadas, enquanto correm juntos para o sepulcro numa paisagem iluminada pelo amanhecer do «primeiro dia depois do sábado».²²³ Nos seus olhares cheios de ansiedade e de espanto, vislumbramos a apreensão da Igreja, na qual coexistem temperamentos diferentes, diferentes expectativas e sensibilidades: há o afeto de Maria Madalena, a lentidão de Pedro, a

²²³ Eugène Burnand, *Os discípulos Pedro e João correm para o Sepulcro na manhã da Ressurreição*, 1898. Musée d'Orsay, Paris.

intuição de João... Dons espirituais diferentes para uma multiplicidade que na Igreja é possível se vivida no amor por Cristo e orientada para o bem da comunidade, num caminho eclesial que se traduz em respeito, estima, seguimento e fidelidade.

Fui reler as palavras de Giussani que acompanham um manifesto da Páscoa de há alguns anos. São estas: «*Uma humanidade nova apenas insinuada, para quem tem o olhar e o coração sinceros, torna-se visível através da companhia daqueles*» que *O reconhecem presente, Deus-connosco*. É esta «*humanidade nova apenas insinuada*» que pode despertar espanto e fascínio: encontrando uma comunidade que confessa Cristo ressuscitado e que é reforçada pela espessura de uma amizade vivida na comunhão, também o homem do nosso tempo será atraído pela beleza daquela corrida que alcança a meta com João, o discípulo amado, que – diz o Evangelho – «*Viu e acreditou*».

A partir desta experiência tudo – mesmo tudo – se torna ainda possível.

ANTES DA BÊNÇÃO

Davide Prosperi. Excelência, quero agradecer-lhe, em nome de toda a Fraternidade, por ter aceitado estar connosco neste dia dos Exercícios Espirituais. Aqui estamos na Lombardia, mas o agradecimento é de toda a Fraternidade, de toda a Itália e de todo o mundo, sobretudo por ter aceitado o pedido que lhe fizemos de assumir o encargo de Conselheiro Espiritual da Fraternidade. Dos dez mil que estamos aqui, pode dar-se o caso de que um ou dois ainda não tenham lido todos os Estatutos, por isso deixo uma palavra para dizer quem é o Conselheiro Espiritual: «O Conselheiro Espiritual vela e garante que a vida interna e as atividades educativas e apostólicas da Fraternidade estejam em conformidade com a fé, a moral e a disciplina da Igreja».²²⁴ Portanto, é uma tarefa importante, pela qual lhe agradecemos. Julgo que estar aqui connosco foi um grande presente que nos deu.

Dom Maffei. Eu é que vos agradeço! Obrigado pelo vosso acolhimento, pela vossa Fraternidade, obrigado por aquele caminho de Igreja que fazemos juntos!

²²⁴ Estatutos da Fraternidade de Comunhão e Libertação, art.º 22º; em L. Giussani, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, op. cit., p. 321.

Domingo, 12 de abril, manhã

SANTA MISSA

*Liturgia da Santa Missa, II Domingo de Páscoa ou
da Divina Misericórdia – Ano A: At 2,42-47; Sal 117 (118); 1Pt 1,3-9; Jo 20,19-31*

HOMILIA DO PADRE EMMANUELE SILANOS

«A paz esteja convosco»: foi assim que, há cerca de um ano, o Papa Leão XIV se apresentou a cada um de nós. «A paz esteja convosco»: são as palavras de Jesus aos seus apóstolos quando os visita pela primeira vez.

Só Cristo pode trazer a paz. Porque a verdadeira paz só se alcança quando se busca a verdade. A busca da verdade é o primeiro antídoto contra a violência e a guerra. Quem quer a guerra não tem interesse pelo que é verdadeiro, mas é sempre, de alguma forma, motivado por um interesse próprio, que é sempre parcial. A ressurreição de Cristo é a afirmação de que Alguém venceu a violência e a morte, a mentira e o mal.

No entanto, continuamos a ter dificuldade em acreditar na ressurreição. Um amigo de Milão escreveu-me a descrever o seu diálogo com um colega que está a aproximar-se novamente da fé, o qual lhe dizia: «Olha, eu consigo acreditar na Encarnação, na Paixão, na morte de Cristo. Mas na Ressurreição?! Se acreditasse na Ressurreição, teria resolvido a minha vida».

Bem, nós somos todos um pouco como aquele amigo, somos todos um pouco como São Tomé. Qual foi o seu erro? O seu erro não foi querer ver e tocar, porque todos nós queremos ver e tocar. E o extraordinário quadro de Caravaggio, que imortaliza Tomé a colocar o dedo no lado de Jesus, continua a expressar esta necessidade absolutamente humana de ver e tocar. O seu erro foi não dar crédito aos seus amigos. Há uma coincidência entre a comunhão que vivemos, a nossa amizade, e o corpo ferido, mas glorioso de Cristo.

O mundo precisa de ver os sinais da Sua ressurreição.

O Enzo Piccinini disse uma vez algo que nós poderíamos dizer agora: «Um ateu que viesse aqui hoje não poderia esgotar o juízo sobre esta assembleia contando o número de cabeças que aqui estão: teria de admitir que a única razão pela qual vale a pena estar aqui hoje é aquele

Cristo que todos dizem estar morto [...] mas que para nós está vivo hoje, aqui, como então. É a mesma coisa, igual, para nós. Estamos juntos, a Igreja existe, porque persiste em dizer que um homem que toda a gente disse ter morrido há dois mil anos está vivo hoje. Mesmo entre eles, tinham medo de o dizer. É exatamente a mesma coisa que sentimos quando ouvimos “Cristo ressuscitado e vivo” aqui, agora. Exatamente a mesma coisa. Sentimos que é razoável, mas temos medo até só de o dizer».²²⁵

Nós temos esta responsabilidade, de ser um sinal no mundo da Sua ressurreição: a única explicação razoável para estarmos aqui agora é que Ele ressuscitou e está vivo. É exatamente o que é descrito na primeira leitura, tirada dos *Atos dos Apóstolos*: aqueles que tinham sido batizados «eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações». É aqui que Cristo ressuscitado está presente e vivo, é aqui que deve ser procurado, entre os vivos! Aqueles a quem o cardeal Pizzaballa, como referia ainda aquele amigo, chama os «ressuscitados de hoje».²²⁶ Esta é, então, a nossa tarefa: ir pelo mundo à procura d’Aquele que está vivo, impresso nos rostos dos santos, que não são os perfeitos, mas sim aqueles homens e mulheres que ardem com a mesma paixão que Ele tinha, paixão para que cada homem O conheça, O ame e O siga. Pois é neste conhecê-l’O e amá-l’O que consiste o cêntuplo aqui na terra e a vida eterna. E é a condição da verdadeira paz.

E não devemos ter medo de mostrar as “chagas gloriosas”, ou seja, as nossas feridas e as nossas imperfeições: elas são continuamente abraçadas, curadas e perdoadas, sinal supremo de que Cristo ressuscitou e é mais forte até do que o nosso mal. Elas são uma forma pela qual Cristo nos diz hoje: «Apesar de tudo, Eu existo».

²²⁵ P.P. Bellini – C. Piccinini, *Querido amigo. Enzo Piccinini nas suas próprias palavras e nos relatos de quem o conheceu*, op. cit., p. 60.

²²⁶ M. Matuzzi, «Alla fine di un mondo. Dialogo con il card. Pizzaballa, tra amaro realismo e speranza cristiana», *Il Foglio*, 14 de abril de 2025.

Sexta-feira, 17 de abril, noite

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: At 5,34-42; Sal 26 (27); Jo 6,1-15

HOMILIA DE DOM ANDREA BELLANDI

ARCEBISPO DE SALERNO-CAMPAGNA-ACERNO

«Que os dias de oração e de reflexão despertem o desejo de regressar à raiz do espanto: o encontro com uma pessoa viva.» Que emoção ouvir estas palavras na mensagem do Santo Padre, que captam a razão última e profunda do nosso estar aqui nos Exercícios: o desejo de regressar à raiz daquele espanto que – fosse há sessenta anos ou no ano passado – nos fez dizer, como São Pedro: «Senhor, aonde iremos? Só Tu tens palavras que dão sentido, consistência à vida».²²⁷ E este juízo coincidiu, sem solução de continuidade, com a pergunta – como João e André, no rio Jordão –: «Mestre, onde moras?». E também nós ouvimos a resposta: «Vinde e vede».²²⁸

A relação com Ele vive e aprofunda-se apenas numa “casa”, numa “morada”: uma fraternidade. No Salmo há pouco proclamado, expressámos em voz alta o que, no coração de cada um de nós, pelo menos uma vez, floresceu como pergunta: «Uma coisa pedi ao Senhor, só isso procuro: habitar na casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do Senhor e admirar o seu santuário».

Todos nós estamos aqui para regressar mais uma vez, como já aconteceu outras vezes – mais pela fidelidade e misericórdia de Cristo para com a nossa vida do que pela nossa “resistência” –, à raiz daquele espanto originário e original, que levou um grande Padre da Igreja a dizer: «Se não fosse teu, meu Cristo, [meu Cristo!], sentir-me-ia uma criatura finita».²²⁹ Se eu – Andrea –, se tu – Davide –, se nós – amigos – não pertencêssemos a Cristo, enxertados definitivamente n’Ele, ontológica e existencialmente, seríamos criaturas destinadas apenas à morte.

²²⁷ Cf. Jo 6,68.

²²⁸ Jo 1,39.

²²⁹ Cf. São Gregório Nazianzeno, «Carmina» II/I, poema LXXIV, vv. 4-12, em *Patrologia Graeca*, XXXVII, Paris 1862, col. 1421-1422.

Com Ele, pelo contrário, tudo se torna familiar e se multiplica, como aqueles pães e aqueles peixes que saciaram a multidão. «Tudo é vosso [...], o mundo, a vida, a morte, o presente, o futuro: tudo é vosso! Mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus.»²³⁰

«Quem és tu? Quem sou eu?», o padre Emmanuele recordou-nos este grito de São Francisco. É para olharmos de frente para estas perguntas – como se fosse a primeira vez – que nos reunimos aqui; e para nos deixarmos novamente conquistar por Aquele que é o único que sabe responder-lhes de forma exaustiva.

²³⁰ 1Cor 3,21-23.

Sábado, 18 de abril, tarde

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: At 6,1-7; Sal 32 (33); Jo 6,16-21

HOMILIA DO P. MAURO-GIUSEPPE LEPORI

ABADE GERAL DA ORDEM CISTERCIENSE

«“Sou eu, não tendes medo!” Quiseram recebê-lo logo no barco, e o barco chegou imediatamente à terra para onde iam».

O sentido da vida, o sentido de todas as coisas, o sentido do homem e do universo, o sentido da história, o sentido de tudo é alcançar o seu objetivo, chegar a tocar o Destino.

Toda a realidade e toda a humanidade encontravam-se a remar freneticamente contra uma força misteriosa e contrária, contra uma objeção universal à tensão de tudo em direção ao Destino para o qual cada ser existe. Tudo luta contra o Inimigo que, desde o início, se levantou contra o sentido que o Criador deu a cada ser, criando-o como “coisa boa”, criando-o para o bem, criando-o para o próprio Deus. Um Inimigo introduziu na realidade uma força contrária à tensão para o Destino. E o homem, ao pecar, deixou-se seduzir pela mentira de poder ser destino para si mesmo, fim em si mesmo. Desde então, a humanidade rema contra o vento contrário ao sentido de toda a vida, de todo o coração, de todo o pensamento, de toda a palavra, de toda a obra, de todo o anseio da alma.

Que cansaço todo este remar contra o vento! Que cansaço remar contra o Inimigo que se opõe ao anseio por Deus de todas as coisas e de todos os corações! Que cansaço a história humana, onde tudo cede à tentação de se tornar cúmplice do vento contrário ao Destino! Não há ideologia, não há sede de poder e de ganância, não há mentira ou guerra que não se abandonem, como folhas de outono, ao vento contrário do Inimigo que se opõe ao anseio universal pelo Destino bom da realidade.

Mas eis que a humanidade, exausta de remar contra o vento, vê Jesus aproximar-se. Ele caminha seguro e tranquilo sobre o mar agitado, e o vento nem sequer lhe despenteia o cabelo. Ele sabe para onde quer ir e nada se opõe nem detém o seu avanço. Ele vai em direção ao Pai de quem veio.

Mas não quer ir sozinho. O seu caminho impossível e sereno em direção ao Destino eis que se desvia para nós. Aproxima-se do barco. Que reviravolta incrível dá o Mistério na sua vinda eterna e imutável do Pai e no seu regresso a Ele! Tanto que a sua vinda aos discípulos parece impossível, irreal, um fantasma. Até que essa vinda impossível se aproxima, a ponto de deixar ver o Seu rosto e ouvir a Sua voz: «Sou eu, não tenham medo!». Sou eu que venho, sou eu que domino o mar, sou eu que venço todas as adversidades do Inimigo à vossa tendência para o Destino. Sou eu o Destino que vem, o Destino presente!

«Quiseram recebê-lo logo no barco, e o barco chegou imediatamente à terra para onde iam». O Destino que vem transforma a realidade humana em que vivemos, em que lutamos contra o vento do Inimigo, num barco que, alcançado e tocado por Cristo, toca a margem. Ninguém chega à margem sozinho, como um naufrago que consegue salvar-se com as suas próprias forças ou por sorte, mas numa barca que a vinda de Cristo tornou ponto de comunhão com Ele e entre nós.

A Igreja é a barca daqueles que, ao ouvirem a Sua voz que vence o medo, reconhecem a presença de Cristo que vence em nós e entre nós todo o vento contrário àquilo para que fomos feitos. E assim a barca da Igreja toca, experimenta, agora e para sempre, o sentido da vida.

Mas tudo isto seria apenas uma bela imagem piedosa, se não vissemos reproduzir-se a mesma cena, com as mesmas dimensões e o mesmo horizonte, na vida quotidiana da Igreja, como a primeira leitura nos ilustrou. Na comunidade que avançava decidida, impulsionada pelo sopro de Pentecostes, eis que se insinua um vento contrário, o vento do Inimigo. A unidade deteriora-se com o sopro do descontentamento, da murmuração. Os irmãos e irmãs cristãos já não estão contentes uns com os outros. Há um problema real, tal como era real a tempestade no mar; mas por que prevalece a amargura? Por que é que o estar juntos já não tem aquele sabor dos primórdios, aquela paixão pela qual se renunciava a tudo para afirmar que se estava unidos em Cristo e por Cristo?

Mas agora os apóstolos aprenderam o método para corresponder à salvação de todo este vento inimigo que pretende contrariar o sopro do Espírito. Não organizam melhor as coisas, diria *don* Giussani, mas inserem no problema e no descontentamento algumas pessoas que vivem de Cristo, pessoas «cheias de Espírito e de sabedoria», homens para quem a fé é vida e a vida é reconhecer Jesus Cristo que vem para nos salvar.

Homens que, com simplicidade e verdade, encarnam Jesus que vem tocar a nossa humanidade para lhe dar a graça de alcançar o Destino. Então, toda a barca da comunidade percebe que Cristo está presente e, ajudada a contemplá-Lo, verdadeiramente presente, deixa-se envolver na nova criação, na nova criatura por Aquele que sempre nos diz: «Sou eu [Apesar de tudo, Eu existo!], não tenham medo!».

Domingo, 19 de abril, manhã

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: III Domingo de Páscoa - Ano A;

At 2,14a.22-33; Sal 15 (16); 1Pt 1,17-21; Lc 24,13-35

HOMILIA DE DOM GIOVANNI PACCOSI

BISPO DE SAN MINIATO

«Regresse p’lo nosso caminho / nos inflame a Sua Palavra», cantámos, «de novo, no pão repartido, / veremos Seu rosto glorioso».²³¹ É aquilo que acontece agora, agora e aqui.

Ouvimos como, na primeira e na segunda leitura, a liturgia nos apresenta a vida da primeira comunidade cristã, a Igreja nascente, e nela se destaca a figura de Pedro, no testemunho alegre e ardente da experiência de Cristo ressuscitado, e na dos discípulos de Emaús, que O reconhecem ao partir o pão. E sobretudo depois, quando O reconheceram, aperceberam-se de que o seu novo juízo, a forma diferente como Ele interpretava a mesma história que eles tinham vivido, fazia arder os seus corações, reconhecendo uma verdade que nem sequer tinham imaginado enquanto a tristeza os envolvia. Vemos precisamente o nascimento e o movimento inicial desta companhia em que eles e nós descobrimos que viver, como nos disse o padre Emmanuele, é pertencer a Cristo ressuscitado, que reconhecemos presente entre nós.

E é este deixar-nos transformar, invadir e mudar por Ele, a tarefa que temos. É uma consciência nova que se renovou para nós, digo-o antes de mais por mim, nestes dias. É o que ouvimos no Salmo: «Disse ao Senhor: “Tu és o meu Senhor”. [...] nas tuas mãos está a minha vida, tu me mostrarás o caminho da vida. [...] alegria plena na tua presença». São palavras que fizemos nossas nestes dias.

Mas, dizia eu, impressiona-me Pedro com esta sua audácia missionária, com o seu juízo novo. Era a manhã de Pentecostes quando ele dizia estas coisas, mas nas semanas anteriores tínhamo-lo visto perturbado e tão incapaz de realizar sequer um único gesto correto perante a paixão de Jesus.

²³¹ «A aurora resplende de luz», hino das Laudes de Domingo, em *Livro das horas*, op. cit., pp. 46-47.

No entanto, aconteceu alguma coisa: aconteceu o Espírito. Por isso, agora Pedro diz: «Este Jesus, Deus ressuscitou-o e todos nós somos testemunhas disso. Elevado, portanto, à direita de Deus e depois de ter recebido do Pai o Espírito Santo prometido, derramou-o, como vós mesmos podeis ver e ouvir».

É o que nos era dito esta manhã: «Vinde e vede». Pedro observa: «Percebem? Somos nós e vejam como estamos diferentes». Como é possível, senão pelo Espírito que tornou Cristo presente para ele e entre nós? Que o Espírito de Cristo foi derramado, vê-se na nova comunidade.

Depois, Pedro indica a fonte desta humanidade nova, desta companhia nova: a Primeira Carta de Pedro é belíssima, devíamos relê-la muitas vezes; *don* Giussani retomou muitos trechos dela. O que ouvimos é aquilo em que Pedro diz: «Se chamais Pai aquele que, sem fazer distinções, julga cada um segundo as suas obras, comportai-vos com temor de Deus durante o tempo em que viveis aqui como estrangeiros». Aprenderam a chamar Pai a Deus: foi Jesus quem nos fez descobri-Lo, filhos no Filho; e então somos como estrangeiros no mundo, não estrangeiros porque não nos importamos com o mundo, mas porque agora a nossa pátria não é a glória terrena, mas é Cristo, é a glória de Deus neste mundo, porque fomos investidos por Cristo, pela vida verdadeira; nós somos Seus, e não do mundo.

Ontem à noite, uma amiga pediu-me para lhe passar a citação de Aziani com que o padre Emmanuele concluiu a lição da manhã. Ao procurá-la, surpreendeu-me reler também o resto daquela cartinha que ele tinha escrito ao seu amigo Dado. Retomo-a: «Caro Dado, um abraço imenso e uma lembrança muito carinhosa. Como posso deixar de te dizer que sinto a tua falta?». Tendo conhecido o Andrea, posso garantir-vos que não era uma frase que se ouvisse dizer frequentemente da sua parte: «tenho saudades tuas». «Talvez não acredites, mas o facto é que, a certa altura, descobrimos que somos verdadeiramente necessários (perdoa a palavra) uns para os outros», diz ele quase com pudor, porque não quer reduzir esta afirmação a algo sentimental; de facto, logo a seguir acrescenta: «Mas, na realidade, o que é necessário é a nossa companhia ou, melhor, a nossa companhia vocacional» – aliás, são as últimas palavras de *don* Giussani no Manifesto de Páscoa deste ano. É-nos necessária, necessária «para nós mesmos, para os amigos,

para os inimigos, para o mundo». Esta companhia é necessária porque nela está Cristo e, em seguida, acrescenta: «Estou certo de que neste “banho missionário” destes dias emerge, cresce, poderosa e alegre em ti – portanto, em todos nós – a consciência, a certeza do que é Cristo em nós e para nós», ou seja, uma companhia dominada pela presença de Cristo. Depois cita: «O quam amabilis es, bom Jesus. Sentia, no retiro do Advento, *don* Giussani ansioso por comentar estes versículos. Bom trabalho para esta última etapa. Que a unidade [...] entre vós [...] e entre todos vós e o movimento seja o *leitmotiv*, o tema capaz de tornar possível e perceptível o Acontecimento». A nossa unidade para que Ele seja reconhecido. E depois, a frase belíssima: «Que alguém se apaixone por aquilo que nos apaixonou! Mas [...] para que assim seja, temos de arder, literalmente arder de paixão pelo homem, para que Cristo o alcance». E conclui: «“O fogo tem de arder”. Lembras-te do lema de Cantagalli [que retoma o lema de Santa Catarina], Siena? [Eles estiveram juntos em Siena, Dado e Andrea] Obrigado pela tua presença esplêndida, humilde e generosa e pela tua amizade fraterna».²³²

Pois bem, uma amizade tão humilde e segura, inteiramente voltada para o reconhecimento de Cristo, é a que vivemos nestes dias e que somos chamados a tornar cada vez mais resplandecente entre nós e para o mundo inteiro.

²³² G. Mereghetti - G.C. Peluso, *Andrea Aziani febbre di vita*, op. cit., pp. 116-117.

TEXTO ENVIADO PELO CARDEAL KEVIN JOSEPH FARRELL
HOMILIA PARA A SANTA MISSA DE SÁBADO, 18 DE ABRIL*

Liturgia da Santa Missa: Sábado, II semana de Páscoa; At 6,1-7; Sal 32; Jo 6,16-21

Caros irmãos e irmãs,

as leituras bíblicas que ouvimos refletem o clima de luz e de letícia que a Igreja vive no tempo pascal.

O texto dos *Atos dos Apóstolos* conta-nos o grande crescimento da comunidade cristã de Jerusalém, um crescimento tornado possível também pela comunhão e pela concórdia que viviam no seu seio. Para conservar a comunhão, é necessário fazer escolhas sensatas e prudentes. É o que acontece diante do pedido dos recém-convertidos de língua grega para que as suas viúvas não sejam negligenciadas. Trata-se provavelmente de judeus não residentes em Jerusalém, que viviam em regiões fora da Palestina, com um culto sinagoga celebrado em grego, diferente do dos judeus locais, de língua aramaica. Estes, no entanto, não são considerados pela comunidade como fiéis de “segunda categoria”. Os Apóstolos dão ouvidos ao seu pedido e propõem que sejam eles próprios a identificar as pessoas adequadas, indicando como critério a presença de certas qualidades humanas – uma “boa reputação” – e espirituais – “estarem cheios do Espírito e de sabedoria”. Este aspeto é interessante: os Doze não impõem de cima pessoas da sua escolha, mas pedem que seja a própria comunidade a propor nomes. São assim escolhidos sete homens – a partir desse momento denominados “diáconos” – todos com nomes gregos, evidentemente pela sua capacidade de se relacionarem com a componente da Igreja de língua e cultura gregas. São depois apresentados aos Apóstolos, que os “consagram” para o novo ministério através da imposição das mãos. Há aqui uma sinergia entre a escolha “de baixo”, por parte da comunidade, e a confirmação “de cima”, por parte daqueles que detêm a autoridade.

É um episódio luminoso: chama-nos, antes de mais, a atenção para a importância de não negligenciar as necessidades e as dificuldades manifestadas pelos vários grupos presentes no seio da comunidade cristã.

* Publicamos aqui o texto escrito pelo Cardeal Kevin Joseph Farrell, Prefeito do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, que tinha sido convidado para presidir à celebração eucarística de sábado, 18 de abril. Impossibilitado de participar, o Cardeal enviou o texto que tinha preparado para a homilia, publicado no próprio dia em *clonline*.

Ninguém deve ser ignorado ou posto de lado. As dificuldades, se não forem ouvidas, podem, a longo prazo, tornar-se causa de mal-estar e até de afastamento da comunidade. Esta escuta insere-se, porém, no desejo maior de preservar a comunhão no seio da Igreja.

A comunhão tem a sua raiz na relação que cada um estabeleceu com Deus e que une também os irmãos entre si. Don Giussani expressava isto de uma forma simples, afirmando: «O espírito de comunhão [na Igreja] é o reconhecer-te porque Deus te tocou tal como me tocou a mim, e tu O reconheceste tal como eu, e [...] te reconheces juntamente comigo».²³³ Ou seja, reconheço no outro a mesma experiência fundamental de Deus que marcou a minha vida, que cria uma sintonia especial entre nós, e que agora nos torna irmãos.

Esta comunhão é o dom mais bonito que o Espírito Santo concedeu à Igreja de Cristo, e por isso os Apóstolos têm a preocupação de usar caridade e prudência para a conservar. Pode haver várias componentes culturais, várias sensibilidades, várias “almas” na Igreja – tal como existiam, na sua época, os cristãos de cultura grega e os cristãos de cultura hebraica – mas a comunhão em Cristo está acima de qualquer diferença cultural, acima de qualquer sensibilidade espiritual, acima de qualquer forma subjetiva de entender a experiência cristã. As várias sensibilidades, as várias orientações de pensamento não devem nunca tornar-se ocasiões para promover reivindicações, rancores e lutas de poder, mas devem ser reconduzidas àquela unidade na multiplicidade que é típica da Igreja católica, em qualquer dimensão sua.

Este episódio recorda-nos também a importância de escolher as pessoas certas, que sejam de verdadeira utilidade e apoio para a comunidade, indicando critérios claros para a escolha e as qualidades exigidas. Vemos também que o objetivo principal que animou todas as decisões da Igreja primitiva foi a missão: a escolha dos sete diáconos permite manter viva a dupla missão de anúncio e de serviço, ou seja, a pregação da Palavra por parte dos Doze e a ajuda aos necessitados por parte dos diáconos. É sempre a missão que orienta as escolhas e as torna sábias e frutíferas, e não outros critérios ou interesses privados, de grupos ou de indivíduos.

Portanto, a capacidade de ouvir todos, o desejo de preservar a comunhão, a escolha das pessoas adequadas para os diversos serviços, a

²³³ L. Giussani, *Un volto nella storia. Il compito della Chiesa nel mondo (1969-1970)*, op. cit., p. 57.

orientação prioritária para a missão: são estas características que surgem como evidentes na Igreja primitiva e que, também para nós, continuam a ser fonte de inspiração e de modelo.

O Evangelho descreve-nos a situação dos discípulos, no final de um dia intenso de missão juntamente com o Mestre, enquanto tentam regressar às suas casas, em Cafarnaum. Já está escuro e são surpreendidos pelo mar agitado e pelo vento forte. Nesta situação de angústia, veem Jesus vir na sua direção caminhando sobre as águas e são tomados pelo medo. Parece quase que o verdadeiro motivo do seu medo não é tanto o mar agitado, mas aquela forma inesperada e inquietante com que Jesus se apresenta. N'Ele surge a manifestação poderosa do próprio Deus, aquele que as Escrituras descrevem como Aquele que «sozinho formou a extensão dos céus e caminha sobre as ondas do mar», como diz o Livro de Job (Jb 9,8). Os Salmos descrevem muitas vezes Deus como dominador do mar (cf. Sal 107,23-25; Sal 93,4), que na Bíblia representa a força do caos e o mal em ação no mundo. O Deus “dominador do mar” está presente agora em Jesus: n'Ele surge o Deus do êxodo que abriu um caminho de salvação para o seu povo através do mar. E isto provoca medo.

Se pensarmos bem, é isto que muitas vezes também nos acontece a nós. As circunstâncias difíceis em que nos encontramos muitas vezes inquietam-nos: doenças, dificuldades económicas, problemas familiares, incompreensões nas relações. Porém, quando Deus se apresenta a nós como Aquele que pode acalmar todas as tempestades da nossa vida, paradoxalmente, em vez de ficarmos consolados, ficamos assustados. O nosso coração perdeu a familiaridade com Deus e a confiança inocente que tínhamos n'Ele antes do pecado. O pecado original deixou em nós quase uma “suspeita” sobre Deus: “não podemos confiar totalmente n'Ele!”, parece dizer uma voz dentro de nós, mesmo quando nas provas se apresenta como nosso libertador.

Porém Jesus, nesta situação, mostra-se cheio de misericórdia. Ele revela-se aos discípulos com o nome divino por excelência: «Eu sou» (cf. Ex 3,15). O que quer dizer: “verdadeiramente, eu sou Deus”! Tudo está nas minhas mãos! Podemos aplicar a esta cena uma passagem do profeta Isaías que afirma: «Nada temas, porque Eu estou contigo; não te angusties, porque Eu sou o teu Deus. Eu fortaleço-te e auxilio-te, e amparo-te com a minha mão direita e vitoriosa» (Is 41,10). É esta a

força que Jesus quer infundir nos Apóstolos e é a certeza que quer dar ao nosso coração.

O episódio conclui-se de uma forma quase brusca: os apóstolos querem levar Jesus para o barco para o terem consigo, mas parece que isso não é necessário, o barco, quase instantaneamente, toca na margem. Também nós queremos deixar Deus entrar em cada detalhe da nossa existência, para que os erros, as falhas e as feridas que temos sejam sanadas. Queríamos tê-lo “no barco”, ou seja, queríamos ver resolvidos todos os nossos problemas antes de prosseguir. Mas não é necessário. É suficiente que Deus se manifeste “à distância”, que pronuncie a sua palavra de autoridade: “Eu sou”, isto é, “eu estou presente ao teu lado!”. E isto é suficiente para retomar o caminho e chegar rapidamente à meta.

Caríssimos, é esta certeza que o tempo pascal infunde em nós. Cristo Ressuscitado torna-se próximo de todos nós e diz-nos “Eu sou!”. E a sua presença muda tudo! Ainda que Cristo não tenha “subido para o barco”, ainda que pareça que Ele continua a ser um estranho, ainda que tantas zonas da nossa existência sejam ainda obscuras e tantos problemas tenham ficado por resolver, com Ele tudo muda. Com Ele toca-se a margem e alcança-se a meta da existência. É a certeza do anúncio pascal, que nos dá coragem e que todos vós sois convidados a acolher, individualmente e enquanto movimento. A certeza da presença de Cristo Ressuscitado – vivida por nós na Igreja – faz-nos superar qualquer noite escura, qualquer mar tempestuoso, qualquer vento contrário, mesmo aqueles que às vezes experimentamos enquanto comunidade cristã.

Encorajo-vos, portanto, a levantar sempre o olhar para Cristo, a confiar n’Ele, a invocá-lo nos momentos de provação e a permanecer solidamente ancorados ao barco da Igreja, que Ele conduz sempre à salvação.

Ámen.

TELEGRAMAS ENVIADOS

Sua Santidade, Papa Leão XIV

Santidade,

cerca de 20 mil pessoas reunidas presencialmente em Rimini, em ligação com mais de três mil pessoas ligadas a partir das suas casas por não poderem deslocar-se e com as comunidades estrangeiras de 19 países do mundo, realizaram em dois turnos (o primeiro na semana passada, o segundo nestes dias) os Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação. Outros 53 países realizarão os Exercícios nas próximas semanas.

Intitulados «*E vós, quem dizeis que eu sou?*», os Exercícios foram pregados pelo padre Emmanuele Silanos, sacerdote da Fraternidade dos Missionários de São Carlos Borromeu e membro da Diaconia Central da Fraternidade de CL. Em Espanha (e para os outros países de língua espanhola) e nos Estados Unidos, a pregação foi confiada ao padre Javier Prades López, sacerdote da Diocese de Madrid e membro da Comissão Teológica Internacional.

Refletindo em particular sobre alguns episódios evangélicos e fazendo referência aos temas que Monsenhor Luigi Giussani aborda no livro *A origem da pretensão cristã* – sobre o qual as nossas comunidades estão a desenvolver o trabalho de catequese através da Escola de Comunidade –, as lições aprofundaram como Jesus Cristo, ao revelar-se a si mesmo, «revela o homem ao homem» (cf. *Gaudium et spes*, 22). Foi uma ocasião para recordar o propósito pelo qual Cristo veio ao mundo: revelar-nos o Pai e reconduzir-nos a Ele.

Cristo, ao dar a vida por cada um de nós, faz-nos objeto do seu maior dom: torna-nos filhos no Filho e “criatura nova”, capaz de um juízo novo sobre a realidade, que ama a Igreja e que se empenha em construí-la no mundo.

A participação de Sua Excelência, Dom Ivan Maffei, Conselheiro Espiritual da Fraternidade, e a homilia que nos foi enviada por Sua Eminência, o Cardeal Kevin J. Farrell (que, por motivos alheios à sua vontade, não pôde estar presente para celebrar a Santa Missa), foram

para nós uma confirmação autorizada de que a Igreja nos sustenta e nos acompanha ao longo do nosso caminho de fé.

Unindo-nos ao seu incansável esforço pela paz e pela reconciliação entre os povos, rezamos ao Senhor por Sua Santidade e confiamo-nos à sua bênção paterna.

Com devoção,
Davide Prosperi

S.E.R. cardeal Kevin Joseph Farrell
Prefeito do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida

Eminência reverendíssima,
cerca de 20 mil pessoas reunidas presencialmente em Rimini, em ligação com mais de três mil pessoas ligadas a partir das suas casas por não poderem deslocar-se e com as comunidades estrangeiras de 19 países do mundo, realizaram em dois turnos (o primeiro na semana passada, o segundo nestes dias) os Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação. Outros 53 países realizarão os Exercícios nas próximas semanas.

Intitulados «*E vós, quem dizeis que eu sou?*», os Exercícios foram pregados pelo padre Emmanuele Silanos, sacerdote da Fraternidade dos Missionários de São Carlos Borromeu e membro da Diaconia Central da Fraternidade de CL. Em Espanha (e para os outros países de língua espanhola) e nos Estados Unidos, a pregação foi confiada ao padre Javier Prades López, sacerdote da Diocese de Madrid e membro da Comissão Teológica Internacional.

Refletindo em particular sobre alguns episódios evangélicos e fazendo referência aos temas que Monsenhor Luigi Giussani aborda no livro *A origem da pretensão cristã* – sobre o qual as nossas comunidades estão a desenvolver o trabalho de catequese através da Escola de Comunidade –, as lições aprofundaram como Jesus Cristo, ao revelar-se a si mesmo, «revela o homem ao homem» (cf. *Gaudium et spes*, 22). Foi uma ocasião para recordar o propósito pelo qual Cristo veio ao mundo: revelar-nos o Pai e reconduzir-nos a Ele.

Cristo, ao dar a vida por cada um de nós, faz-nos objeto do seu maior dom: torna-nos filhos no Filho e “criatura nova”, capaz de um juízo novo sobre a realidade, que ama a Igreja e que se empenha em construí-la no mundo.

A participação de Sua Excelência, Dom Ivan Maffeis, Conselheiro Espiritual da Fraternidade, e a homilia que Vossa Eminência nos enviou (disponibilizada no site *clonline* e que será incluída no livrinho dos Exercícios que será publicado em breve), foram para nós uma confirmação autorizada de que a Igreja nos apoia e nos acompanha ao longo do nosso caminho de fé. Lamentamos muito que não tenha podido estar presente e esperamos poder voltar a encontrá-lo em breve.

Com afeto filial, rezamos ao Senhor por Vossa Eminência e confiamos-nos à sua bênção paterna.

Davide Prosperi

S.E.R. cardinal Matteo Maria Zuppi

Presidente da Conferência Episcopal Italiana

Eminência reverendíssima,

cerca de 20 mil pessoas reunidas presencialmente em Rimini, em ligação com mais de três mil pessoas ligadas a partir das suas casas por não poderem deslocar-se e com as comunidades estrangeiras de 19 países do mundo, realizaram em dois turnos (o primeiro na semana passada, o segundo nestes dias) os Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação. Outros 53 países realizarão os Exercícios nas próximas semanas.

Intitulados «*E vós, quem dizeis que eu sou?*», os Exercícios foram pregados pelo padre Emmanuele Silanos, sacerdote da Fraternidade dos Missionários de São Carlos Borromeu e membro da Diaconia Central da Fraternidade de CL. Em Espanha (e para os outros países de língua espanhola) e nos Estados Unidos, a pregação foi confiada ao padre Javier Prades López, sacerdote da Diocese de Madrid e membro da Comissão Teológica Internacional.

Refletindo em particular sobre alguns episódios evangélicos e fazendo referência aos temas que Monsenhor Luigi Giussani aborda no livro

A origem da pretensão cristã – sobre o qual as nossas comunidades estão a desenvolver o trabalho de catequese através da Escola de Comunidade –, as lições aprofundaram como Jesus Cristo, ao revelar-se a si mesmo, «revela o homem ao homem» (cf. *Gaudium et spes*, 22). Foi uma ocasião para recordar o propósito pelo qual Cristo veio ao mundo: revelar-nos o Pai e reconduzir-nos a Ele.

Cristo, ao dar a vida por cada um de nós, faz-nos objeto do seu maior dom: torna-nos filhos no Filho e “criatura nova”, capaz de um juízo novo sobre a realidade, que ama a Igreja e que se empenha em construí-la no mundo.

A participação de Sua Excelência, Dom Ivan Maffeis, Conselheiro Espiritual da Fraternidade, e a homilia que nos foi enviada por Sua Eminência, o Cardeal Kevin J. Farrell (que, por motivos alheios à sua vontade, não pôde estar presente para celebrar a Santa Missa), foram para nós uma confirmação autorizada de que a Igreja nos sustenta e nos acompanha ao longo do nosso caminho de fé.

Com afeto filial, rezamos ao Senhor por Vossa Eminência e confiamos-nos à sua bênção paterna.

Davide Prosperi

A ARTE NA NOSSA COMPANHIA

Por Sandro Chierici

O ciclo de frescos da Abadia de Sant' Angelo, em Formis, encomendado e, provavelmente, inspirado pelo abade Desiderio de Montecassino no final do século XI, embora não integralmente conservado, permite-nos identificar, na sequência dos rostos das figuras representadas, um fio-condutor que parte da pergunta espantada dos discípulos e dos outros presentes diante do comportamento de Jesus – «Quem é este...» – e capta a reviravolta de perspectiva que Jesus propõe – «Vós, quem dizeis que eu sou...» – para se concluir diante do rosto de Cristo que pergunta a cada um, individualmente – «Quem sou eu para ti?».

Vista do interior

Nave central, parede meridional, milagres de Jesus

O encontro com Zaqueu

A samaritana

A adúltera

O cego de nascença

A ressurreição de Lázaro

A mãe de Tiago e João

A ceia em Betânia

A entrada em Jerusalém

A última ceia

O lava-pés

Nave central, parede setentrional, histórias da Paixão e Ressurreição

A oração no horto

O beijo de Judas

Cristo ridicularizado

Pilatos lava as mãos

A subida ao calvário
A crucifixão
A deposição no sepulcro
A descida aos infernos
Os discípulos de Emaús
A aparição no lago de Tiberíades
A incredulidade de Tomé
Vista da abside
Cristo no trono

As imagens foram gentilmente cedidas pela Biblioteca Hertziana, Roma.

Índice

MENSAGEM ENVIADA PELO PAPA LEÃO XIV	3
-------------------------------------	---

Sexta-feira, noite

SAUDAÇÃO INTRODUTÓRIA	4
INTRODUÇÃO – « <i>Quem dizem os homens que eu sou?</i> »	13

Sábado, manhã

PRIMEIRA MEDITAÇÃO – « <i>E vós, quem dizeis que eu sou?</i> »	25
--	----

Sábado, tarde

SEGUNDA MEDITAÇÃO – <i>Filhos no Filho: a experiência do cêntuplo</i>	51
---	----

Domingo, manhã

ASSEMBLEIA (PRIMEIRO TURNO)	75
ASSEMBLEIA (SEGUNDO TURNO)	93

Homilias

Sexta-feira, 10 de abril – DOM MASSIMO CAMISASCA	116
Sábado, 11 de abril – DOM IVAN MAFFEIS	118
Domingo, 12 de abril – PADRE EMMANUELE SILANOS	121
Sexta-feira, 17 de abril – DOM ANDREA BELLANDI	123
Sábado, 18 de abril – P. MAURO-GIUSEPPE LEPORI	125
Domingo, 19 de abril – DOM GIOVANNI PACCOSI	128
TEXTO ENVIADO PELO CARDEAL KEVIN JOSEPH FARRELL	131

TELEGRAMAS ENVIADOS	135
---------------------	-----

A ARTE NA NOSSA COMPANHIA	139
---------------------------	-----

Tradução: Maria Inácia de Lucena Ramos Ascensão

© 2026 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de L. Giussani, D. Prosperi e E. Silanos

